ESCRITOS DE CAMILO

I — CARTAS

II — NOTAS EM LIVROS

NOTÍCIA POR

JÚLIO DIAS DA COSTA

PORTVGALIA

EDITORA

75, Rua do Carmo, 75

LISBOA

1923

ESCRITOS DE CAMILO

Desta obra fez-se uma tiragem especial de cinqüenta exemplares, numerados e assinados pelo anotador.

ESCRITOS DE CAMILO

I — CARTAS
II — NOTAS EM LIVROS

NOTÍCIA POR

JÚLIO DIAS DA COSTA

PORTVGALIA
EDITORA
75, Rua do Carmo, 75
LISBOA
1922

À MEMÓRIA

DE

Aquiles Gonçalves

«Só morrem de todo aquelles que não deixam na terra um coração onde viva a sua memoria querida.»

Camilo.

Entre os escritos de Camilo são sem dúvida dos mais interessantes as cartas e as notas à margem dos livros da sua livraria.

Todas as pessoas que a estudos camilianos se dedicam, conhecem e apreciam essas duas espécies de escritos não destinados ao público e, portanto, revelando a figura do autor tal como era na realidade.

E' nas cartas que êle nos aparece em toda a sua grandeza e em todas as suas misérias; por isso eu entendo que todas elas devem ser publicadas, todas, sem exclusão daquelas que o deixem em situação menos primorosa quanto às suas qualidades de carácter.

E' preciso que nos convençamos de que estudar Camilo não tem por fim dar-lhe um lugar no *Flos Sanctorum*, fazê-lo entrar no reino dos céus.

Para estudar a obra de qualquer escritor, é indispensável conhecer a sua vida, as suas paixões, os seus vícios, as suas virtudes, em suma, todos os

elementos que influem nessa obra, e em Camilo, particularmente, é necessário êsse conhecimento porque os seus livros a cada passo reflectem o seu estado de alma determinado pelas convulsões da sua agitada vida, sobretudo no campo passional.

Assim, para que se possa fazer um estudo sciente e consciente da sua figura literária, é condição basilar o conhecimento profundo do homem na sua vida particular e até mesmo na íntima.

Bem sei que certos sentimentalistas piegas se horrorizam com essa idea, acoimando de bisbilhoteiros e de senhoras vizinhas os que como eu pensam. São uns que dizem que para conhecer e apreciar a obra não é preciso indagar da vida do autor. São os que separam a personalidade do homem da do escritor.

São os mesmos que diferençam a honestidade política da honestidade pessoal, invenção extremamente cómoda para que qualquer malandrim faça todas as tropelias políticas sem deixar de ser um homem de bem.

Homem de bem porque paga as suas dívidas e não rouba carteiras. Mas pode vender o pai e a mãe por dez votos. Isso é um acto *do político*. O homem fica sempre imaculado.

Ora êsse sistema de conhecer a obra sem saber do autor, está muito bem para quem lê os romances pelo seu *enrêdo* e nada mais.

Está muito bem para as meninas que deliram com o *Amor de Perdição*, mas não serve para mais nada.

O estudo, digno dêsse nome, da obra dum escritor — Camilo, no caso presente — não pode ser desacompanhado do estudo do homem.

Para êsse trabalho devem ser aproveitados todos os elementos e é inegável que as cartas são dos mais valiosos, como já tem sido reconhecido por tantas pessoas.

Já em 1905, ao começar, no mensário portuense *A Revista*, a publicação das cartas de Camilo a Martins Sarmento, João de Meira escrevia: «A correspondencia de Camillo Castello Branco constitue, a julgar pelo que d'ella tem sido dado a lume, um brilhante commentario da sua obra e da sua personalidade. E seria um incontestavel serviço prestado ás lettras patrias, a par de uma merecida homenagem á memoria do escriptor a publicação methodica, não só das cartas dispersas por varias obras como tambem a de todas aquellas que ainda hoje se acham ineditas e são muitas, ao que parece.»

Foram estas palavras escritas em 8 de Março de 1905. O seu autor morreu prematuramente, em pleno vigor do seu grande talento.

Estão passados mais de dezassete anos e a compilação sistematizada está por fazer.

Está por fazer, mas estou certo de que se fará. Chega sempre a hora da justiça.

Mas, para que se leve a cabo essa obra definitiva, é preciso que todos os detentores de cartas as publiquem ou facilitem a outrem êsse trabalho.

Só assim o organizador da compilação metódica

encontrará os elementos necessários, a matéria prima para a sua tarefa.

Muitas das cartas publicadas encontram-se em revistas e jornais, o que dificultará o trabalho do compilador.

E' certo que essas dificuldades serão em parte removidas pelo trabalho de Cardoso Marta que se propôs reünir em livro muitas dessas cartas dispersas, trabalho de que, até agora, apenas saíu o primeiro volume.

A compilação de Cardoso Marta prestará, se fôr por diante, um valioso serviço ao futuro coordenador da correspondência de Camilo, metòdicamente disposta.

Por minha parte, alguma cousa tenho feito no sentido de coligir elementos para o trabalho a fazer. Publiquei uma carta dirigida a Tomás de Carvalho, as escritas a Trindade Coelho e as que pude obter relativas ao livro *Obolo ás Creanças.* Além disso, forneci a Cardoso Marta muitos elementos para a sua obra já referida.

Tenho feito alguma cousa e é por isso que digo o que se deve fazer. Se nada tivesse feito, nada diria porque nunca envergaria o hábito de Fr. Tomás que, entre todos os frades, me é especialmente antipático.

Continuando a cumprir o dever — que por estar em desuso não deixa de ser elementar — de proceder em conformidade com o que digo, venho hoje trazer a público mais algumas cartas.

Além delas, publico tambem as notas que Camilo escreveu em vários livros que lhe pertenceram.

E' sabido que êle anotava quase todos os seus livros, à medida que os ia lendo.

«Naquele remanso da aldeia lia tudo o que lhe caía às mãos, fôsse o que fôsse — até relatórios de bancos e companhias. Aquela retina estava sensibilizada para a letra de fôrma; quando lhe faltou êste pasto estésico, a cabeça foi descaíndo até encontrar o cano do revólver que a estourou. Lia e comentava, crivando com freqüência as margens de ironias do seu punho; raro quem lhe escapasse ao ferrão satírico.», escreveu há pouco o sr. Dr. Ricardo Jorge.

Então o seu génio, em plena liberdade, expandia a veia crítica e nada perdoava ao autor do livro, amigo, inimigo ou simples desconhecido.

O mais insignificante êrro, a mais ligeira incor recção gramatical, uma opinião menos conforme com a sua, eram logo anotados com o seu formidável sarcasmo, e, deve reconhecer-se, quase sempre com razão.

Tem-se dito que Camilo anotou os seus livros em vésperas de os leiloar, valorizando-os assim para que mais rendesse a operação.

Albino Forjaz de Sampaio comenta: *tontice.*

Eu, mais camilianamente, direi: *asneira.*

Alguém o disse e muitos o teem repetido sem pensar um minuto, tempo mais que suficiente para o imenso talento do compatriota medir a grandeza do disparate.

De facto, essa tarefa de anotar eruditamente centenas de livros, de afogadilho, seria um calvário de nova espécie para o torturado escritor, como diz Albino Forjaz.

Mas há mais. Camilo, depois do leilão, continuou anotando os livros que lhe ficaram ou que depois adquiriu, e certamente não era com a idea de fazer ainda outro leilão.

A prova encontra-se no catálogo dos livros que a família do romancista vendeu para o museu, que está publicado no *Camillo Homenageado*. Aí figuram muitos livros anotados por Camilo e publicados depois de 1883, o que afasta a suspeita, que poderia surgir, de que tais livros estivessem destinados ao leilão realizado naquele ano e por qualquer motivo não tivessem sido leiloados.

Citarei ainda dois casos a que encontro referência em artigos do sr. Dr. Ricardo Jorge.

Trata-se de dois livros que S. Ex.ª possui.

Um deles, o drama *D. Ignez de Castro*, de Júlio de Castilho, está copiosamente anotado e no ante-rosto tem, por letra de Camilo, o seguinte:

Relido em 22 de Dezembro de 85.

O outro livro é o *Anti-Christo*, de Gomes Leal, e tem tambem curiosíssimas notas camilianas, sendo uma assinada e datada de 13 de Maio de 1886.

Ora o leilão realizou-se em 1883, como disse.

Estes casos, e com certeza muitos outros haverá, bastam para provar a inanidade da tolice que tem feito carreira e que é uma das muitas que, com uma

assombrosa receptividade, o português ouve, acredita e repete sem exame, muito especialmente quando nelas há algo de venenoso.

Muitas notas vieram já a público.

O falecido Diogo Seromenho e os srs. Albino Forjaz de Sampaio, Álvaro Neves, Dr. António Cabral e Dr. Jorge de Faria teem contribuído largamente para essa utilíssima obra.

Outros há ainda, mas, para não alongar a lista, apenas me referirei ao falecido Dr. Teixeira de Carvalho, tam querido das gerações académicas que por Coimbra passaram nos últimos quarenta anos, o eterno rapaz a quem nem as insígnias doutorais nem as apostólicas barbas prematuramente embranquecidas toldaram a exuberante alegria do seu espírito sempre moço.

Pouco antes de falecer, publicou êle no *Boletim* da Biblioteca da Universidade uma desenvolvida notícia duma obra anotada por Camilo, existente nesse estabelecimento.

E' o *Ensaio Biographico-Critico*, de Costa e Silva.

São muitas e muito curiosas as notas e é interessantíssimo o artigo (recentemente reproduzido no opúsculo *Dois capítulos sôbre Camilo Castelo Branco*), pelo que lhe faço aqui referência especial, consagrando ao mesmo tempo uma saüdade à memória de *Quim Martins*, como carinhosamente nos habituámos a chamar-lhe nós todos os que em Coimbra tivemos a felicidade de com êle conviver dia a dia.

Por minha parte, quero eu também oferecer aos amadores de Camilo algumas notas, e estou certo de que assim lhes presto um serviço. Uma série de acasos felizes permitiu-me obter alguns livros anotados pelo Mestre e copiar as notas doutros que não pude adquirir.

Creio que todas são inéditas; não o afirmo, porém. Na vastíssima matéria que é a obra camiliana nada se pode afirmar categòricamente neste ponto.

Quando menos se espera, aparece um almanaque, um jornal sertanejo, uma revista, apresentando-nos uma novidade. Há 25 anos que colecciono espécies camilianas e pouco teria aprendido se não tivesse, pelo menos, colhido êste útil ensinamento.

Quando publiquei as *Cartas de Camilo a Trindade Coelho*, tive o mesmo cuidado que agora tenho, de não afiançar que elas eram inéditas, e não me arrependi, pois logo o meu amigo e confrade Jorge de Faria me avisou de que uma já fôra publicada. Assim era, de facto; nem Jorge de Faria é homem que se engane em cousas camilianas.

A carta saíra na *Revista Illustrada.*

Seja como fôr, inéditas ou não, nada se perderá em publicá-las agora.

Em todas elas, bem como nas cartas, conservo rigorosamente a grafia do original. E' o sistema que tenho seguido nas publicações anteriores.

Não o faço, porém, para respeitar a *ortografia de Camilo*, essa encantadora cousa que para aí se inventou. Nada disso.

A reprodução *letra por letra* tem por fim, principalmente, fornecer mais alguns elementos de prova de que Camilo *nunca* se preocupou com a ortografia.

Isto para os que quiserem ver, não para os cegos de profissão. Êsses que, segundo a sabedoria das nações, são os piores, não se convencerão, antes hão de continuar quixotescamente a bater-se por sua dama que só existe nas suas mentes alucinadas.

A ortografia de Camilo! Deliciosa blague!

E por aqui me fico quanto ao ponto, que não é êste o lugar próprio nem eu o competente para demonstrar a sem-razão dos paladinos. A demonstração será feita por quem de direito.

E' tempo de terminar estas considerações já bastante extensas. Oxalá que o leitor tenha chegado até aqui (o que não creio, pelo muito que respeito o seu bom gôsto) para ler estas palavras do Dr. Teixeira de Carvalho, no citado artigo, palavras que transcrevo por terem inteira aplicação ao presente trabalho:

«Publicando as notas de Camilo, procuramos mais do que dizer o que essas notas nos sugeriram, mostrar o prazer que tivemos com a sua leitura, dando a cada camilianista a possibilidade de pôr no seu exemplar do *Ensaio Biografico-Critico* as notas de Camilo, que aqui lhe deixo fielmente copiadas, e deitar fora depois êste pequeno estudo que fizemos para distraír de maiores canseiras.»

Onde está o título da obra de Costa e Silva, ponha o leitor os dos livros de que aqui se vai tratar, e fica certo.

Depois, é só transcrever para o seu exemplar de cada um as notas de Camilo e deitar fora êste aranzel.

Assim aplicará integralmente a receita de Quim Martins, certamente a última que fez o meu querido amigo.

Monte Agudo, 1922.

PRIMEIRA PARTE

CARTAS

As cartas que vão ler-se pertencem, em grande parte, ao meu amigo Luís Ferreira Lima.

Sabendo que eu estava preparando um trabalho sôbre notas de Camilo e que, em apêndice, publicaria algumas cartas, o meu amigo e dedicado camilianista pôs à minha disposição as que possuía, para que eu, se assim o entendesse, as incluísse no meu trabalho.

Quis assim colaborar em mais uma homenagem a Camilo, dando ao mesmo tempo uma prova de ter uma noção justa do que seja *ser camilianista.*

Para muitos, ser camilianista é açambarcar espécies camilianas, para as aferrolhar avarentamente e viver da vaidadezinha de ter esta ou aquela raridade que outros não possuem.

Luís Ferreira Lima não é assim, como não é Jorge de Faria (adiante se verá), como não são, em suma, os camilianistas inteligentes.

A esplêndida colecção de Luís Ferreira Lima é por êle facultada a todos os que dela precisam para

estudar qualquer assunto camiliano. O caso presente bem o prova.

Pertencem ao meu amigo as primeiras trinta cartas que hoje publico. De quase todas possui os originais; apenas duma, a XXIX, tem só cópia.

Devo dizer que nem todos êsses escritos são cartas pròpriamente ditas. Alguns são pequenas comunicações escritas em quartos de papel (XXII a XXV), outro (XXVIII) é um telegrama. Dêste também Ferreira Lima não tem o original, como bem se compreende. Tem o próprio telegrama.

Na sua quase totalidade, essas cartas foram dirigidas a D. Ana Plácido.

São, principalmente, *boletins sanitários*, para usar a expressão que o próprio autor empregou numa delas.

As suas doenças são o assunto principal das cartas e as queixas que nelas se encontram, não serão, talvez, de despresar, para os técnicos que saibam interpretá-las.

Mas outros aspectos curiosos existem nesses documentos, tais como os carinhosos cuidados com a saúde de Jorge, o minucioso relato de todos os actos e palavras do filho predilecto e as preocupações com cousas domésticas, adquiridas nas viagens ao Pôrto.

Outro ponto interessante é o que respeita à *Amélia*.

Em muitas das cartas se refere Camilo a essa senhora, sempre afectuosamente, e em algumas se vê que ela tinha toda a consideração por D. Ana Plácido.

Ora a *Amélia* é, todos o sabem, a Senhora D.

Bernardina Amélia Castelo Branco de Carvalho, filha de Camilo, felizmente ainda hoje viva.

E' a mesma senhora contra quem se fez uma campanha lamentável, logo após a morte de Camilo, negando que ela fôsse sua filha.

Parece que havia receio de que a glória, pois não se tratava de bens a herdar, não chegasse para todos os descendentes do homem de génio.

Essa campanha, deplorável em si e nos processos usados, foi feita em jornais e num opúsculo assinado por Nuno Castelo Branco, mas, ao que se diz e parece averiguado, foi orientada por Ana Plácido.

Que a campanha foi feita de má fé, já há muito tempo se sabe, nem era de admitir a boa fé quando o próprio Camilo tantas vezes, tácita e expressamente, até em documento autêntico, como o assento de baptismo dum filho daquela senhora, confessou a paternidade.

Do triste documento que é o opúsculo, uma das partes mais tristes é aquela em que o seu autor pretende, com argumentos pueris, mostrar o nenhum valor probatório daquele registo, quanto à matéria em discussão.

Isto quando Camilo assinou como padrinho o assento em que se diz que o padrinho foi o avô materno, Camilo Castelo Branco.

Está, de há muito, mais do que provada a inanidade da campanha, está mais do que provada a má fé. Não merecia o caso que se voltasse a tocar-lhe e eu não o faria se não viesse agora a propósito.

* * *

Antes de passar adiante, permita-me o leitor algumas observações a respeito de parte das cartas.

A que tem o número II foi publicada em 1 de Junho de 1918, no *Jornal de Estremoz.*

Na carta V fala Camilo do médico Guerra a quem foi consultar. Deve ser o Dr. A. Guerra (Augusto Sebastião Guerra, a quem se refere o Dr. Maximiano Lemos no *Camilo e os Médicos*) que em 1886 recebeu de Camilo um relatório dos seus sofrimentos. O médico respondeu com uma carta em que dá o seu parecer no sentido de que o padecimento dos olhos é de origem sifilítica. E', como se vê, o mesmo que Camilo diz nesta carta V. A carta do dr. Guerra está no museu de Seide e vem registada no livro *Camillo Homenageado*, com o n.º 338.

Ainda na mesma carta, bem como na XIII, há referências a *Espinho* que é o sr. Manuel de Ascensão Espinho, grande amigo de Camilo, hoje funcionário superior de finanças em Lisboa.

Nas cartas VII, VIII, XVI e XXII, há palavras pouco agradáveis para Silva Pinto. Os dinheiros de qne se trata são as quantias pagas por Camilo e por Ana Plácido ao pedreiro Malvario (*quasi um nome de architecto italiano, se lhe tirarem a letra final, que lhe estraga o nome*, diz Camilo, falando do homem, nos *Echos Humoristicos do Minho*) que então andava construindo em Seide a casa que

Silva Pinto depois vendeu e Nuno e que hoje pertence aos filhos dêste.

A êsses negócios se refere Camilo em três cartas das que Silva Pinto reproduziu no seu livro *Pela vida fora*.

Na carta IX diz que lhe falaram dum novo sistema terapêutico do médico Pinheiro Tôrres. A respeito dêste clínico bracarense pode ver-se com proveito, como sempre, o estudo *Camilo e os Médicos*, do sr. Dr. Maximiano Lemos.

No artigo que êste ilustre investigador escreveu na *Gente Lusa* (n.º 3) sôbre cartas de Camilo a sua filha, vem, transcrita em parte, uma em que êle diz que vai a Braga, com Ana Plácido, *ouvir a ultima palavra do medico*.

Hesita o sr. Dr. Maximiano Lemos entre dois médicos de Braga, Pinheiro Tôrres e Ulisses Braga, não sabendo a qual dos dois se refere a carta.

Pelo que se lê na que agora se publica, parece que se trata do primeiro. A carta à filha deve ser pouco posterior a esta.

Na carta XIII há uma curiosa passagem que deve referir se a D. Maria Amália Vaz de Carvalho.

Na XV fala da *Alveolos*. Deve ser a conhecida hospedeira do Pôrto, que tam falada foi por causa da conta, verdadeiramente imperial, que apresentou ao seu hóspede D. Pedro II do Brasil.

Camilo, em regra, não datava as cartas íntimas, pelo que é difícil, e muitas vezes impossível, fixar a época em que foram escritas.

Não está nesse caso a carta XX que é, com certeza, de 23 de Junho de 1885, porque nela se refere Camilo a um baptizado que deve realizar-se no dia seguinte e que é evidentemente o do neto de quem foi padrinho, a que já me referi, baptizado que se celebrou em 24 daquele mês na igreja de Miragaia.

E' certo que a seguir se queixa do frio, mas isso nada prova, sabendo-se como êle era friorento. De resto, diz também que tem andado *com o cazaco de inverno e sem calor*, o que não seria digno de nota fora do verão.

Na mesma carta se refere ao título que lhe tinha sido concedido cinco dias atrás, em 18 de Junho.

O Dr. Moutinho (António Ferreira), de que fala a carta XXII, foi uma curiosa figura de médico, largamente tratada pelo sr. Dr. Maximiano Lemos no excelente repositório que é o seu citado livro.

Há ainda, em diversas cartas, referências a *Ricardo*, ou seja o Dr. Ricardo Jorge, *o médico que mais parecia talhado para prestar cuidados a Camilo e para se impor ao seu espírito doente e torturado.*

A estas palavras do Dr. Maximiano Lemos eu acrescentarei, com a devida vénia: e o escritor mais talhado para escrever a grande obra sôbre Camilo, que está por fazer.

Tem S. Ex.ª quatro qualidades, *que ninguém mais tem*, para êsse fim. E' um médico ilustre, um crítico literário notável, um grande prosador e foi íntimo amigo de Camilo.

E' o sr. Dr. Ricardo Jorge a única pessoa que poderia fazer um trabalho completo, sob todos os aspectos, a respeito de Camilo e da sua obra.

Muitas vezes o tenho dito e não o disse ainda a S. Ex.ª porque não tenho a honra das suas relações pessoais.

Não quis, porém, deixar de o escrever aqui, formulando o meu desejo que é também, estou certo, o de todos os que se interessam pelo estudo de Camilo.

Não tenho a pretensão de supor que estas palavras sejam lidas pelo sr. Dr. Ricardo Jorge, mas se o forem, por um acaso feliz, talvez S. Ex.ª as tome em consideração. Assim seja.

Quando tal não aconteça, fará pelo menos justiça à sinceridade com que elas são escritas, a sinceridade de quem não sabe mentir e é incapaz de qualquer acto de lisonja.

Retomando o fio: com a carta XXV termina a correspondência dirigida a D. Ana Plácido. Seguem-se duas cartas aos filhos, a segunda a Jorge e a primeira, provàvelmente, a Nuno. A seguir, com o n.º XXVIII, vai um telegrama enviado a Joaquim Peito de Carvalho que foi administrador geral das alfândegas e pessoa muito conhecida em Lisboa. Foi grande amigo de Camilo, com quem mantinha aturada correspondência. Em Seide existem vinte cartas suas. Certamente se perderam muitas outras.

Devem também existir muitas cartas de Camilo para êle, mas não sei onde param. Só conheço o telegrama que agora publico.

A carta XXIX foi dirigida ao actor Dias, de quem Camilo era amigo e para quem escreveu o *Assassino de Macario*. A peça foi feita para a festa artística do actor, em 1886.

A carta deve ter sido escrita, a julgar pela parte final, no dia dessa festa ou pouco antes.

A carta XXX foi escrita ao redactor em chefe do *Jornal do Porto*. Foi publicada em 1901, no número especial de homenagem a Camilo, constituído pelos n.os 8 e 9 da revista portuense *A Illustração Moderna*.

Publico-a aqui de novo porque nessa revista saíu truncada, com falta dos três primeiros períodos.

As cartas XXXI e XXXII foram escritas ao falecido Conde de Prime e pertencem hoje ao sr. Visconde de Marzovelos que gentilmente autorizou que fôssem copiadas.

Devo tam grande favor à intervenção do meu querido amigo e distintíssimo advogado Dr. José do Vale Matos Cid.

A primeira refere-se ao baptizado dum afilhado de Camilo e é datada de Fevereiro de 1882, sem indicação de dia.

Foi em doze daquele mês que se realizou a cerimónia na Sé de Viseu.

Ao neófito, nascido em 16 de Novembro do ano anterior, foi dado o nome do padrinho que foi Camilo (*romancista, natural do Pôrto*, diz o assento), representado pelo Conde de Prime.

Tudo consta da certidão que mandei tirar, a qual

diz ainda ser o afilhado de Camilo, filho do sr. Manuel de Freitas Barros, tenente de Infantaria 14 (S. Ex.ª é hoje, salvo êrro, general reformado), e neto paterno de António de Freitas Barros.

Não é êste nome desconhecido das pessoas que conhecem a vida de Camilo, na sua agitada mocidade.

Foi António de Freitas Barros o *adversário* de Camilo no célebre duelo da Tôrre da Marca, que devia realizar-se às 4 horas da tarde do dia 5 de Maio de 1845 e que as zelosas autoridades não permitiram.

O caso fez barulho, gemeram os prelos e a *Revista Universal Lisbonense*, no seu n.º 45 do 4.º vol., correspondente a 29 de Maio, publicou uma carta do Pôrto, narrando o picaresco episódio.

Leu Camilo pela primeira vez essa carta em 1874 e então reproduziu-a no n.º 7 das *Noites de Insomnia*, completando-a *nos pontos em que o correspondente do Porto foi omisso.*

Do caso também se ocuparam, que me lembre, Vieira de Castro no seu livro sôbre Camilo, o sr. Alberto Pimentel nos *Amores de Camillo* e o sr. Dr. António Cabral nos seus excelentes livros *Camillo de Perfil* e *Camillo desconhecido.*

Nesses lugares encontrará o leitor a minuciosa descrição da farça representada pelos dois turbulentos estudantes, Camilo e Freitas Barros, avô do seu afilhado.

A segunda carta não tem data, mas é de 1885 porque se refere à concessão do título de visconde e à

dispensa de pagamento dos respectivos impostos, a mercê régia e a do parlamento.

A carta do Conde de Prime, a que esta responde, está no museu de Seide. Vem mencionada no *Camillo Homenageado*, com o n.º 711.

O conde felicita Camilo por ter sido agraciado e diz que, ao contrário do costume, não é o título que honra o homem, mas êste que honra o título e a classe dos titulares.

Vem a propósito dizer que em 3 de Novembro de 1885, o Visconde de Negrelos escreveu também uma carta ao novo titular (n.º 507 do citado livro), dizendo que o não felicitara por entender que eram os titulares que se nobilitavam, tendo por excepção um colega de tal categoria.

Ainda outro titular (Visconde de Pindela) escreveu em 23 de Junho do mesmo ano uma carta (n.º 649 da referida obra) em que felicita o agraciado, dizendo *que os Viscondes de agora para o futuro ficam valendo alguma coisa mais* porque Camilo nobilitava o titulo *que ia em decadencia.*

A carta XXXIII pertence à minha pequena colecção de autógrafos camilianos.

Não sei o nome do destinatário. Ignoro igualmente se já foi publicada.

As numeradas de XXXIV a XL foram dirigidas ao Dr. Pereira Caldas, erudito professor bracarense e grande camonianista.

A primeira pertence à colecção de Luís Ferreira Lima.

As seis restantes eram do meu amigo, distinto bibliófilo e coleccionador garretianista, Henrique Ferreira Lima que me ofereceu três delas e me permitiu que copiasse as outras.

Em 1900 (14 de Março), *O Portugal Moderno*, jornal português do Rio de Janeiro, publicou algumas cartas de Camilo àquele professor.

Não sei se saíram outras. E' bem possível que, ali ou noutra parte, já tenham vindo a lume as que agora publico: parece-me, em todo o caso, conveniente arquivá-las aqui, tornando-as mais conhecidas, visto oferecerem interêsse.

Seria uma curiosa colecção a das cartas de Camilo a Pereira Caldas e das dêste àquele.

Camilo recorria freqüentemente ao saber de Caldas, quando tinha entre mãos trabalhos em que os conhecimentos do erudito lhe podiam ser úteis e então escrevia-lhe no tom mais amigável; em se tratando de negócios de livros, era certa a descompostura, como se vê nalgumas das cartas adiante publicadas.

Resta saber o que Pereira Caldas responderia, se é que alguma cousa respondia.

O *Camillo Homenageado* regista uma única carta de Caldas, existente no museu, e essa nada adianta.

O que é certo, em todo o caso, é que o homem não se melindrava com as cartas violentíssimas que Camilo lhe escrevia, o que é, talvez, prova de que nelas havia razão.

Talvez um dia apareçam as cartas de Caldas, se

algumas existem, e então ficará completo o processo.

Na carta XXXIV prometia Camilo mencionar na 2.ª edição do *Cavar em Ruinas* uma nota de Pereira Caldas, se essa edição fôsse feita em sua vida. Não aconteceu isso, pois o livro só em 1902 teve a verdadeira segunda edição. A verdadeira, porque como tal não pode ser considerada uma que com essa designação apareceu e que não é mais do que a primeira mascarada de segunda pelo editor Campos Júnior, useiro e vezeiro nessas manhas que tantas arrelias causaram a Henrique Marques quando se meteu a abrir na emmaranhada bibliografia camiliana o caminho que nós todos, os que viemos depois, encontrámos livre e desembaraçado.

Assim, não é fácil saber hoje qual foi a nota de Caldas.

A carta XXXIX é interessante porque mostra que Camilo, ao escrevê-la, estava ainda convencido de que as *Monstruosidades* eram da autoria de Fr. Alexandre da Paixão.

Mais tarde mudou de parecer, como se vê na nota que, quando desistiu de fazer a publicação, escreveu no traslado que possuía. Aí diz: «O auctor d'este M. S. não é fr. Alexandre da Paixão, um frade bento que nunca sahiu dos seus mosteiros. O auctor de certo viveu no amago da escandalosa côrte de Affonso VI e Pedro II.»

Na carta seguinte, escrita mês e meio depois, refere-se Camilo aos apontamentos que Pereira Caldas

lhe enviou. Não diz qual o assunto a que respeitam, mas é de crer que fôsse o mesmo da carta anterior.

Se assim é, teriam sido, talvez, as informações de Caldas a causa da sua mudança de opinião quanto ao autor das *Monstruosidades*.

A carta XLI deve ter sido escrita em 1873 ou princípios de 1874, porque se refere ao romance *O Regicida* que neste ano foi publicado.

Pertence também ao meu amigo Henrique Ferreira Lima.

Não sei quem fôsse o destinatário; é possível que fôsse o mesmo Pereira Caldas.

Por ela se vê que aquele António Leite, cutileiro de Guimarães, *foi inventado.*

As cartas XLII a XLIV foram escritas, creio, ao editor Costa Santos.

As duas primeiras pertencem a Henrique Ferreira Lima e a terceira está no Museu Azuaga, de Vila Nova de Gaia.

A primeira tem a nota: *recebida em 19-5-84.*

Nela diz Camilo que Ferreira Moutinho *insta pelo artigo.*

Deve referir-se ao *Epilogo* que escreveu para o livro *A Creche*, daquele Moutinho, e que está datado de 20 do mesmo mês.

A carta XLIII deve ser do mesmo ano, visto referir-se ao livro «General» que deve ser O *General Carlos Ribeiro*, editado por Costa Santos em 1884.

A carta XLIV — recebida em 25 de Outubro de 1886, anotou o destinatário — foi escrita no mais

aceso da *questão dos livreiros*, isto é, do pleito judicial originado pela publicação da *Bohemia do Espirito*, pleito em que foram autores Lugan & Genelioux, sucessores de Chardron, e réus Camilo e o editor Costa Santos.

A respeito dêsse processo publicaram-se três folhetos que fornecem elementos suficientes para o conhecimento da questão. O primeiro é *A Diffamação dos Livreiros*, de Camilo ; os outros dois saíram em nome de Lugan & Genelioux e intitulam-se *A Defeza dos Livreiros* e *A Propriedade Litteraria.*

Duas vezes se refere Camilo nesta carta à *questão com o Anselmo.*

Essa questão discutiu se em 1868, entre Camilo e Anselmo de Morais, cujo nome completo era Anselmo Evaristo de Morais Sarmento.

Êste editou o *Mosaico*, compilação de escritos de Camilo.

Camilo requereu embargo nos exemplares e obteve deferimento.

Anselmo agravou e teve provimento, mandando a Relação do Pôrto que ficasse sem efeito o arresto decretado.

No mesmo ano de 1868 publicou Anselmo de Morais o seu folheto *Questão de Propriedade Litteraria*, em que expõe e documenta toda a questão de que saíra vencedor.

Renasceu esta em 1874, então extra-judicialmente. No n.º 7 das *Noites de Insomnia*, pag. 92 e seg., Camilo voltou a falar do caso.

Respondeu Anselmo com o *Supplemento ao n.º 7 das Insomnias de Camillo Castello Branco*, oito páginas de insolências dirigidas a Camilo.

Replicou êste no mesmo tom, no n.º 8 das *Noites*, pag. 85 e seg.

Foi aí que publicou a carta de José Gomes Monteiro, a que se refere também na carta de que estou tratando.

Aqui ficam as indicações bibliográficas para os que não conheçam e desejem conhecer essas duas interessantes questões entre Camilo e editores. Recentemente foi esta carta publicada em *fac-simile* nos n.ºs 1 e 2 da revista portuense *Educação Portuguesa*.

A carta XLV foi escrita ao falecido e ilustre bibliófilo Aníbal Fernandes Tomás. Evidentemente, o livro que Camilo elogia e agradece é o primeiro volume das *Cartas Bibliographicas*, publicado em 1876.

Pertence esta carta, bem como a seguinte, ao meu amigo Manuel dos Santos, autor da excelente *Revista Bibliográfica Camiliana*, que espontâneamente permitiu que fôssem por mim copiadas e publicadas.

A que tem o número XLVI é dirigida ao falecido general Adolfo Loureiro, distintíssimo engenheiro hidráulico e homem de letras. Na sua mocidade publicou em Coimbra o livro de versos *Espinhos e amores*, a que Camilo se refere ao acusar a recepção dum outro versando complicadas engenharias.

Lá ficaram os dois a-par, representando as duas *geraçoens confrontadas*, a do velho candieiro de azeite coimbrão e a dos *dias alumiados electricamente.*

O livro de versos tem no catálogo da livraria de Camilo o n.º 1000; o outro deve ser o que tem o n.º 141 — *Memoria sobre o Mondego e barra do Figueira* — que era, creio, o último trabalho de Adolfo Loureiro, à data da carta de Camilo.

Esta está escrita em papel tarjado. Era o luto pelo *filho do seu coração*, Manuel Plácido Pinheiro Alves, nascido do primeiro casamento de Ana Plácido. Tinha morrido, aos dezanove anos, no dia 17 de Setembro daquele ano de 1877.

Camilo exteriorizou bem a dor que lhe causou essa morte, no prefácio das *Scenas da Hora Final* e nos versos *Se me lembro!...*, publicados na *Bohemia do Espirito.*

Nesta altura do meu trabalho verifico que não me enganei quanto à identificação do livro cuja oferta Camilo agradece na carta.

Por acaso, encontrei no verso esta nota a lapis, escrita por Loureiro: *Remessa da memoria sobre o Mondego.*

Se mais cedo a tivesse visto, não teria incomodado o meu amigo Henrique Ferreira Lima a quem pedi uma nota dos livros de Adolfo Loureiro, publicados por aquele tempo, e não teria tido o trabalho de compulsar o catálogo da livraria de Camilo, que é de morosa consulta por não ser alfabético.

A carta XLVII foi dirigida a Silva Pinto. E' possível que êste a tivesse publicado nalgum dos seus numerosos livros. Não a encontrei, porém, nem tenho idea de alguma vez a ver impressa.

O original pertence ao sr. Henrique de Mendonça que gentilmente autorizou a cópia para publicar.

Refere-se a carta ao prefácio que Camilo escreveu para os *Combates e Criticas*, datado de 27 de Fevereiro de 1882, ou seja da véspera do dia em que a carta foi escrita.

Há nesta carta uma palavra em que algumas letras estão substituídas por pontos ou reticências; devo dizer que assim está no original.

Não se pense que eu me permiti amenizar ou alindar a prosa camiliana.

De resto, noutros lugares dêste livro aparece a mesma palavra com todas as letras, porque Camilo assim a escreveu.

A propósito parece-me curioso transcrever um trecho doutra carta ao mesmo Silva Pinto, datada de 13 de Junho de 1881 e já publicada.

Aí diz Camilo: «Estive no Porto com a familia, uns dias. Vim doente, como se sahisse d'uma cloaca. O Porto tem m... por dentro e por fora. Lisboa é só por dentro.»

Isto era escrito em Junho, provàvelmente sem estar a chover.

Em tempo de chuva, era a avalanche dissolvida...

Seguem-se vinte cartas (XLVIII a LXVII) que foram escritas ao editor Ernesto Chardron.

As duas primeiras referem-se à edição da *Correspondencia Epistolar*, que a final não foi feita por Chardron mas por Cruz Coutinho, sobrinho.

A segunda deve ser de Abril de 1874, pois foi nesse mês que saíu o 4.º n.º das *Noites de Insomnia* a que o final da carta se refere.

A quinta de Moreira, de que Camilo fala na carta, tinha sido vendida em Fevereiro dêsse ano (segundo Pinho Leal) à viúva de José Estêvão.

A carta L é com certeza de Agosto do mesmo ano. Nesse mês se publicou o n.º 8 daquela série, em que Camilo responde ao folheto *Supplemento ao n.º 7 das Insomnias de Camillo Castello Branco* que, datado de 22 de Julho, apareceu com a assinatura de Anselmo de Morais, atribuíndo, porém, Camilo a sua autoria a *Theophilo Joaquim Fernandes*, ou seja o sr. Dr. Teófilo Braga.

Era certamente dessa réplica o período cuja subtracção foi pedida, ao que parece, por intermédio de Chardron.

Tudo leva a crer que a passagem que alguém pretendia que se retirasse, é a que se encontra a pag. 90 do n.º 8 das *Noites*, em que Camilo comenta o facto de José Gomes Monteiro não se recordar bem se tinha ou não fugido dele.

A essa questão já me referi a propósito da carta XLIV.

Na carta LI propõe Camilo a edição dum livro que venderia por 30 libras ou 26 e doze exemplares. sendo dois em melhor papel.

Trata-se, sem dúvida, das *Scenas da Hora Final*, tradução do inglês.

Camilo enviava o manuscrito a Chardron em 2 de Novembro de 1877, o mesmo dia em que escreveu o prefácio dêsse livro.

O formato é o das *Noites* e as páginas são 103.

Tudo mostra que era essa obra o objecto da proposta.

Não a aceitou Chardron porque o opúsculo veio a publicar-se em 1878, sendo sua editora a Livraria Portuense.

O faro editorial de Chardron não o enganou, pois o livrinho, segundo creio, ainda hoje não está esgotado, a-pesar-de num recente leilão (1922) se ter vendido um exemplar por 5$10.

Os novos... camilianistas são terríveis...

O indivíduo mencionado no final da carta — António Francisco de Carvalho — era o genro de Camilo, marido da Senhora D. Bernardina Amélia, a quem já me referi.

A carta LII anuncia a remessa do artigo «Pedagogia»; é o que saíu no n.º 5, do 1.º ano, da *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, apreciando um livro sôbre aquela matéria, traduzido pelo professor Raposo Botelho.

Igualmente se refere a carta à apreciação do *Portugal e os Estrangeiros*, de Bernardes Branco.

Apareceu o artigo no mesmo numero da *Bibliographia*, deitando, não 6 páginas como Camilo calculara, mas 10.

O interessante artigo tem o seu complemento nas notas marginais que Camilo escreveu no seu exemplar e que estão publicadas por Diogo José Seromenho, no *Archivo Bibliographico* (1895-96) e na revista *A Critica* (1896-97), e pelo sr. Álvaro Neves no livro *Notas á Margem*, publicado em 1916.

Os dois artigos de que trata esta carta, foram depois reproduzidos no 2.º vol. dos *Narcoticos*. O Teixeira, falado na carta, é António José da Silva Teixeira que era o impressor da *Bibliographia*, como o foi de muitos livros de Camilo.

A seu respeito encontram-se algumas notas curiosas na parte final do artigo de Eduardo Sequeira, sôbre *A Infanta Capellista*, publicado em 1913 no jornal *O Tripeiro* (n.ºs 106-107) e republicado em 1916 no n.º 1 (e único até hoje) da revista *Camilliana*.

Termina a carta aconselhando a Chardron cuidado com o estômago e com o fígado.

Noutras cartas aparecem passagens que mais ou menos se ligam com essas vísceras do editor.

Assim, na carta LVI, receita-lhe Vidago para desobstruir o fígado e, para o animar, vai dizendo que o hotel é magnifico; na LIX atribui a demora do seu amigo em Lisboa, em parte, ao *Victor*, o conhecido hotel de Sintra; na LXIV refere-se a um jantar em que Moutinho teria comido por si e por êle, Camilo.

Evidentemente, um dos célebres jantares do gastrónomo Chardron cujo maior prazer era o da mesa, como se pode ver nos artigos de Ramalho e do sr.

Alberto Pimentel, o primeiro no vol. 3.º da 2.ª ed. das *Farpas* e o segundo no livro *Atravez do Passado.*

Em P. S. diz Camilo ao editor que pode anunciar na *Bibliographia* o novo livro *Sentimentalismo — historia e critica.* Saíu efectivamente o anúncio no n.º 6, pag. 124, mas com o título *Sentimentalismo e Historia* que foi o que realmente teve a obra.

Nao tem data a carta LIII, mas é, sem dúvida, de 1879, escrita quando saíu o *Cancioneiro.*

Reserva Camilo para a 2.ª edição a emenda dos erros que encontrou na 1.ª e para ela guarda também os poetas que ficaram de fora.

A nova edição já não foi feita por Chardron mas pelos seus sucessores e saíu em 1887. Vivia ainda o autor mas não meteu na edição os tais poetas que tinham sobejado.

Refere-se depois ao *Sentimentalismo, etc.* que teria três partes: história, romance e crítica.

Com a última não concordou o editor, como mostra a carta seguinte.

O romance *Margarida* é de Júlio Lourenço Pinto e foi apreciado por Camilo no n.º 6 do 1.º ano da *Bibliographia*, em artigo que de novo foi publicado no 2.º vol. dos *Narcoticos.*

A influência de Eça em J. L. Pinto foi suficientemente demonstrada pelo sr. Fidelino de Figueiredo na sua *Historia da Litteratura Realista.*

Camilo na carta dá a essa *influência* o verdadeiro nome.

Na carta LIV continua a ocupar-se do *Sentimentalismo*, no qual, como se vê, esteve para incluir *A Formosa das Violetas*, das *Noites de Lamego*, narrativa inserta mais tarde, ampliada, no n.º 4 da 4.ª série das *Artes e Letras*.

Não o fez, porém, não sei por que motivo.

A narrativa saíu em separado, em 1880, editada pelo mesmo Chardron e com o título *Suicida*.

Nesta carta faz Camilo a sua proposta quanto ao preço do livro, com base no que lhe costumava pagar a casa Matos Moreira, errando, por sinal, a operação feita para achar o preço de cada volume.

Promete conversar na terça-feira, se fôr ao Pôrto. Parece que foi e fechou o negócio porque em 29 de Abril, primeira terça-feira depois do dia em que escreveu a carta, passou um recibo a Chardron, datado no Pôrto.

O Baquet de que fala no fim da carta, deve ser o conhecido alfaiate que mandou fazer o teatro a que deu o seu nome e que ardeu em 20 de Março de 1888.

Na carta LV volta Camilo a falar de Júlio Lourenço Pinto, a propósito dum folhetim que êste escreveu no *Commercio do Porto*, em que dizia que êle atacava com *estadulho* a escola realista.

A réplica a essa afirmação escreveu-a Camilo no final da crítica, a que já me referi, do romance *Margarida*.

A violência dessa réplica explica aquele *parece-me...* que se lê na carta.

O pedido, com que fecha a carta, da *Memoria* a respeito de Pôrto Santo e Madeira, liga-se, talvez, com a parte do *Sentimentalismo e Historia* que tem por título *A Lenda do Machin.*

Com esta carta mandou Camilo, como se vê no P. S., a *Prefação* para o livro, a qual foi datada de Maio de 1879. Fica assim determinada aproximadamente a data da carta, de que o autor, como tantas vezes, se esqueceu.

Devo notar ainda que nesta carta o livro aparece com o título de *Historia e Sentimentalismo*, que veio a ser o de outro volume a que se referem algumas das cartas seguintes.

Limito-me aqui a chamar a atenção do leitor para o facto. Esta questão dos títulos dos livros de Camilo é muito curiosa e sôbre ela tenho um largo trabalho em que, por ser o lugar próprio, tratarei dêste caso.

Na carta LVI há referência a um artigo de D. Maria Amália Vaz de Carvalho, publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

Êsse artigo foi reproduzido no n.º 9 (1.º ano) da *Bibliographia* e no folheto *Os Criticos do Cancioneiro.*

A carta LVII fala de Artur Barreiros. E' um dos críticos do *Cancioneiro.* Camilo respondeu-lhe no n.º 10 (1.º ano) da *Bibliographia.*

Ao escrever esta carta pensava já o autor em incluir os *Criticos* na 2.ª ed. do *Cancioneiro*, como de facto fez.

Fala depois do *Gaspar*. Êste tinha levado a sua conta no número anterior. E' o Gaspar da Silva, português que no Brasil escreveu a sua *Carta d'um emigrado*, criticando o *Cancioneiro*.

O seu nome completo era Boaventura Gaspar da Silva Barbosa. Mais tarde veio a ser visconde de S. Boaventura.

No livro *A Pasta d'um Jornalista*, publicado em 1908, diz que tinha 19 anos quando escreveu o seu folheto, o que parece não ser verdade porque o mesmo livro abre com uma biographia do autor, feita por Abel Botelho, em que se lê que êle nasceu em Lamego, em 1855.

Assim, devia ter 24 anos à data da célebre questão do *Cancioneiro*.

Mostra esta carta que Camilo esperava ansiosamente os ataques de Junqueiro e Gomes Leal.

Não sei se algum deles veio à estacada, mas creio que não.

Junqueiro é que, passados sete anos, escreveu uma carta a Camilo quando êste nos *Seroens* se ocupou da *Velhice do Padre Eterno*, e nela prometia ir a Seide justificar-se e desfazer a acusação de plagiário que Camilo lhe fizera no *Cancioneiro*.

Essa questão é hoje conhecida e está completamente esclarecida no opúsculo *Entre Gigantes!* de João Paulo Freire (Mário).

Para êsse belo trabalho remeto o leitor que não conheça e queira conhecer o episódio entre os dois gigantes.

Na carta LIX, depois de se justificar de não ter continuado o *Gonçalinho* (refere-se ao romance anunciado com os títulos *O Gonçalinho de Carude* e *O Ultimo Morgado do Paço de Carude*, e nunca publicado), fala do 2.º tômo da *Historia e Sentimentalismo*, cujo sub-título seria *Raças finas*. Como se verá na carta LXIV, alterou-o para *Poetas e Raças finas*.

Dêste caso trato também no já citado trabalho.

Vê-se por esta carta LIX que Camilo não desistira ainda de inserir num dos seus livros da série *Sentimentalismo, etc.* o artigo a respeito da *formosa das violetas*, que, como já disse, veio a aparecer em folheto.

E' de notar que na carta errou o ano em que o trabalho saíu nas *Artes e Letras*, que foi 1875 e não 1873.

Na carta LXI, depois de se referir aos *Echos Humoristicos do Minho*, fala duma versão francesa que suponho ser do folheto *A Senhora Rattazzi*, versão que não me consta que se tenha publicado.

Na carta seguinte pede Camilo o número do *Biographo* em que vem o seu *fiel retrato*.

Tal número é o primeiro dessa publicação, datado de 1 de Fevereiro de 1880.

E' inteiramente consagrado a Camilo, tendo um longo artigo do sr. Alberto Pimentel a enquadrar o retrato a que o biografado irònicamente, e com razão, creio, chama *fiel*.

O mesmo retrato foi publicado, com um artigo de

Firmino Pereira, em 23 de Fevereiro de 1882, no n.º 78 do semanário portuense *O Camões.*

Êste jornal é o mesmo que, no seu n.º 151, de 19 de Julho de 1883, deu à estampa, como sendo a vera efígie de Eugénio Sue, o horrível retrato de Camilo que acompanha a 2.ª edição dos *Mysterios de Lisboa* (1858).

O mostrengo foi mal copiado da litografia que vem na 1.ª ed. dos *Espinhos e Flores* (1857). Quanto à confusão do *Camões,* direi, com o mestre Henrique Marques, que o retrato tanto pode ser de Camilo como de Sue, visto não se parecer com qualquer dos dois.

Na carta LXIII, pede jornais de 1852 para ver os nomes dos *actores da companhia lyrica* que então estava no Pôrto. Logo a seguir diz que vai escrever *A Corja.*

Era exactamente para escrever o romance que pedia os jornais. A pag. 251 lá aparecem diversos cantores e entre êles o barítono Bartolucci que leccionava canto ao barão do Rabaçal e outras artes, porventura menos melodiosas mas certamente muito mais plásticas, à baronesa do mesmo título.

A carta LXVII é de 1883. Estava Chardron fazendo a edição do poema *Os Ratos da Inquisição*, do hebreu Serrão de Crasto, com prefácio de Camilo, e já êle lhe oferecia um novo livro, *D. Luiz de Portugal*, no mesmo formato e com 100 páginas.

Chardron não aceitou a proposta e por êsse motivo Camilo mudou de editor, como se vê pelo se-

guinte trecho duma carta a Luis Augusto Palmeirim: «Rompi com elle (*Chardron*) as minhas relaçoens commerciaes. O homem tem feito importunas diligencias por reatal-as; mas eu offendi me com a recusa de um livrinho historico, pelo facto de ser *historico*, tendo elle explorado ha annos a minha incapacidade para negociar. Indignou-me que elle se quizesse dar o direito da escolha, impondo-me novellas realistas bem apimentadas.

Tenho agora outro editor, um commandante de bombeiros, Eduardo da Costa Santos, que trata de livros, por achar que o tratar de bombas é officio de pouca gravidade.»

E' evidente que o *livrinho historico*, é o *D. Luiz*, porque a carta a Palmeirim é de 5 de Setembro de 1883 e a *advertencia* com que abre o livro tem a data de 1 de Agosto do mesmo ano.

Acresce que o *D. Luiz* apareceu, de facto, nesse ano e é, dos livros de Camilo, o primeiro editado por Costa Santos.

Só teve 2.ª edição em 1896, o que é mais uma prova de que Chardron conhecia bem o mercado.

*
* *

E' tempo de terminar estas notas, já bastante extensas, sôbre pessoas e factos de que as cartas tratam.

Nelas disse o que sabia e que não será de todo inútil para os que saibam menos do que eu.

Seguem as cartas.

I

3.ª fr.ª 9 da manhan.

M.ª F.ª

A falta dos oculos pouco me deixará escrever.

Chegamos e jantamos. Jorge, que viera sempre triste, comeu bem, admiravelm.te, dizendo sempre que não podia comer p.r q̃ tinha comido um bife. Depois, fui comprar-lhe chapeo e mandar-lhe fazer casaco *m.to comprido.* Não os havia feitos á sua vont.e Depois, indagar do Thomaz. Na loja Chardron disseram-nos que estava hospedado em Malmerendas. Demos com elle; o Jorge ficou no trem; mas o Thomaz veio á rua vêl-o, abraçou-o, e chorou.

Scena das nossas. Depois fomos p.ª casa da Amelia. O Jorge ficou no trem; mas a A e o C foram buscal-o. Entrou bem. Tocou piano, ouviu tocar, riu-se das doenças do C. e, q.do conheci q̃. elle estava aborrecido, ás 9 1/2, sahimos. Que queria ir ao theatro — um pandego. Fomos a S. João. Assistimos ao 2.º acto da Missa de Verdi. Pasmado; gostando, e não achando cara a meia moeda que custou o acto.

Mas, conhecendo que eu estava contrariado, pediame repetidas vezes q̃. desculpasse. Ás onze e meia recolheu-se, disendo q̃. te ia escrever. Levou papel. Eu dormi m.^{to} pouco e m.^{to} mal.

Ouvia-lhe de noute (elle está no quarto de lona immediato ao meu) uns gemidos longos, cavernosos, q̃. me aterravam.

Parece-me q̃. já me disseste que elle geme m.^{to} de noute.

Adeus Anninhas. Eu vou ver se elle se levanta. Parece incrivel q̃. durma com tal inferno na rua. Ja não vejo.

Teu do coração

C.

II

4.ª fr.ª 11 da noute.

Venho com o Jorge do palacio onde havia musica. Elle ceou no Restaurante costelletas e comeu bem. Tomou 2 sorvetes de tarde, e assustou-me queixando-se de calafrios. Dei-lhe cognac; penso q̃. era fantasia. Elle m.^{mo} confessou que *começou a imaginar*. Acho-o triste. Creio que lhe fases tanta falta como a mim. Estive com a Amelia e com o Carv.º Deu-me a boa nova de q̃. nas P. Salgadas, seg.^{do} lhe disse o Mont.º, se curara um sujeito nas circumstancias do Jorge. Quem sabe? Mas eu, filha, não espero que o

Jorge la presista, e eu não o poderei violentar se quizer retirar-se. Pede a Deus por elle e por mim.

Boa noute te dê a Providencia.

Teu

Cam.º

III

5.ª fr.ª 6 da manhan.

Passei a noute do costume — cruel, m.ª filha. Estou fatigadissimo como se tivesse jornadeado cem leguas. Ergui-me ás 5 1/2.

O dia está carrancudo — de mais a mais. Ja fui espreitar o quarto do J. Está ás escuras. A's 11 1/2 fui lá; e ja não tinha luz.

Um perverso deabo se me apossou do espirito esta noute e não m'o larga. Vejo-te sempre nos braços d'um homem — aquelle que appareceu nas hallucinações do Jorge.

O meu coração é uma p.te do cerebro condemnado a apagar-se. Não imaginas q̃. dores, m.ª f.ª! Que visoens tão completas de verd.e interior como as d'um doudo. Irei eu tambem á escurid.e do nosso desgraçado Jorge ? Com effeito! não se pode ser m.s infeliz! Quando eu era novo e sadio a m.ª imaginação dava-me o colorido da felicid.e; agora, todos esses dotes de fantasia me servem para denegrir a vida mais ainda do q̃. ella é na realid.e Q.do não estou ao

pe de ti, f.ª, estas apprehensoens são m.s duradouras. Em fim, seja-me alegria a certeza de que isto será curto.

Que heide eu fazer neste quarto até ás 8 horas ? Esta é a 3.ª Carta q̃. te envio do Porto. O dia, se assim continuar, está bom p.ª jornadear.

Perdoa-me e ama-me.

Teu

C.

Recados ao Nuno.

IV

Porto — 5 da tarde.

M.ª QUERIDA F.ª

Vês em tudo a m.ª sorte ? Se eu ficasse em V.ª Nova, de certo voltaria p.ª caza, e la iam as esperanças. Eu voltava p.ª caza, se não tivesse pena do nosso pobre J. Vim com o V. de Castro. O Jorge na Trofa mudou para uma carruagem onde veio sosinho. Agora não sei o q̃. havemos de fazer. Não o deixo sosinho nem o levo a casa da Amelia. Portanto não vou lá; mas como receio q̃. o Carv.º saiba q̃. eu ca estive, seria bom que... O melhor é não dizer nada. O Jorge está com bem bom aspecto. Ja mudou de botas, e levou a camiza de dormir. Amanhan, se D.s quiser, se-

guimos p.ª o Douro, mas ainda não sei a q̃. hora. Creio que é ás 8 e 40. Da Regua escrevo-te. Permitta Deus que eu não peore e que tu melhores.

Ad.s m.ª querida Annica.

Teu

C.

V

M.ª QUERIDA FILHA

Esperei 5 quartos d'hora na estação! Vim incommodado com o aperto de gente. Logo que cheguei fui ao Guerra. Esperei outra hora. Estive com elle até ás 4 $^1/_2$. Examinou-me com o oftalmoscopio. Elle imaginava-me em peor estado. Diz que tenho perfeitos os orgãos essenciaes. As turvaçoens são syphiliticas. Com o iodeto e as pilulas espera debellar não só a nevrose ocular, mas tambem a atrophia das pernas. Ficou m.to contente depois q̃. me examinou.

Parece q̃. elle me considerava perdido.

A respeito de entrar na casa da saude, disse-me que não pensasse em tal, porque iria aggravar os meus padecim.tos Que fosse p.ª toda a p.te, menos para casa de saude.

Espinho chegou ás 6 horas e meia. Sahimos, e fomos a pé a casa do Simão Duarte comprar as celouras *(sic)* e os lenços. Sapatos p.ª ti não havia; mas dizem q̃. amanhan os mandam buscar fora. Havia de

feltro; mas agora são insupportaveis. Jantou comigo o C. S.[tos], e ja aqui veio o Ricardo. O Espinho manda-te m.[tos] recados. A D. M.[a] está com uma dor na espinha. Apanhou nas costas o appellido do marido. Mao apanhanço. Eu vou na 2.[a] feira de tarde. Ja dei ordem ao Neves p.[a] me esperar. Manda-me a burra á Portella. Recados ao Nuno e ao Jorge. Um beijo do teu

Camillo.

VI

4 horas da tarde.

M.[a] FILHA

Que grande calor aqui vai, filha! E eu carregado com este cazaco q̃. me abraza! e colete que me faz o inferno no peito.

Fui ver se o homem pagava; mas diz q̃. á noute o mandava a caza do Carv.[o] Ha pouco q̃. la estive. A Amelia tinha la uma lata de bolacha m.[to] fina para eu *te* levar: agradeci-lh'o p.[r] que lhe tinha dito q̃. tu quase q̃. te não sustentavas com outra coisa. Diz ella q̃. vai arranjar um savel de escabeche p.[a] eu levar. Olha que desde q̃. vim, filha, ainda não dormi 3 horas socegadas. De noite tremo e suo; de dia, ainda q̃. me deite, não adormeço. Estou á espera das 5 horas p.[a] jantar; mas não tenho o menor ape-

tite. O que eu peço a D.^{s} é que hoje me repitas a boa nova das tuas melhoras.

Comprei o papel; vê, se te lembra mais alg.^{a} cousa necessaria. Ama o teu C., e lembra-me aos f.^{os} e ao M.^{el}

Teu

Camillo.

VII

M.^{a} QUERIDA FILHA

Fui p.^{a} a Foz, Hotel Mary & Castro. E' o quarto onde estivemos no 1.^{o} andar. Saudades, e presentim.^{tos} de q̃. não nos aguentaremos aqui mais. O S.^{a} Pinto está no Central, Entre Paredes com o Narciso. Mandei-lhe recados pelo creado que no americano onde vim da estação me deu a nova. Não o procuro p.^{r} causa do outro. Elle sabe q̃. eu passei p.^{a} a Foz. Fui com o Carv.^{o} pagar a lettra ao Costa S.^{tos}. O Carv.^{o} soube tudo, por que me acompanhou. Deixal-o. Não é deshonra p.^{a} mim, e é nobre p.^{a} ti. Se eu esta noute passar sem gr.^{de} incommodo, demoro-me a ver se componho o estomago. Se não tiver mais vont.^{e} de comer ámanhan, vou-me embora.

Não acho a vida, a sensação da existencia, onde

tu me faltas, m.ª querida f.ª. Recommenda-me a todos.

Teu

C.

P. S. — Saudades da Amelia e do sr. Carv.º

VIII

M.ª ANNINHAS

R.ⁱ a tua 2.ª carta. O S.ª Pinto não veio jantar. Ou não me entendeu, ou teve testilhas com o outro. Se foi isto, é ultra mal creado; mas eu desculpo-o. Não tomou chá em pequeno, e ninguem pode dar o q̃. lhe não deram. Estou m.ᵗᵒ cançado destas idas e voltas, filha; quero dizer de idas ao Porto. Não me posso ver só, sem um livro, nem vont.ᵉ de o ter. Sinto-me mais quebrantado. Vou-me embora no sabbado. Se o calor o permittir, vou no comboyo do corr.º Se não vou á tarde. Manda-me um telegrama (visto q̃. não ha tempo p.ª carta) a dizer o que queres que leve de casa do Proudhomme.

Hoje vou comprar café e 2 bilhetes da loteria do Brazil. Palpita-me. A bruxa disse que serias m.ᵗᵒ rica no fim da vida.

Podem sahir-te 1000 contos fracos.

O S.ª Pinto diz que viu nos jornaes do Porto a

noticia de estarmos em Braga ; p.r isso não escreveu p.a Seide. Eu não desconfio do homem.

Os patifes são-o quando a necessid.e os força.

Elle não está nesse caso; e q.do era pobre não foi m.to tratante em cousas de dinr.o Emfim, veremos.

Lembra-me á fam.a e ama o teu C.

O teleg. p.a a Foz.

IX

M.a ANNINHAS

Deitei-me ás 8 e meia, e adormeci ás 4.

Que duras noites eu passo! Sempre a pensar na tua doença com a perspectiva negra da tua morte. Tudo me agoura a maior catastrophe da m.a desgraçada existencia. Rodeia-me um cheiro de sepulcros, e nada, nada me deixa esperar mais um momento de treguas com a sorte, se tu me deixas. Nada te peço em meu nome, p.r q̃. ja agora não vale a pena q̃. vivas p.r amor de mim; porém, essas pobres creanças... Hontem fallaram-me no caminho em um novo systema medico q̃. está fasendo prodigios. O Pinr.o Torres applica-o com grd.e vantagem. Logo que eu vá, irei a Braga consultal-o sobre a tua molestia e sobre a m.a

Tens um dia de sol, a final. Foi precizo que eu d'ahi sahisse. Isto entra no numero dos taes propositos de acaso q̃. se parecem com as pernas da mosca

do café. Aqui, tanto se me dava q̃. chovesse como não. Levantei-me ás 7 ½ m.to incommodado; almocei m.to mal e sem alg.m appetite. Agora, espero o Montalverne p.a para lhe dar estes livros, e o Carv.o p.a ir comigo comprar o pano do cazaco. A Amelia está mal. Pouco tempo passa fora da cama. Custa-lhe a idea da morte, p.r q̃. a achei m.to triste.

Adeus, m.a filha. Tudo isto está no fim — e quase q̃. eu devo assombrar-me de viver.

Mandei-te hontem á tarde a lettra. Recados aos filhos. Teu do c.

Camillo.

X

MINHA QUERIDA FILHA

Como não me parece possivel curar uma constipação aqui, nem ha rasão p.a q̃. eu aqui me demore, vou ámanhan (sabbado) no comboyo da tarde. Todas as trez noites tenho passado m.to mal, e ainda estou no primeiro periodo da bronchyte.

Ricardo dá-me pastilhas inuteis; manda-me por rigotols (*sic*) nas costas e peito; mas isto sem ti não o sei nem posso fazer.

Dos olhos, o m.mo. Hontem estive quase bom; mas a noitada e o aggravam.to do defluxo peorou-me.

Até lá, m.a queridinha.

Teu

C.

XI

M.ª QUERIDA FILHA

Como não dormi, sinto-me hoje miseravelm.te da cabeça e pernas. Dei todas as voltas p.r que sahi ás 7 ½ da manhan com chuva e nevoeiro cerrado. Se a ida á tarde não fosse arriscada com chuva e frio da Portella p.ª baixo, iria logo: mas talvez vá ámanhan. Em todo cazo, sempre manda a egua á P.; e, se eu não for, é por q̃. passei melhor a noute. Vou jantar a casa da Amelia por me lembrar q̃ me darão um jantar mais simples. Estou cançado de ouvir *o* Baltar desde a 1 hora até ás 2 ½.

AD.s m.ª adorada esposinha.

Teu

C.

XII

M.ª FILHA QUERIDA

Depois de hontem jantar sem vontade e m.to receoso, fui á Foz, e com isso a cabeça melhorou; mas augmentou a dor da perna. Puz-lhe rigolots e therebentina: a nada cedeu, e só adormeci ás 3 horas. De manhan tomei cha preto e fui á Foz.

Não ha quarto em algum dos hoteis, senão depois do dia 15. Isto (ja o adivinhaste) não me contrariou; por q̃. eu, sem ti, não parava la. Se não vou para caza é esperando q̃. tu me digas q̃. tens creada e que a m.ª presença te não obriga a tamanho trabalho. Lembrava-me levar creada d'aqui. A' Amelia tem-se offerecido cozinheiras a 6 moedas por anno; mas ella se embirra com a cara d'ellas, ou não lhe dão promptas informações não as quer. Para nós porem tudo serve. Vê o que te parece isto. Estou sosinho no meu quarto. A Amelia foi p.ª o Palacio com as comadres de Espinho, 9 pessoas, q̃. aqui almoçaram ás 11 $^1/_2$. Eu fui p.ª o Chardron. São 3 $^1/_2$ e ainda não vieram *comer fruta* p.ª se irem p.ª Espinho.

Tudo isto me tem hoje m.s aborrecido.

O Chardron m.to satisfeito com o livro Eusebio. Diz-me q̃. vá relendo o livro p.ª a 2.ª edição! quer fazel-a antes do fim do anno. O maior consumo tem sido no Porto. Q.m diria! Isto explica o realismo pratico das mulheres. Na tua mocid.e decerto o livro se não venderia.

Adeus, m.ª Annica. Manda me ir p.ª ti, e p.ª os nossos rapazes.

Teu

C.

XIII

M.ª F.ª

9 da noute. Imagino-te com o Jorge ao pé do piano e com o Espinho ouvindo as imaginaçoens do nosso doente querido.

Hontem a esta hora soffria eu m.^to^, e hoje soffro o m.^mo^ Vou deitar-me ja munido do narcotico q̃. a final nada me faz. Aqui ha 2 quartos p.ª os filhos, e um pequeno para nós até 5.ª fr.ª

Depois ha melhor quarto. O Carv.º disse-me q̃. te escrevêra hoje. AD.^s^, m.ª querida.

Vim com a M.ª Amalia e marido. Ella assim que chegares a Lx.ª vai vêr-te.

E' uma pobre senhora: parece uma burgueza vulgar.

AD.^s^ Abraça-me o Jorge e dise-lhe q̃. venha ver o papá.

Teu

C.

XIV

M.ª FILHA QUERIDA

Vim m.^to^ doente. Cuidei que tinha no wagon a sorte do João Coelho. Pensei m.^s^ na morte que uma vez q.^do^ desencarrilhei.

O Jorge comeu e está bom. O q̃. me fez enorme mal foi o calor desde a portella á estação. Vou escrever ao D.[r] Emilio e ao Adolpho a ver se me procuram antes de eu ámanhan poder falar-lhes.

Decidiu-se hontem a querella contra o raptor.

Defendeu-o o A. Pimentel. A rapariga declarou q̃. estava virgem. Ainda assim o rapaz foi condemnado a 6 mezes de cadeia, e o pai d'elle, como receptador, a 3. Foi feliz. Citou-se la o caso do Nuno por p.[te] da defeza, louvando m.[to] o conc.[o] *(sic)* de fam.[a]

AD.[s], m.[a] f.[a]

XV

FILHINHA

Alegrou-me a tua carta, por que eu estava m.[to] apprehensivo e triste. A tua carta veio a tempo competente; mas como o porteiro estava bebado só m'a deu de manhan ás 6 horas.

Ja recebi o teu dinr.[o] Tomou conta d'elle o Carv.[o] ou foi elle q.[m] o recebeu, e la o levou p.[a] caza. Dinr.[o] teu ainda me não deu uma de cinco. Diz que me pode roubar a Alveolos. Meu é q̃. ainda não recebi. Espero ámanhan recebel-o, p.[r] que sei q̃. ja hoje chegou nova ordem ao tal livreiro. Na 2.[a] fr.[a] vou-me embora. 8 dias! Dize ao M.[el] q̃. ja lhe comprei as gravatas, e ao Jorge q̃. lhe arrangei a tinta. O resto das compras está feito q̃. pouco é.

A roupa só m'a dão no domingo. Arrependi-me de a mandar fazer p.^{r} q̃. já são duas provas com que me incommodam. Não duvidas da m.ª alegria, neste mom.^{to}, em q̃. te posso imaginar com vida p.ª mim e p.ª os teus filhos.

AD.^{s} Lembra-te do teu Camillo sempre, e não trabalhes m.^{to}

XVI

M.ª QUERIDA FILHA

Jantei na Foz. O Carv.º visitou-me á tarde com a fam.ª, e convenceram-me a vir pernoutar no Porto. Tomei em caza d'elles um copo d'agua e vinho q̃. me fez uma indigestão. Passei m.^{to} mal. De manhan estive p.ª me retirar: mas achei cruel levar-te este hediondo arcaboiço cheio das impertinencias da doença. Estarei até mais não poder. Sinto tão grande nojo de mim neste escarneo a q̃. se apega a velhice q̃. tomara-me sentir abraçado pela morte.

Fui hoje deixar um bilhete ao S.ª P.^{to} e deixar-lhe a m.ª residencia na Foz. Sempre desejo saber o que o homem tenciona fazer. Não estava em caza; mas é de supor q̃. me procure.

Escrevo-te na livraria do Costa S.^{tos}. Não vejo, nem posso escrever. Recados aos filhos e uma lagrima de saudade dos nossos melhores tempos p.ª ti. AD.^{s} f.ª

XVII

ANNINHAS

A pesar do telegramma, fui esperar-te. Nada me incommodou, senão o desgosto de ver q̃. não vinham. Nem talvez chegues a vir, continuando o Jorge a velar a noute.

Hade ser difficil adormecer ainda q̃. queira, por q̃. o somno foge dos sãos q̃. querem dormir, e ainda m.s dos infermos.

Fico em dolorosa duvida se virás. E, depois, a outra mais cruel incerteza ou quase certeza de que o Jorge se revoltará contra o Porto, onde não acha a solidão a q̃. se affez. A'manhan talvez me digas pelo fio alguma cousa.

Eu tomei o narcotico, e dormi a pezar d'uma dor no joelho; mas só me levantei ás 10 da manhan por me sentir m.to quebrantado.

São 8 e meia da noute. Vou mandar ao corr.o. Não te escrevi de dia, na esperança de q̃. viesses. Ha uma grande falta de commodos neste Hotel. Até não vagarem alguns quartos, temos de estar m.to apertados. Eu procurava outro, se não fosse o Jorge já conhecer esta caza.

Em meio de tudo isto, está o enorme abysmo de uma desgraça que nos hade engulir a todos. Nem a paciencia religiosa, nem a força da alma — a inutil philosophia — nos podem salvar.

Nós mesmos temos horas em que deixamos de ver o fundo do abysmo. E' quando nos illudimos com a esperança do padecente quando lhe vestem a alva.

A unica sahida desta situação era adormecermos para sempre sem ver o que cá deixamos no mundo.

Escuso diser-te que estou m.[to] triste. Hoje, a ver se me furtava a mim mesmo, sabendo que o Carv.[o] fôra de manhan p.[a] Valbom, fui la estar duas horas.

Não posso andar, não conheço ninguem, acho-me aqui peor que em p.[te] nenhuma.

Longa massada, m.[a] filha. Ad.[s].

XVIII

M.ª FILHA

Eu tinha tenção de ir ámanhan, mas occorre um incidente que me obriga a demorar-me até sabbado. Hontem ao jantar concorreu um filho de Simão Duarte que me parece affectado do cerebro. Era convidado por um Girão q̃. aqui está.

O homem deu-se ao disfructe, e o meu visinho Luiz Jardim riu-se um pouco das graçolas dos disfructadores. O Girão offendeu-se, e depois do jantar no Club dirigiu ao Jardim algumas phrazes, e em seguida o Simão Duarte deu-lhe uns bofetoens q̃. o outro recebeu sem replica.

Depois veio ter-se comigo pedindo-me que o aconselhasse. Boa tolice. Não lhe aconselhei duello

por que o Simão joga todas as armas, e o Jardim sobre a covardia tem a ignorancia. Penso no modo de levar o Simão a dar-lhe uma satisfação qualquer, por q̃. o Jardim está m.[to] vexado. O remedio é peor que o insulto. Estou á espera q̃. o Girão recolha do banho p.[a] lhe fallar.

Continuo a passar m.[to] mal as noutes.

Hoje doe-me o estomago. Vou ver se consigo ir para ti, m.[a] filha, ámanhan. Imagino-te em V.[a] Nova, Oxalá q̃. sim. Dos olhos cada vez peor.

Teu do c.

C.

XIX

9 ½ da noute.

M.[a] FILHA

Na carta que te escrevi de manhan disia-te q̃. iria á noute ver o *Camoens.* Mas, ao cahir da tarde, fui ao palacio, e vim de lá com m.[ta] tristeza, com a vista obscurecida, as pernas tremulas e a cabeça ôca. Fui comprar uns chinelos para ti e para mim; comprei umas mantinhas p.[a] ti e p.[a] os filhos; tomei um copo d'agua chalada no botiquim da rua de S.[to] Ant.[o]; conversei na Havaneza com o Guilherme Fernandes bomb.[ro], estive com o outro command.[te] da bomba, e vim p.[a] caza a cahir como um bebedo. Donde con-

cluo q̃. ja não posso sahir de casa sem receio de faser a deploravel figura d'um ebrio ou d'um cachetico. Tudo me manda recolher ao quarto como á antecamara da campa. Estou m.^{to} velho, m.^{a} filha, muito cheio de uma amargura que nem a m.^{a} phantasia ousaria crear. Na esperança de ser visitado esta noute pelo reumathismo, comprei uma caixa da celebrada pomada lusitana. Oxalá q̃. a não abra.

Eu, se poder, fico até 2.^{a} fr.^{a}; por que no domingo me dá o alfaiate umas calças e uma sobrecasaca preta q̃. mandei faser... para assistir ao casam.^{to} do Nuno. Se ves que ainda é tempo, manda-me um teu vestido para se faser um e diz se o queres de seda preta. Manda-me todas as garrafas q̃. tiveres em meu nome. Um hospede, o Ozorio de Lamego, deu-me a provar um vinho da Beira q̃. elle vende. E' uma delicia para quem gosta dos vinhos fracos.

Resolvi comprar 2 almudes engarrafados q̃. orçam por 70 garrafas. Se não houver tantas compram-se. Poderás talvez mandal-as ámanhan e eu recebêl-as no sabbado.

Boas noites m.^{a} filha e meu Jorge, meus queridos amores.

Teu

C.

XX

MINHA QUERIDA ANNINHA

Recebo as cartas inclusas na tua q̃. eu esperava com receio de má noticia de ti ou do Jorge.

Felizmente não sempre se realisam os meus agouros, máos em conformid.^{e} com a m.^{a} deploravel nevrose. São 10 da noite. Hoje não passei tão mal — graças á boa comp.^{a} do Ricardo; mas desde que elle me deixa entregue ao abutre da m.^{a} tristeza, entra-me no corpo e na alma o veneno q̃. tu conheces. Como bem pouco, visto que os intestinos são rebeldes á expulsão; vou-me abstendo de café, de chá, de vinho; a isso devo talvez a diminuição de ardor; mas que longe estou de gosar uma meia saude!

O baptisado é ámanhan entre o meio dia e uma hora. Eu tencionava retirar-me no comboio da tarde; mas o Carv.^{o} insta por q̃. eu jante la, e sente q̃. a precipitação não permitta cá vires. Não vae m.^{s} alguem. De modo q̃. só vou no dia seguinte no comboio do corr.^{o} ou no expresso, se estiver o frio q̃. hoje faz. Tenho andado com o cazaco de inverno e sem calor.

O Ricardo queria q̃. eu me demorasse m.^{s} alguns dias. Elle não imagina q̃. a saudade me é tão dolorosa como a doença. O q̃. eu m.^{to} quero é ir to-

mando regularm.[te] o Arsenico em que me resta alg.[a] confiança.

Se ahi o demonio da doença me não deixar parar irei p.[a] S. Thyrso. Os ares do Porto estão pessimos, e a rapida mudança de temperatura faz-me um mal infallivel na obtusão do nariz e espasmo na garganta.

A carta do Miranda é imbecil. Para te entreteres mando-te uma carta do Philemon q̃. está aqui. Tenho visto os jornaes.

Por aqui certos typos, *p.[a] me honrarem*, disem q̃. nunca me hão de chamar senão C. C. B. Figura entre estes Gracos o teu dentista. Ha m.[ta] inveja — é o q̃. eu te posso asseverar.

Adeus, querida filha. Até amanhan.

XXI

M.[a] FILHA

Trouxe me o Carv.[o] ás 11 horas a tua cartinha q̃. me fez bem. Eu tinha passado pessima noute com a bronchyte. Ficou ao pé de mim o M.[el] e só adormeci ás 4 1/2 até ás 7. O Ricardo mandou-me hontem tomar cyno-glosse. Em caza d'elle, ás 6 da tarde, dei uma fricção de cloroformio, e continuei-as de noite de varias coisas até ás 4 horas. Foi o frio da manhan da jornada, o nevoeiro q̃. me acompanhou até ao Porto. Almoçou comigo o Ricardo, e ficou de vir sempre

almoçar. A' tarde mostro-lhe a tua carta. A pesar da noite, tive hoje os olhos correctos uma hora, estava m.^{to} contente, mas a nevoa voltou. O Ricardo não quer, ou acha inutil a cocaína que o Santhiago me prescreveu.

São 3 da tarde e ainda não sahi de caza com medo q̃. o calor me peore da constipação. Continuo a tomar as pilulas de cynoglosse. Ricardo auscultou-me, e não achou nada de máo diagnostico. Comi um bife e soube-me bem. Elle comeu magnificam.^{te} Diz-me q̃. me demore 3 dias p.^{a} debellar o catarro. Talvez os olhos lucrem com isso. Eu, se soubesse q̃. não ia estorvar-te, ia-me embora.

São infinitas estas horas, m.^{a} f.^{a} Não posso ler, e ja escrevi de m.^{s} p.^{a} o q̃. posso. Adm.^{s}, m.^{a} querida. Esta tosse sêcca despedaça-me; mas estou alegre, vês tu. A cegueira é q̃. era tudo; o resto, o morrer com vista, é um bem.

Beija-te o teu C.

XXII

Foz

MINHA ANNINHAS

Deitei-me ás 9 horas, mas adormeci depois da $^{1}/_{2}$ noute e ergui-me ás 6 $^{1}/_{2}$. Quiz ir passear mas as pernas não se conformam com este deboche de felicid.^{e} Comprei um páo para me amparar; mas q.^{m}

preciza d'um páo p.^{a} andar em publico faz a m.^{s} triste das figuras; e deve metter-se em caza.

Neste progresso da doença, a m.^{a} deliberação é entrar n'um hospital com preferencia á caza de saude. Sinto um grande furor posthumo de acabar n'um hospital.

E' uma glorificação p.^{a} meus filhos e netos.

Como q.^{r} q̃. seja, eu só irei p.^{a} a tua comp.^{a} q.^{do} leve a certeza de q̃. as m.^{as} infermid.^{es} não vão augmentar as tuas com desgostos.

Ultimam.^{te} disias-me com energia q̃. estavas morta por me ver fora de caza. Não posso culpar te p.^{r} esse desejo expremido com sincera espontaneidade. Realm.^{te}, uma pessoa com solida saude pode tolerar os desabrim.^{tos} d'um enfermo: mas tu não podes. m.^{a} filha. Estou como o Caldas no Bom Jesus. D'aqui ou com saude ou morto.

Basta de boletim sanitario. Q.^{to} a negocios: hontem quando cheguei á noute, vindo do Porto onde jantei, encontrei bilhete do S.^{a} P.^{to}, do Lacerda e do Carvalhaes. Vieram os 3.

Agora espero q̃. o S.^{a} Pinto ou me procure, ou terei eu repugnantissimam.^{te} de o procurar e mais ao Lacerda p.^{a} ver o q̃. elle me conta de negocios. Tenho como certo q̃. elle ainda não liquidou. Aliás estaria em Lx.^{a} a fazer o trespasse das fabricas, &.^{a}

Ainda assim, eu queria ver de q̃ humor elle estava, e se me marcava de novo o prazo do pagamento. Não me parece verosimil que elle te encravilhasse tão vilm.^{te} Hontem sahiu um novo N.º da *Revista do*

Norte que eu não li. Talvez q̃. elle o mandasse p.ª Seide.

R.ᵇⁱ hontem a tua carta em casa do Carv.º

O mal-estar q̃. te deixou o banho passou?

Não me mandes m.ˢ roupa, por que eu d'um dia p.ª o outro acho quem me lave as camisas q, trouxe. R.ᵇⁱ 300$ rs. por conta dos 400 q̃. mandaste dar-me. Se quizeres, o Carv.º manda-te o restante pelo Banco do M.º p.ª V.ª Nova. Neste Hotel ainda está pouquissima gente — 2 inglezes e eu. Se tu quizesses e mais os filhos aqui vir estar uns dias, tinhas boas commodid.ᵉˢ Mas o Jorge! Mesmo tu e o Nuno creio que não gostam d'isto — e eu dou-lhes rasão. Sinto-me menos mal do que me sentiria se visse o mar e visse gente. Como sabes nestes quartos do 1.º andar vê-se uma nesga de pateo. A cama é dura como um páo, e o travesseiro de pennas fez-me dores atrozes no pescoço q̃. ainda me não deixaram. Tenho comprado uma escova e papel p.ª escrever-te, e um páo. Os sapatos feriram-me um calcanhar.

Hontem mostraram-me na Praça Nova um filho do Dr. Moutinho vendendo pós para tirar nodoas. M.ᵗᵒ esfarrapadinho, descalço, cheio de lepra. Tem 24 annos. Quem conheceu a mãe — a Gandra! Outro filho d'elle Mout.º é serralheiro na rua de S.ᵗᵒ Ant.º Levanto as mãos a Deus em me dar como menor desgraça o Jorge... no seu estado.

As demencias lavram m.ᵗᵒ por aqui.

Decepçoens, ambiçoens malogradas, siphilisaçoens cerebraes. As mulheres ressentem-se menos destas

influencias phisicas e psycologicas. Por isso as doudas são em numero m.[to] menor. A m.[a] cabeça tambem está fraca; sinto um desapêgo sinistro pela m.[a] subjectividade. Parece que da circumferencia da m.[a] alma para um espaço infinito se está desenrolando um pragal immenso, uma aridez em q̃. tudo se torna impalpavel e invisivel. A tua imagem tem já o quer que seja da pallidez de uma visão dantesca, morta. O Jorge passa como um Christo debaixo de uma cruz dos peccados alheios. Os outros não os vejo, por que são felizes.

Mas q̃. massada te dou, m.[a] filha! Tu creio que ainda gostas de ler as cartas do teu velho am.[o] Mas desconfia disto. Eu sinto-me n'uma dissolução de cadaver que se expõe ao ar depois de incinerado (*sic*) por 3 seculos. Isto vai cedo p.[a] debaixo da natureza como diz Jorge, esse enorme talento que deu o salto d'um extremo para o ponto em que o espirito sobe até onde ja não ha ar q̃ o vitalise. Por aqui fico hoje sentado n'uma causeuse velha q̃. parece um esquife quebrado.

AD.[s], Anninhas, ad.[s]

Teu

C.

P. S. — Abri a carta para te diser que não me conteve a impaciencia e fui procurar S.[a] P.[to] Disse-me que ainda não concluira o negocio, e espera concluil-o até principio de Setembro. Que não ia a Seide

ver-nos por q̃. tinha vergonha p.r saber q̃. a suspensão das obras pozera suspeitas no seu caracter. Que em Portalegre ja lhe chamavam Fajardo fantasista de fortunas. Explicou-me as delongas. O Valle, deputado progressista, mangou com elle p.r entender que devia attender prim.ro a politica, e p.r saber que elle não necessitava. Que ja teria despedido o advogado se não fossem os Anjos que lh'o encamparam. Parece-me porem q̃. deves socegar q.to a receios. Eu disse-lhe q̃. as obras não estavam paradas, mas q̃. iam m.s de vagar. Elle por não ser pesado, não pediu que adiantassemos m.s din.ro Que a sua idea é ir viver p.a Seide *com o Narciso*. Em fim estou á espera dos *2* q̃. vem aqui jantar comigo. Ad.s, f.a

XXIII

3 horas ½
Na estação

Sinto-me muitissimo doente. Não retrocedo por q̃. não tenho meio nenhum de transporte. Parece-me que vou morrer de enfermid.e, de angustia moral e de desesperação. Digo-te adeus e aos filhos. Não lhes peço q̃. peçam a D.s p.r mim p.r q̃. não ha assima da terra q.m me possa valer.

Teu

C.

XXIV

Ao recolher-me á cama p.ª morrer, digo-te adeus Anninhas.

12 de Janeiro.

4 menos ¼ da tarde.

Camillo.

XXV

Quando sahi de Seide em 10 de Setembro de 1885 p.ª o Porto levava um profundo presentimento de q̃. ia morrer.

Camillo Castello Br.co

10 horas ½ da manhan.

XXVI

MEU FILHO

Estou despedaçado de dores nevralgicas, e suicido-me, se ellas me duram. Mette-te em uma carruagem e vai dizer ao Dr. Ricardo Jorge que te receite alguma coisa q̃. se pode aviar na botica da rua de S.to Ant.o q̃. está sempre aberta. Acode ao teu desgraçado pai.

XXVII

MEU QUERIDO FILHO

Tenho m.tas saudades de ti, Jorge.

Estou m.to velhinho, mas ainda não morro. Lembra-te do teu papá e dá alguns passeios a cavallo, e não penses em cousas tristes. Conversa com a maman, e dize-lhe coisas alegres para ella se não affligir com as nossas doenças. Adeus, meu Jorge. Abraça-te ao coração o teu

Papá.

XXVIII

(Telegrama da Póvoa de Varzim, em 6 — Setembro — 1888)

Ex.mo Conselheiro Peito de Carvalho — Lisboa

Não penses mais em mim. Vou para Seide resolvido a esperar a morte irremediavel.

Camillo.

XXIX

MEU AM.o

Deve estar farto de saber que meu f.o está no La-

zareto, onde tem de *expiar* mais 10 dias por não fazer caso de conselhos.

Vou inutilisar uma pagina do seu album e enviar-lh'o. São 2 horas da noite. Estou-me estorcendo com horrendas nevralgias.

Desejo-lhe uma noite de festa e que o Macario assassinado viva m.to tempo.

Do seu am.o

C. Castello Branco.

XXX

EX.mo SR.

Se vê que a minha carta não tem m.tos descuidos grammaticaes, pode publical-a. Não me lembro se ha la coisa que moleste o proximo; se vê que há, trace.

V. Ex.a não deve ignorar que eu acato o proximo e so por descuido lhe tenho assacado aleives que me trazem assaz penitenciado.

Agradeço-lhe a estimação que dá ao futilissimo livro dos «Brilhantes». Parece-me que so tem uma duzia de paginas soffriveis: são as ultimas que me sahiram da alma com lagrimas. As outras são pura chalaça — o *espirito portuguez*, unico, a meu ver, que pode sahir das nossas officinas de caricaturistas. A nossa socied.e não dá para mais. Se tirarem a Portugal o brasileiro, e ao Jardim das Plantas de Paris

os ursos, não ha ahi que ver. (Esta carta faça-me o favor de a não publicar. Isto entre nós é maledicencia m.[to] á puridade.) Dê-me as suas ordens.

De V. Ex.[a]
adm.[or] affectivo e obg.[o]

Camillo Castello Br.[co]

S. M. Seide
17 de Abril 70

XXXI

MEU PRESADO CONDE

Costumo importar-me quasi nada com os juisos da posteridade: não me preoccupa cousa nenhuma a gloria ou a detracção d'alem da campa. Não obstante, sinto certo prazer em q̃. nos seculos vindouros se encontrem os nossos nomes juntos e escriptos em um livro de baptisados.

Pode ser q̃. a tradição vá referindo que nos encontramos amigos na flor dos annos, e, ao intardecer da vida nos encontramos unidos pelo pensam.[to] ao desabrochar da alma do nosso afilhado para as luctas da existencia. O teu nome ser-lhe-ha uma honra, e o meu um confôrto.

Abraça-te com a energia de um grande affecto o teu velho amigo

Camillo Cast.[o] B.[co]

T. C.
de fevr.[o] 1882

XXXII

MEU PRESADO CONDE

Conservo a tua carta entre as felicitaçoens mais gratas. Ainda pondo de parte a exageração com que reputas os meus merecim.^{tes}, tenho m.^{to} que te agradecer. A mercê q̃. dêvo a Elrei abriu margem a outra egualmente valiosa que dêvo aos representantes da nação.

Mas sabes o q̃. eu, sobre tudo e m.^{s} q̃. tudo desejava, meu caro Conde? Era saude que perdi sem esperança de a restaurar.

Abraça-te cordealm.^{te} o teu velho

Camillo Castello Branco.

XXXIII

EX.^{mo} SR.

Porto — Agosto de 1863.

Diz-me a consciencia, que não mereço a poesia, que V. Ex.^{a} me dedica; mas o coração agradece-a..

Dou-lhe um fervoroso apêrto de mão, como o de dois infelises, que se encontram a caminharem guiados pela mesma estrella de infortunio. Não paremos,

que la adiante está um bom travesseiro de pedra, e um somno longo e quieto.

Com m.ta estima e gratidão

De V. Ex.a adm.or agradecido

Camillo C. Branco.

XXXIV

MEU AMIGO

D. Anna e eu lhe agradecemos mui cordealm.te a offerta do seu laborioso e utilissimo trabalho. Na 2.a ediç. do *Cavar em Ruinas*, se se fizer em m.a vida, farei menção da nota do meu amigo.

A maxima p.te dos livros que me propõe em troca a tenho nas *Memorias da Academia*. Outros, a fora aquelles, já os possuo, e alguns não interessam ao genero dos meus estudos.

Relativam.te aos abatim.tos, que o meu am.o faz aos livrecos q̃. por ahi tenho, são elles tamanhos q̃. não os aceitaria eu.

E' certo q̃. auctorisei o Eduardo a abater; mas com abatim.to tambem da percentagem q̃. lhe designei. Sem isso, não terão elles tão desgraçado fim. Prefiro recolhêl-os; por que merecem m.a alguma estima.

Do seu m.to am.o

30 de Julho 67.

C. C. Br.o

XXXV

MEU AMIGO

Queixa-se injustam.^{te}. O cathalogo dos livros que hãode ir p.^{a} o Ed. Coelho, so no fim da corr.^{e} semana fica impresso. Um q̃. enviei ao barão de Paçô, como o meu am.^{o} pode verificar, é egual ao q̃. lhe deu o Alves Matheus.

Eu tinha escripto ao Jorge Shaw indicando-lhe do referido cathalogo os n.^{os} escolhidos por V. Diz elle que recebeu a m.^{a} carta quando o leilão ja corria, e parte das obras estava vendida. Isto, a meu ver, é mentira. O mais certo será q̃. elle tinha interesse em adjudicar as obras ao V. Pinto.

Vendeu-lhe o n.° 7	(B. Rabbinica)··	10$000
» n.° 28	(Constit.) ······	2$000
» » 95	(Mayor triumpho)	2$400

Queira ver no Innocencio que esta 3^{a} obra tem estampa allegorica. O meu exemplar não a tinha. O meu amigo por tanto descontentava-se da falta.

O n.° 53 (Hist. da America) chegou a 9$000; mas, como eu fixára o minimo em 10$000, ficou.

Pode contar com ella pelos 8$ rs.

O n.° 63 (Fastos) que o V. Pinto comprou p.^{r} 2$ rs.,

falta-lhe o 7.^{o} vol. seg.^{do} o comprador me assevera com o Innocencio em punho.

O autor é um fulano Lx.^{a}, e parece-me ser *Gaspar* (tambem os ha no Rio de Jan.^{ro}) Não lhe servia por tanto.

Outros n.^{os} se venderam, excepto a hist. genealog. da Casa de Lara que, se bem me lembro agora, o meu am.^{o} disse querer p.^{r} 12$000.

Eu, fiado nos 140 fr. do Maisonneuve, estipulei o minimo de 19$000 rs. Chegou a 12100 rs.

Ficou, p.^{r} tanto; veja o d.^{r} se devo remetter-lh'a.

Eu dei 20$ rs. como fino q̃. sou.

Tenho por tanto ás suas ordens:

Os 2 Regim.^{tos} da Inquisição	9000
Constituiçoens de S. Bento	2500
Sermoens de Galvão	3000
Promptuario	1200
Hist. da America	8000
Refeição	2250
Explicação do Psalmo	1200
Jardim da S. Escript.^{a}	1200
Casa de Lara	12000

Diga-me se lh'os devo remetter.

Q.^{to} á importancia, poderia o meu am.^{a} enviar-m'a por via do Banco do M.^{o} p.^{s} V.^{a} Nova, onde ha casa filial ou corresp.^{e}, dedusindo a percentagem.

Os sermoens de Galvão (o melhor e optimo exemplar) está em Seide. So no começo da prox. se-

mana posso enviar lh'o. Os outros livros estão aqui no Porto.

Do seu am.º obg.º

Porto 21 de
8.bro 68

Camillo Castello Br.º

XXXVI

EX.mo SR.

Faltam-me os seguintes livros: (*segue-se uma relação de livros portugueses, franceses, italianos, espanhóis, ingleses e latinos, indicados por números de catálogo e com os respectivos preços.*)

Deve-me V. Ex.ª — 40$450 reis.

Passados oito dias, se V. Ex.ª me não houver pago com dinheiro, com os mesmos livros, ou com outros, volto a Braga. Lamento a sua posição; mas não me deixo espoliar pelos despejados; pelos infelises, sim.

O snr. Caldas, se conseguisse reaviventar a sua vergonha perdida, poupava-me a mim ao nôjo de lhe escrever o necrologio. Hade têl-o magnifico e monumental.

De V. Ex.ª
admiradissimo servo

Seide 12 de
Junho de 1870

C. Castello Br.º

XXXVII

EX.^{mo} SNR.

Devolvo os seus livros. A *Ethiopia* é extremam.^{te} cara, attento o seu estado geral e particularm.^{te} o da pag. 10. O ms. não me convem. Seria obra estimada se passasse alem do 4.º canto.

Perguntei ao Ernesto Chardron pelo leilão q̃. V. Ex.ª me annunciou. Disse elle q̃. tal leilão é pura fabula.

Lamento que V. Ex.ª nunca queira entrar no terreno da leald.^{e} comigo. Como já estou cançado de me molestar com esta suja questão de livros, d'aqui prometto não mais intentar havêl-os. Tempo perdido. V. Ex.ª conseguiu o seu fim. Parabens.

De V. Ex.ª v.^{or} e adm.^{or}

Hotel dos 2 am.^{os}
27 de Junho 70

Camillo Castello Br.^{co}

XXXVIII

MEU AMIGO

Envio-lhe uma lista de livros que desejo trocar por chronicas monasticas e civis. Não lhe inculco a ra-

rid.[e] de alguns, por que não ensino o padre nosso ao vigario.

Se tiver livros que queira trocar pelos bons exemplares que offereço diga que livros são.

Advirto-o, porem, que não cedo uns, ficando eu com os outros.

Do seu adm.[or], confr.[e] e am.[o]

Seide. 8 de
8 bro 76

C. Castello Br.[co]

XXXIX

MEU AMIGO E CONFRADE

Tenho de escrever um prospecto para a publicação das «Monstruosidades do tempo e da fortuna» por fr. Alex. da Paixão.

Tenho escassas noticias do frade; e creio q̃. o meu amigo poderá, com a sua solicitude investigadora, dar-m'as de modo que a sua resposta possa ser inclusa no prospecto.

Se isto lhe não for penoso — e por q̃. sei q.[to] lhe são aprasiveis os trabalhos desta especie — m.[to] penhorará o

Seu velho adm.[or] e am.[o]

S. C.
Seide 1 de
abril 78

Camillo Castello Br.

XL

MEU BOM AMIGO

Não accusei a recepção dos apontam.[tos] com q̃. me obsequiou, por que, tencionando ir a Braga, como de facto fui, queria agradecer-lh'os pessoalm.[te]; mas tive de sahir logo d'ahi por ter passado a noute pessimam.[te]

O meu filho não estava no caso de ser honrosamente examinado.

Agradeço ao meu amigo qualq.[r] favor q̃. tencionasse prestar-lhe; mas eu nunca consentirei que filho meu obrigue os meus am.[os] a condescendencias e indulgencias dessa natureza.

Não annunciei á venda alg.[m] opusculo de Malagrida.

Se alguem noticiou q̃. eu o tinha, a illação de q̃. o vendo foi mal tirada.

Do seu am.[o] obg.[o]

Seiðe
19-5-78

C. Castello Branco.

XLI

MEU COLLEGA E AMIGO

Fui examinar o art.º que me indicou no Innocencio, e achei que o seu ms. era justam.^te o q̃. eu suppunha. Muito agradecido.

O homem que em 1647 tentou contra a vida de João IV era Dom.^os Leite Pereira, natural de Guim.^es, e que, segundo presumo, nasceu entre 1610 e 1615.

Tenho quase concluido o romance, que diz resp.^to áquelle sujeito. Como lhe não conhecia o pai, inventei-lh'o; se V. Ex.ª, a tempo, me enviar a authentica paternid.^e do individuo, terei m.^to praser em declarar que lhe devo a preciosa noticia. Comq.^to o conde da Ericeira lhe diga que o homem era de Lx.ª, não o creia; fie-se antes em Fr. Fr.^co Brandão que é coevo, e escreveu sobre o assumpto no mesmo anno.

De V. Ex.ª
am.º obg.º

C. Castello Br.^co

XLII

MEU AMIGO

As contrariedades cerram-se tão despoticam.[te] contra mim que tenho dias de immensa angustia. Hontem q.[do] lhe escrevi estava debaixo dessa influencia doentia que me despedaça sem acabar de me matar.

Se a m.[a] carta o incommodou, peço-lhe q̃. me desculpe. O sr. Ferr.[a] Mout.[o] insta pelo art.[o] Levantei-me hoje a ver se posso trabalhar. Horrivel situação! Não posso se quer abrir os olhos e escrevo-lhe pelo tino.

O Nuno está perdido. Trata mal a m.[er] por q̃. ella lhe nega consentim.[to] p.[a] ir ao Rio. Agora diz q̃. não volta aqui p.[r] saber q̃. eu protejo a pobre mulher

Oxalá q̃. não volte.

R.[bi] tudo. O store não serve. As janellas são de peitoril e pequenas.

Não posso mais.

Do seu am.[o]

C. C. Br.

XLIII

MEU AM.º

Agradecemos as suas condolentes expressoens.

Nuno retirou hontem com a fam.ª p.ª Requião, d'aqui distante 3 quartos de legua.

A creancinha gritou tanto pela avó, q̃. voltou p.ª aqui. Parece q̃. a mandarão buscar ámanhan.

Persuado-me que será inevitavel a separação dos casados, que se detestam cordealm.te

O Nuno tem feito m.ta inconveniencia q̃. não faria, se tivesse outra esposa, com indole de Senhora. Mas esta mulher tem o sangue da mãe que era mulata, da avó que era preta, e do pai que era um patife incestuoso e crivado de vicios.

Alem de tudo, parte d'aquelle cerebro está desorganisado.

Vamos supportando a vida.

Ainda não perguntei ao meu bom am.º quanto tenho a dar-lhe pela despesa feita nas paginas do «General» q̃. se inutilisaram, e outras despesas miudas em que entram 100 cartoens de visita, etc. Desejo não morrer insoluvel.

Do seu am.º grato

S. C. 6.ª fr.ª

C. Castello Br.

XLIV

MEU AM.^{o}

Fui citado para comparecer na audiencia.

Que esperem la por mim. Os auctores allegam q̃. eu, depois de ter vendido *O homem rico* ao Cruz Cout.^{o}, o vendera á casa Moré. Se Cruz Cout.^{o} fosse vivo, seria elle q.^{m} desmentiria a infamia; mas está ahi vivo o sobr.^{q} que era caixeiro do tio.

Veja se pode directa ou indirectam.^{te} interrogar o homem á cêrca d'essa calumnia.

As m.^{as} relaçoens commerciaes com Cruz Cout.^{o} terminaram em fevereiro de 1859.

O «romance de um homem rico» foi escripto na cadeia da R.^{am}em 8.^{bro} de 1860 e vendido juntam.^{te} com o *Amor de Perdição* ao José Gomes Mont.^{ro}

Cruz Coutinho, ncs ultimos annos da sua vida, reatou as nossas antigas relaçoens e lamentou q̃. ellas se tivessem interrompido. Indispuz-me com elle por q̃. fez publico um bilhete compromettedor q̃. encontrou em um livro da m.^{a} livraria q̃. elle comprou em Jan.^{ro} de 1859. Não posso imaginar o q̃. deu azo a tamanha calumnia! Eu queria, desde ja, escrever a este resp.^{to} e a resp ^{to} da questão com o Anselmo, mas falta-me um docum.^{to} que a refutasse.

Infelizm.^{te} José Gomes, Cruz Cout.^{o} e o Chardron, então caixeiro da casa Moré, estão mortos.

Apenas tenho nas *noites de insomnia* uma carta de Jose Gomes Mont.^{ro} exaltando a m.^{a} honra nos contractos.

Lugan & Genelioux, no seu articulado, confessam que Chardron me comprara o *Camões* p.^{a} o livro, e outra edição á p.^{te}; confessa o m.^{mo} a respeito da *Rattazzi*, duas edições, cada uma paga de cada vez.

Q.^{to} aos folhetos da *sebenta* atrapalham q.^{to} podem.

Meu am.^{o}, repito: logo que perdi a questão com o Anselmo não me resta esperança de ganhar esta.

Meu filho Jorge está relativam.^{te} bom.

M.^{to} manso, obedientissimo, bebe quase nada e fuma m.^{to} pouco. Veremos o q̃. vem.

Do seu obg.^{mo} am.^{o}

C. Cast.^{o} Br.

XLV

ILL.^{mo} EX.^{mo} SR.

Recebo com m.^{to} reconhecimento o obsequio do seu livro sobre assumpto em que eu ainda desvelo as poucas horas que posso feriar de outros menos gratos lavores.

Desejo q̃. V. Ex.^{a} se não fique n'esta excellente estreia, e explore na riquesa da sua livraria as m.^{tas}

noticias de que tão precisados estão os estudos bibliographicos em Portugal.

De V. Ex.ª
v.or e ad.or ag.º

Q.ta de S. M. de Seide
Fev.º 77

Camillo Castello Br.º

XLVI

ILL.mo E EX.mo SNR.

Seide, 10 de Dez.º 77

Li aprasivelmente o livro com q̃. V. Ex.ª me obsequiou. Li tudo, excepto o q̃. eu não podia perceber — os algarismos representativos da maxima sciencia destes dias alumiados electricamente.

Não via, talvez, V. Ex.ª o mundo àquella luz, quando em 1859 publicava os seus «Espinhos e amores».

Aqui tenho os dois livros um ao lado do outro. Parecem-se tanto como as duas geraçoens confrontadas.

Que saudade!

Aperta-lhe a mão

o de V. Ex.ª am.º
att.º e ag.º

Camillo Cast.º Br.º

XLVII

MEU CARO AM.º

Porto 28 fev.º 82

Tencionava esperar as provas do prefacio aqui, mas o Teixeira diz que leva 6 dias a compor, e calculou 2 folhas de impressão. O Prefacio leva o titulo *Silva Pinto e a sua obra*. Retiro-me e lá irão a Seide as provas.

O Porto, quando chove, parece-me uma avalanche de m... que se dissolve na enchurrada. Sinto aqui alguma cousa peor que as hemorrodias.

Muita saude e adeus.

Do seu m.^to am.º

C. Cast.º Br.º

XLVIII

MEU AM.º

Hoje recebi a ordem de 76$000, q̃. m.^to agradeço.

Respondendo á sua proposta sobre a m.ª correspondencia com Vieira de Castro, direi que tencionava propor-lhe a compra da obra, antes de tomar outra resolução. Ja do Rio de Janeiro me propoz a com-

pra o Lemaire; mas eu, q̃. não tenho paciencia para copiar os documentos, nem quero desfazer-me dos originaes, recuso vender para o estrangeiro. A obra hade intitular-se: «Correspondencia epistolar de Jose Cardoso Vieira de Castro e C. Castello Br. — Escripta durante os dois ultimos annos da vida do illustre orador».

Dá 2 tomos de mais de 300 pag. cada um, por q̃. as cartas são mais de 300, e hão de ser precedidas de uma succinta biographia.

A propried.^{e} desta obra não a vendo por menos de um conto de reis, e so no principio de 1874 poderei dar começo á impressão.

E' de crer que o meu amigo regeite a proposta, mas não regeite a estima affectuosa do

seu am.^{o}

Seide — 7 de
Ag.^{to} de 73

C. Castello Br.^{o}

XLIX

MEU AM.^{o}

Os 2 vol. da *Correspondencia* devem sommar 500 pag. em 8.^{o} A primeira metade do tom. 1.^{o} contem a biographia de V. de Castro.

Depois seguem-se as cartas d'elle, e depois as m.^{as} Note o meu am.^{o} que é grande o meu trabalho; e calcule que 2000 exemplares a 1000 são 2:000$000,

e a propried.^{e} da obra vale outros dois contos, e a sua felicid.^{e} vale 20 contos.

Eu daria a obra por 600$ rs. se recebesse as 60 libras que do Brazil me mandaram dar p.^{r} 6 exemplares; mas estas 60 lb. deviam ser applicadas ao monum.^{to} em Moreira; — o q̃. não pode ja fazer-se p.^{r} que aquella quinta foi vendida; e eu, p.^{r} tanto, não procuro, nem recebo o din.^{ro} que devia ser applicado ao monumento.

Se tiver ja sahido o 4.^{o} n.^{o} das *Noites*, queira enviar-me 2 ex.

De V. S.^{a}
am.^{o} obg.^{o}

Camillo Cast.^{o} Br.

L

MEU AMIGO E SR. CHARDRON

Pode V. S.^{a} mostrar esta carta ao meu amigo Custodio José Vieira.

Como o periodo, cuja subtracção se pede, não offende J.^{e} Gomes Mont.^{ro}, não o retiro, em q.^{to} elle não declarar que Anselmo mentia quando publicou que J.^{e} Gomes se escondia no seu escriptorio p.^{a} fugir a uma *escroquerie* minha.

Não altero esta resolução.

De V. S.^{a}
am.^{o} obg.^{o}

C. Castello Br.

LI

Seide 2 de 9.bro de 77

MEU AM.o

Envio-lhe um manuscripto. Examine-o.

Calculo que deve dar mais de 100 pag., formato das *Noutes*, e que deve ser vendido a 300 rs.

Se lhe convem publical-o, depois de o examinar, dê-me por elle — pela propried.e — 30 lib.

Se achar q̃. é m.to, dê-me 26, e 12 exemplares, sendo 2 em melhor papel.

Persuado me que será lido com interesse este livrinho.

Convindo-lhe, peço-lhe o favor de mandar entregar a q.ta na Rua da Restauração, 116, a Ant.o Fran.co de Carvalho.

Do seu am.o obg.o

C. Cast.o Br.o

LII

MEU AM.o

2.a feira remetto o art.o «Pedagogia». Vai tambem uma apreciação do «Portugal e os Estrangeiros».

O art.º é m.to extenso: deve deitar 6 pag.; mas eu m.to desejo q̃. elle saia no proximo n.º da «bibliographia» e não seja cortado.

Os enormes livros do B. Branco necessitavam desta amoravel correcção, e eu entendo que a falta de critica justa tem deixado medrar m.to tolo neste *paiz da Marmelada* como lhe chamou o seu patricio Voiture.

Peço-lhe pois q̃. previna o sr. Teix.ra para fazer entrar o art.º inteiro, e o meu am.º faça o sacrificio de metter mais paginas no numero 5.

Mandaram-me 10 *amostras do pano* que eu espalhei por Lisboa.

Se tiver *Les Memoires de Casa Nova* queira enviar-m'as, ou mandal-as pedir p.ª Paris.

Boas festas e cuidado com o estomago e com o figado

Do seu am.º obg.mo

10 — 4 — 79

C. Castello Br.º

LIII

MEU AM.º

Desconfio que não recebeu uma carta em resposta ao seu obsequioso e segundo telegramma — ao qual não respondi *electricam.te* por que a estação de V.ª Nova se fecha ao anoitecer.

Persuado-me que ninguem me julgará capaz da

porcaria de traduzir e fazer meu, não digo um romance, mas um periodo.

Dessa deshonra vou eu immaculado deste mundo infame. Passei pelos olhos o «Cancioneiro» e vi com tristeza que tem bastantes erros de imprensa.

Seria a culpa m.ª, ou da precipitação com q̃. foi impresso. Como é possivel que se faça 2.ª edição, então se farão emendas e daremos m.^{s} alguns poetas em edição mais compacta e menos luxuosa.

Guarde o meu am.º os poetas q̃. ficaram de fora; e, se eu tiver morrido, aproveite-os.

Digo-lhe isto p.^{r} que me sinto bastante doente.

Quando quizer que se dê começo ao «Sentimentalismo, etc.» avise-me para eu ir enviando manuscriptos a pouco e pouco.

Seria bom q̃. fosse impressor o Teixeira.

A 1.ª parte hade ser *historia*, a 2.ª *romance*, e a 3.ª *crytica*. Nesta, podemos incluir algumas das publicadas na «Bibliographia».

D'ahi pode resultar algum proveito ás suas ediçoens.

A situação do Teix.^{ra} não me parece m.^{to} boa na tal trapalhada que elle fez p.ª engrossar o volume. Em fim...

Devolvo-lhe o romance «Margarida», que lh'o mandou o author. Gostei d'elle. E' realista; mas está m.^{to} áquem do Eça.

Tem o grande inconveniente de o imitar.

A «Bibliographia»? Tenho admirado a demora estando composta ha tanto tempo.

Peço-lhe q̃. me remetta tudo que vir escripto contra e a favor do «Canc.» Responderei ao que fôr digno de resposta. Se tiver na sua livraria velha a *Genealogia da Casa de Silva* por Salazar y Castro (hespanhol) 2 tom. fol. queira emprestarmos por alguns dias; e se não tiver o Mignet «Antonio Perez» mande-m'o vir de Paris.

Basta de estopada.

Do seu am.°

C. Cast.° Br.°

P. S.

Se quizer, pode neste n.° da «Bibliog.» annunciar o livro que tenciono vender-lhe intitulado:

Sentimentalismo
historia e critica

com mais de 300 pag.

LIV

MEU AM.°

«A Formosa das Violetas» *Noutes de Lamego* pag. 147. Depois d'isso, escrevi, q.do ella se suicidou, um longo art.° nas *Artes e Lettras*.

Concordo em excluir do livro tudo que é critica. Chamar-se-ha *Historia e Sentimentalismo*. Ape-

nas terá 20 pag. ja conhecidas nas *Artes e lettras*, justamente as que dizem resp.[to] á Elisa Basto. O livro é m.[to] mais trabalhoso que um romance; o que pertence á historia tracta do Prior do Crato, assumpto pouco sabido em Portugal.

Um dos romances é *realista*, e intitula-se *Eusebio Macario*, no estylo do Eça e do Julio L. P.[to]

Deve fazer rir.

Quanto a prêço, a casa Mattos Mor.[a] paga-me os vol. de 250 pag. a 336 666 rs ou 1:000000 rs. por trez vol.

O que eu lhe vou escrever terá 300 pag., e o meu am.[o] pela propried.[e] d'elle dar-me-ha 300$ rs.

A sua resposta não pode ser negativa, por q̃ sei q̃. é justo.

Pode ser que na 3.[a] feira conversemos a tal resp.[to], se a saude me promittir (*sic*) ir ahi.

Levo os primeiros manuscriptos.

Quanto ao pagam.[to] do livro receberei agora metade, e o restante na conclusão da obra.

Nesta 1.[a] prestação será encontrada a q.[ta] q̃. fez favor de pagar ao Baquet.

Agradeço o emprestimo dos livros

Do seu am.[o] obg.[o]

26-4-79

C. Castello Br.

LV

MEU AM.º

Desde q̃. demos vida á «Bibliographia» chovem aqui livros e *librecos* que é uma praga de Portugal por não dizer do Egypto.

Os escriptores intendem que eu tenho em Seide moinho de criticas. Parece-me q̃. me vejo obrigado a dar em todos p.ª que me deixem com o meu rheumatismo.

Se lhe parecer, mande pôr no frontispicio da «Historia e Sentimentalismo» a numeração I, por que, se este agradar, poderiamos dar m.ˢ com identico titulo.

Faça o q̃. lhe parecer. Mas na lombada não ponha numeração

O *Illustrado* de hontem chama-lhe o *primeiro editor da Peninsula*.

Creio que lhe não fizeram favor.

Os editores em Hespanha orçam pelos portuguezes de cá. Publicam 6 volumes e quebram.

Parece-me que o n.º 6 da «Bibliog.» vae m.ᵗᵒ carregado com apreciações do «Canc.»

Gosto principalm.ᵗᵉ das q̃. dizem mal.

O J. L. P.ᵗᵉ fez mal em fallar no *estadulho*.

Parece-me.

Veja o meu am.º se tem ou tem alguem um opusculo ahi publicado em 1875 com o titulo *Memoria*

sobre a descoberta das ilhas de Porto Santo e Madeira por E. A. Bettencourt.

Do seu am.º

C. C. Branco.

P. S.

Remetto a *Prefação* p.ª o livro «Historia e Sentim.» Mande-a ao Teix.ra

LVI

MEU AM.º

Eu tambem tenciono no fim do mez sahir p.ª o Vidago ou Pedras Salgadas. Ao meu am.º convinha-lhe m.to o Vidago, para desobstruir-lhe o figado. Ali os ares são optimos, e o hotel magnifico. Consulte o seu medico.

No fim do mez tenciono dar-lhe o começo do 2.º tomo da «Hist. e Sentimentalismo».

Conto com a sahida do 1°. E' facil prevêl-a, attendendo á curiosid.e dos criticos e dos indifferentes.

Para essa epoca, se lhe for possivel, hade adiantar-me metade da importancia do livro. Se não for possivel, não se constranja em m'o dizer.

Estou ancioso porque *(sic)* venham os folhetos dos 2 sujeitos. Queria deixar prompto o n.º 9 da Bibl.

Logo que obtenha o exemplar do *Commercio* do Rio, mande-me o extracto, porq̃. quero responder á D. M.ª Amalia, defendendo o F. Palba q̃. ella attaca. Mando-lhe hoje original, e provas ao Teix.ra

Do seu am.º

17-7-79

C. Cast.º Br.

LVII

MEU AM.º

Na mão do Diniz já está a resposta ao Arthur Barreiros. Deixe-os vir. Se fizer 2.ª edição do «Canc.» não nos dispensaremos de incluir «os criticos».

Devolvo-lhe as cartas. Peço-lhe q̃. guarde a q̃. diz resp.to ao *Gaspar*. Talvez venha a ser preciza. Não a perca de memoria. Mando-lhe um dos jornaes que são do m.mo n.º

O D. Luiz é ahi o m.s mal tratado, mas está vingado visto q̃. o contrafactor perdeu.

Estou escrevendo um livro. Devia ser o 2.º do «Sentimentalismo e Hist.» Provavelm.te o meu am.º virá a ficar com elle.

Quando sahir o livro queira mandar um exemplar á m.ª filha. Desejo a continuação das melhoras de seu mano. Eu ca vou luctando com a velhice q̃. é mais *aporrinhadora* que a critica. Tenho esperado

com curiosid.[e] o Junqueiro e o Gomes Leal. Vão-se demorando.

Do seu am.

S. C.
28-7-79

C. Cast.º Br.º

LVIII

MEU AMIGO

Remetto a conclusão do *Euzebio*.

Se vir que o volume não chega ás 300 pag. (calculo q̃. o Teix.[ra] pode fazer) avise-me para lhe enviar mais original.

Ja respondi a 2 cryticos do «Canc.» Mandei p.ª o *Sorvête*.

Devem ser transcriptos os art.[os] na «Bibliog.»

O do Brasil é um asno perfeito. Bom é que de la venham as asneiras.

Bom signal p.ª a venda do livro, que é o seu e o meu desejo.

Vou responder á D. M.ª Amalia, mas essa não entra na fileira dos cryticos.

Tem logar de honra.

Do seu am.º ob.º

C. Cast. Br.

LIX

MEU PRESADO AMIGO

Estava dando-me cuidado a sua demora em Lx.[a] Queria escrever-lhe, mas não sabia para onde. Imaginava-o doente; mas provavelm.[te], os bellos dias convidaram-o a excursões á volta de Lisboa, e o Victor de Cintra não deixaria de influir na sua demora. Antes assim.

Os nove dias decorridos desde a sua ida p.[a] Lx.[a] transtornaram o meu proposito de ir gozar o Porto *em sua caza*.

A doença foi-me quebrantando; assentei-me ao pé do fogão, e ja não posso sahir d'aqui. Se eu viver nos dias alegres da Primavera então irei gosar o offerecim.[to] da sua boa amizade.

Enviei ao Ramos a 1.ª correspondencia, com o titulo *Eccos humoristicos do Minho*, e tenciono enviar-lhe a 2.ª no proximo paquete. No *Jornal do Commercio* do Rio, li elogios á carta do P. Chagas ao Imperador. Talvez lhe enviassem o jornal ao meu am.º Não sei se se publicou o n.º 13 da «Bibl.» Eu não o recebi ainda.

Como a doença me não tem deixado continuar o *Gonçalinho*, seria bom publicar-se o 2.º tomo da *Historia e sentimentalismo* p.ª o qual ja tinha al-

guns trabalhos escriptos: o sub-titulo deste volume é *Raças finas* — a historia das patifarias fidalgas portuguezas.

Como na 2.ª parte ha um trabalho q̃. publiquei nas *Artes e lettras* de 1873 a resp.to da celebre suicida Eliza Basto, reputo este volume em menos 50$000 rs. que o do *Gonçalinho*. Por tanto m.r Chardron me dará pelo 2.º tomo da *Hist. e sent.* 350$ rs.

No caso affirmativo, enviarei já manuscripto ao S.ª Teix.ra

Estou m.to mortificado com os padecim.tos de cabeça de um meu filho que me parece condemnado a uma alienação mental. Não sei como posso escrever rodeado de panoramas tão tristes!

Envia-lhe um grato abraço pelo seu teleg.ª, o seu dedicado am.º

C. Cast. Br.

S. C.
19-12-79

LX

MEU PRESADO AMIGO

Vou 2.ª feira ao Porto e levo parte do manuscripto do 2.º tomo da «Hist. e sentim.»

Como a parte historica é uma *charge*, tenho como certo que este 2.º tomo terá mais leitores que o 1.º.

A 2.ª parte, será quase toda, ou toda, a cont. do *Eusebio Macario*.

Tenho de pedir-lhe o favor de me adiantar metade da import. 175$ rs.; mas nesta metade hade encontrar o din.ʳᵒ q̃. mandou dar em braga *(sic)* assima das 10 libras, outra q.ᵗᵃ de charutos, e os livros que tenho mandado vir.

Até lá.

M.ᵗᵒ seu am.º agradecido

C. C. Branco.

LXI

MEU AM.º

O formato dos *Ecos* está bem assim.

R.ᵇⁱ os livrinhos da *Rattazzi* q̃. ainda não pude ver. A m.ª doença aggrava-se, e creio que ja não recua.

Se eu morrer, não deixe de publicar os *echos* até ao 4.º n.º, como auxilio p.ª o ajudar á indemnisação dos 175$ rs. q̃. me adiantou. Alguem sabe destas contas.

Veja la a q.ᵐ encarrega a versão franceza. Não sei se valerá a pena. Parece-me q̃. o meu am.º vae perder o que ganhou no opusculo.

Eu, no conceito dos francezes, nada posso perder p.[r] que nada tinha ganho como escriptor.

AD.[s] Não posso m.[s]

M.[to] seu am.[o]

C. Cast.[o] *Br.*

Remetto a satisfação do *Atlantico*.

LXII

MEU PRESADO CHARDRON

E' escuzado voltarem provas.

O Diniz decerto entende as explicaçoens q̃. dei.

Enviei hoje p.[a] a typog. as linhas q̃. hão de preceder o 2.[o] dos *Echos*.

O 2.[o] do *Macario* tomára eu podêl-o aprontar p.[a] sahir em março.

Não tenciono interromper-me com outra coisa.

Jornaes litterarios mandei-os ao diabo.

Se la tiver o *Biographo*, mande-me o n.[o] em q̃. vem o meu *fiel retrato*.

Do seu am.[o]

6-2-80

C. Cast.[o] *Br.*

LXIII

MEU AMIGO

Estou deliberado e disposto a escrever na cama, a lapis. Para isso queira enviar-me dois livros em branco, em 8.°, estreitos, de modo que me não obriguem a empregar grande força para os sustentar.

Cada livrinho deve ter umas 100 pag.

Outro favor: se tiver algum periodico portuense de 1852 mande ver como se chamavam os actores da Comp.ª lyrica desse anno, e envie-me os nomes e o de alguma das operas então representadas; mas talvez seja mais facil enviar-me a collecção das folhas desse anno. Havia então o *Braz Tizana*, *Nacional*, *Ecco*, etc.

Vou escrever — A Corja —, continuação do *Euzebio*; depois é que tenciono concluir a parte historica do 2.° tomo.

Do seu am.° obg.°

3-11-80

C. Cast.° Br.

Convem q̃. os livros sejam pautados.

LXIV

MEU AM.º

O titulo da p.te historica pode ser:

Poetas e Raças finas

R.bi um livro.
Faço idea que o Mout.º jantou por elle e por mim.

Do seu

C. C. Branco.

LXV

MEU AM.º

Fico sciente quanto á conta.
Recebel-a-hei quando ahi for.
Que culpa tenho eu q̃. o Eça imitasse o *Mandarim?*
Mas, respeitando os seus protestos, nova proposta:
A Brazileira de Prazins, formato e typo do *Euzebio*, 300 pag. ou mais pelo preço de 350$ rs.
Convem?

Do seu m.to am.º

C. Castello Br.

LXVI

MEU AM.º

Faço votos pela realisação da sua profecia quanto á lua nova. Tenho immensa necessid.e de sahir d'aqui alguns dias, por que a vida do fogão e da cama embrutecem-me (*sic*). Eu para trabalhar preciso de ver o sol. Pouco tenho escripto da *Brazileira*. Precizo conhecer bem o espirito publico na apreciação da *Corja*.

Por emq.to não sei decidir, visto que a venda me parece ter sido pequena.

Isto prova que as fam.as estão atemorisadas.

La verá nas *Gambiarras* a resposta ao Conceição. Será bom publicar tambem o art.º d'elle.

Logo q̃. possa enviarei os art.os que deseja; eu não desejo menos escrevêl-os.

Queira remetter-me o *Dictionaire* (*sic*) *des sociétés Badines etc.* de Dinaux 2 vol. 8.º

Do seu am.º

C. C. Br.

LXVII

MEU PRESADO AMIGO

Estou concluindo um livrinho intitulado:

D. Luiz de Portugal
neto do Prior do Crato
(quadro historico)

Deve ser um vol. de 100 paginas, no formato e typo dos *Ratos*. E' o resultado de um grande estudo, e não pequena despeza q̃. fiz mandando copiar docum.tos desconhecidos na Bibliotheca de Evora, onde se acham os manuscriptos originaes. Não sei se agradará; mas talvez agrade p.r que tem ares de romance.

Se o meu am.o o quizer editar, parece-me q̃. o deveria vender a 300 rs., e dar-me o valor de 500 ex. pela propriedade. Se lhe convem, envio-lhe brevem.te o manuscripto completo.

De *Ratos* nada. Nem a folha reformada.

Do seu am.o obg.mo

C. Castello Br.

SEGUNDA PARTE

NOTAS EM LIVROS

Notas a um volume do «Theatro» de Garrett

O volume de que se trata é o segundo do *Theatro* e é constituído por duas peças: a tragédia *Merope* e o drama *Um auto de Gil Vicente.*

O exemplar anotado é da 2.ª edição (1856) e pertence ao ilustre camilianista sr. Luís Ferreira Lima que espontâneamente mo ofereceu para copiar e publicar as notas.

O frontispício tem a rubrica de Camilo: C. C. Br.

A primeira nota aparece a pag. 7, onde principia o prefácio do autor que logo no comêço diz ter queimado muitos versos e prosas da sua criancice. Camilo anotou: «Garrett era tão avêsso a inutilisar os seus versos q̃. até os vendia a 2 editores simultaneam.^te — os mesmos versos. Digam aos successores dos Bertrands q̃. lhes mostrem 2 vol. authographos e ineditos. O talento não redime destas porcarias.»

A pag. 11, diz Garrett que seu tio D. Alexandre lhe deu um manuscrito com a tradução, de sua autoria, da *Merope*, de Maffei. A esta passagem pôs Camilo a nota: «Mentira. Não ha noticia de tal Ms.»

A pag. 17, vem a dedicatória da tragédia à mãe do poeta, D. Ana Augusta de Almeida Leitão.

Camilo sublinhou os apelidos e escreveu: «Veja-se G. d'Amorim «Garrett» a respeito destes *Almeida* e *Leitão*».

A citação deve referir-se ao cap. I do 1.º volume da obra de Gomes de Amorim. E' aí que o biógrafo se refere à genealogia de Garrett.

Segue-se a tragédia à qual Camilo faz um único comentário. E' na última página, a 120.

Ao fundo escreveu: «Alentada semsaboria!»

Na pag. seguinte começa a segunda parte do livro e aí, por baixo do título *(Um auto de Gil Vicente)*, escreveu: «Um titulo estragado pelos episodios extra-historicos, e d'uma fantasia pueril com niquices de velho. O' gigantes de cebo que o sol de 20 annos derreteu!»

Começa a *Introducção* e, na pag. 125, onde Garrett, falando de D. Sebastião, diz que êste rei só tratava de brigar e rezar, Camilo sublinha estas palavras e anota: «tolice».

Na pag. 126, a propósito da academia dos *Humildes e Ignorantes*, diz: «Academia q̃. nunca existiu». O mesmo diz no *Curso de Litteratura* (pag. 131).

A pag. 128, diz o autor que o poeta Garção morreu numa enxovia por escrever uma carta em inglês, e manda ver a nota no fim do volume, na qual trata do caso mais largamente. Camilo escreveu junto ao texto da referida pag. 128, emendando o que Gar-

rett diz sôbre a causa da prisão do poeta Garção: «Por emprenhar a filha d'um coronel escossez ao serviço de Portugal».

O escocês chamava-se Macbean, como se pode ver no *Curso de Litteratura Portugueza*, onde Camilo, a pag. 182 e seg., trata do episódio com desenvolvimento.

Junto da nota final de Garrett (pag. 281) escreveu: «Esta Nota é um rozario de anachronicos desconchavos, e de ignorancia indesculpavel a sujeito de tal cathegoria litteraria».

Na pag. 129, Garrett, ainda sôbre o caso, falando das perseguições a António José (o *Judeu*) e a Garção, diz: «Com o primeiro foi vinganca ignobil de algum frade fanatico; com o segundo foi mais ignobil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de philosopho.» Camilo comenta: «erro crasso».

A pag. 136, à expressão *voltámos para traz* põe esta nota: «pleonasmo. Podia dizer *retrocedemos*. Ning.^m volta p.^a diante».

A pag. 138, em *Gil-Vicente, homem do povo*, sublinhou as últimas palavras e notou: «Inexacto».

A pag. 143, começa o *Prefacio dos editores*, no qual se reproduzem dois artigos de crítica ao drama de Garrett. O primeiro foi publicado no *Diario do Governo*, e não se diz quem fôsse o seu autor; o segundo é assinado pelas letras A. B., e em nota dizem os editores que foi publicado no n.º 2 da *Chronica Litteraria*, de Coimbra, em 1840, sendo seu autor Anselmo Braamcamp Junior.

Vamos às notas ao primeiro.

A pag. 145, diz o crítico: «Gil-Vicente, o pae do nosso theatro — e do hespanhol todo, — . . .»; Camilo sublinha a parte final e pregunta: «e Juan de la Encina onde fica?»

Na pag. seguinte fala-se da filha de mestre Gil, *criada e valida no paço;* sublinhou e escreveu à margem: «valida!»

Mais abaixo, junto à palavra *detalhos,* notou: «Gal.»

Na pag. 156, junto a dois versos cujo autor se não nomeia, escreveu «Garção».

Na mesma, há êste período: «Desgraçados os Camões que morreram de fome n'um hospital sem a ver nem em esperança!» Nota de Camilo: «Rococo».

Na pag. 157 termina o primeiro artigo e no fim dele escreveu Camilo: «Não é d'Alm.ª Garrett».

Começa na mesma página o artigo de A. B., ou de Anselmo Braamcamp, segundo a nota citada.

A pag. 160, A. B. faz considerações sôbre a deficiência da literatura portuguesa em escritores dramáticos. Camilo escreve esta nota: «Havia p.ª desanimar o «que exemplo a futuros escriptores» de Camoens. Q.tos depois de escrever C. fiseram epopéas, eram homens independentes e abastados, como Per.ª de Castro, L. P. Brandão, Sá de Menezes, Corte Real, e os mais. Os pobres, se tinham talento, morreram obscuros, mas talvez fartos n'outras carreiras».

Na pag. seguinte fala-se dos autores dramáticos da França, da Alemanha e da Inglaterra, e Camilo ano-

ta: «A Inglaterra traduzio do francez e do castelhano».

A pag. 162, a expressão *teve logar* mereceu-lhe a nota: «Gall.»

Na seguinte, à palavra *desappercebida* (empregada, como é êrro vulgar, em vez de *despercebida*), fez a emenda, cortando-lhe o *a* e o primeiro *p*.

A pag. 164, sublinhou as palavras *linda comedia*, com que o autor se refere ao drama de Garrett.

Na pag. 165, outro galicismo: *depararia com*.

Está sublinhado e marcado: «gall.»

A pag. 166 torna o autor a chamar comedia ao drama. Outra vez Camilo sublinhou.

Nesta página acaba o artigo de A. B. e para ela guardou Camilo a sua opinião: «Que chata coisa! N'aquelle tempo (1842) um art.º assim anemico como o auctor, era um acontecim.to litterario neste mesquinho Portugal!»

E' de notar o engano na data do artigo que foi publicado, como fica dito, em 1840.

Começa em seguida o drama garretiano.

A pag. 215, diz Gil: *que um taco de Belzebuth te carambolle n'alma!*; ao lado escreveu Camilo: «Ver em q̃. epoca foi inventado o bilhar».

A pag. 217, fala Gil Vicente e diz: «Que é, que é? E' o vosso casamento? Ja disse que sim: não me apouquentem mais; não estou agora para casamentos.» Camilo marcou estas palavras e comentou: «Que critica».

A pag. 275, diz Bernardim: «Ouve: a flor dos meus

annos murchou-se na tristeza e no desconsôlo, — myrrhou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e sêccas.» Camilo fez à margem esta chamada: «Vide *Camoens* do m.^{mo} G.» Não diz qual a parte do poema a que se refere, mas é provável que seja o princípio do 5.º canto, onde há êstes versos:

> Correi sobre estas flores desbotadas,
> Lagrymas tristes minhas, orvalhae-as,
> Que a aridez do sepulchro as tem queimado.
> ....
> O viço de meus annos se ha murchado
> Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;

A pag. 278, no final do drama, escreveu a sua última apreciação: «Quando assim se mutila e deturpa a tradição, não é permittido usar nomes historicos e de tão alto quilate». Depois desta só há a nota de pag. 281 que foi transcrita a seguir à de pag. 128.

Notas às «Odes Modernas», de Antero de Quental

As notas que hoje se publicam foram escritas por Camilo no exemplar da primeira edição das *Odes*

que Antero lhe ofereceu com esta dedicatória, cerimoniosa e simples: *Ao Ex.*^{mo} *S.*^{r} *Camillo Castello Branco, off. Anthero do Quental.*

Assim está impresso e no autógrafo o nome do poeta que, como é sabido, mais tarde substituiu o *do* pela partícula *de.*

Em 1883 foi o livro vendido no leilão da livraria de Camilo.

Aparece no catálogo, formando com os *Contos Escolhidos*, de D. António de Trueba, o lote n.º 1757.

Segundo informação que solicitei e que gentilmente me prestou Albino Forjaz de Sampaio, vendeu-se o lote por 600 réis, preço hoje inconcebível, mesmo actualizado, para qualquer livro com a simples assinatura do Mestre.

Não sei quem foi o arrematante; provável é que fôsse Casimiro Freire, o fundador da Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus, a quem o livro pertencia à data do seu falecimento, em 1918.

Depois da sua morte, foram os livros de Casimiro Freire adquiridos para a biblioteca anexa ao Museu de João de Deus e assim ali foi parar o precioso exemplar que lá está, fechado a sete chaves pelo Dr. João de Deus Ramos, o organizador e a alma daquela patriótica instituição.

Não sem custo, consegui que me autorizasse a copiar e publicar as notas.

A nossa velha amizade, nunca desmentida e muitas

vezes provada num período de perto de trinta anos, dois terços da nossa vida, venceu a *ferocidade* com que, de entrada, recebeu o meu pedido.

Historiado o feliz acaso que me facultou a publicação das notas, seja me permitido fazer algumas considerações sôbre as relações entre Camilo e Antero, o que me parece de alguma utilidade.

Essas relações foram sempre, creio, amistosas.

Joaquim de Araújo diz que elas foram sempre as mais cordiais e faz esta afirmação a propósito dum lapso que aponta ao sr. Dr. Teófilo Braga, dizendo que êste escritor nas *Modernas Ideias* dá noticia da reconciliação dos dois grandes homens.

Parece-me que Joaquim de Araújo não tem razão neste ponto, pois o sr. Dr. Teófilo não diz que houvesse tal reconciliação. S. Ex.ª diz: «No emtanto Anthero não trabalhava; frequentava a companhia de Camillo Castello Branco, reconciliava-se pessoalmente com Castilho,...» E' o que se lê no 2.º vol, a pag. 166.

E adiante (pag. 178), a propósito do duelo Antero-Ramalho: «Pareceu legitimo e dignissimo o desforço; mas foi terrivel a minha decepção, quando o vi ir cumprimentar no Porto a Camillo Castello Branco, que então morava na rua do Almada, e almoçar com elle e rir-se das tremendas injurias que o caustico romancista lhe vibrara no folheto das *Vaidades irritadas e irritantes*. Depois do duello, que se efectuou numa madrugada em uns campos, na estrada da Arca de Agua, Anthero de Quental voltou a casa

de Camillo a despedir-se. Foi quando conheci o desequilibrio moral.»

Como se vê, o sr. Dr. Teófilo Braga não fala de reconciliação com Camilo mas apenas com Castilho, manifestando a sua decepção causada pelo facto de Antero freqüentar a companhia de Camilo, almoçar com êle, manter, em suma, as suas boas relações com o *cáustico romancista.*

Trata-se simplesmente dêste facto — as cordiais relações não interrompidas — que ao sr. Dr. Teófilo não agradou e a que faz os seus comentários que não cabe agora apreciar.

O que se prova é que as relações de Camilo e Antero não foram cortadas, parecendo, em todo o caso, que alguma quebra sofreram na cordialidade.

Joaquim de Araújo, para demonstrar essa cordialidade, diz que Camilo leu as *Vaidades* a Antero, antes da impressão, para eliminar quaisquer passagens que pudessem maguar o poeta.

Antero ouviu e, no fim, limitou se a declarar que, em futuras edições das *Odes*, suprimiria a dedicatória dos sonetos *Ideia*, o que, de facto, fez na segunda edição, em 1875.

Sendo assim, provado fica, salvo melhor juízo, que a tal cordialidade foi um pouco ferida, pelo menos naquela ocasião, e que a ferida não estava ainda de todo cicatrizada nove anos depois, ao fazer-se a reedição das *Odes.*

Em verdade, o corte da dedicatória — se foi uma conseqüência das *Vaidades* — não se harmoniza bem

com a tal cordialidade, em que, a final, estão de acôrdo o sr. Dr. Teófilo Braga e o seu censor.

Fôsse como fôsse, cordiais ou não, as relações não foram cortadas e, se nelas houve algum esfriamento, êste já tinha desaparecido em 1879, ano em que Antero apadrinhou Camilo na pendência com Cipriano Jardim, à conta dum artigo crítico cuja autoria fôra erradamente atribuída a êste escritor.

Em 23 de Outubro, dois dias depois de lavrada a acta da pendência, escrevia Antero a sua irmã D. Ana, falecida em 1920: «Estava, ha coisa de oito dias para te escrever, quando sobreveio o incidente, de que talvez tenhas noticia pelos jornaes de ter de ser padrinho do Camillo Castello Branco n'um duello que se não realisou, mas cujas negociações me tomaram completamente o tempo, e o que é mais a attenção, por isso que o Camillo ha de ser sempre uma creança.»

Já o mandato confiado a Antero, já a maneira afectuosa por que êste se refere a Camilo nesta carta, mostram bem que então havia as melhores relações entre os dois.

Certamente assim não seria se Antero tivesse conhecimento das notas que pela mão de Camilo marginam os seus versos.

Escrevendo para o público — e só isso Antero conhecia — Camilo refere-se às *Odes* com elogio e com grande indulgência para os excessos próprios da idade do autor, de quem, reconhecendo-lhe *muito engenho, muitissimo talento*, diz que *está com os seus annos* quando se excede.

Parece-me curioso transcrever aqui algumas palavras de Camilo, a respeito das *Odes*, escritas em 1866 nas *Vaidades*, e outras no *Cancioneiro Alegre*, vindo a lume treze anos depois.

Vejamos as *Vaidades*, a pag. 9:

«Li e reli os seus poemas: uns pareceram-me despregar azas de ouro ás regiões serenas da meditação, por aquelle rasto luminoso dos Hugo; outros, denunciavam a inspiração captiva da terra e atirada aos sarçaes ardentes em que dolorosamente se contorceram os Musset e Espronceda; outras, e as mais d'ellas, refinavam em phrenesis de impiedade, que destoavam asperrimamente d'aquelle dizer moderado e controversia reflexiva com que o auctor de *Beatrice* impugnava as minhas chans e fradescas rasões em coisas pertinentes á poesia divina do Calvario.

Não me affoito a intrometter juiso sobre a boa ou ruim direcção que leva o espirito do poeta n'estes seus canticos da manhã da vida. Tudo aquillo por ora são flôres, embora façam entojo a olfactos melindrosos; flôres, porém, que prenunciam outonos de fructos agradaveis ao commum. Ha alli muito engenho, muitissimo talento; e o talento não se perde nunca de todo. As vergonteas, que desabotoaram torcidas, lá virá, tempo além, mão experta destorcel-as, aprumal-as e apontal as ao ceo d'onde vieram e onde aspiram com a seiva e força d'um nobre peito. O snr. Anthero do Quental desatina brilhantemente nas objurgatorias ás coisas e pessoas da religião: que monta isso? quem lhe vir o rosto juvenil e os

modos arrobados não se escandalisa, nem chora uma alma perdida. Está com os seus annos.»

Agora o *Cancioneiro*, a pag. 451:

«As *Odes* de Anthero de Quental são a aurora da poesia moderna. Os imitadores não tem podido estragal-as. O dia alvorecêra formoso; depois nublou-se o céo; a ventania varejava os ramos onde as aves tinham cantado o repontar da manhã; cahiu chuva grossa, que fez muita lama. Não importa. A belleza do amanhecer não esqueceu. As *Odes* de Anthero de Quental ficaram emperladas dos orvalhos da estrella d'alva; e as imitações para ahi se espapam nos marneis que fizeram.»

E' longa a transcrição, mas entendi conveniente fazê-la para facilitar ao leitor o confronto dessas palavras com aquelas que vai ler, escritas por Camilo no seu exemplar das *Odes Modernas*.

E' profunda a diferença entre a apreciação pública do poeta e as opiniões apostas à margem dos seus versos.

Mas não é só no caso presente que tal divergência nos aparece.

A cada passo, em notas marginais e em cartas, Camilo ridicularizava ou criticava àsperamente escritores que a sua pena, ao escrever para o público, elogiava ou, pelo menos, tratava com benevolência.

Herculano, Castilho, Rebelo da Silva, Teixeira de Vasconcelos, Biester e tantos outros bastarão para exemplo.

Em notas aos seus livros e nas cartas a Ouguela,

enterra-lhes desapiedadamente aquele ferrão satírico de que fala o sr. Dr. Ricardo Jorge.

A propósito dessa dualidade, de que Antero, como se verá, foi também vítima, vou transcrever algumas palavras de Camilo, escritas em 1875.

Em Maio dêsse ano, no n.º 2 da revista *A República das Letras*, que então se publicava no Pôrto, sob a direcção de João Penha, saiu um artigo de Camilo, *A Sinceridade de Boileau*, que é na sua essência um excerto do *Curso de Litteratura Portugueza*, vindo a lume no ano seguinte. Nesse artigo trasladou Camilo o que Boileau escreveu em 1697 ao Conde da Ericeira, a respeito da tradução que êste fizera da sua *Arte Poética* e da epístola em versos franceses que lhe enviara com o manuscrito da versão, e, a seguir, a opinião do mesmo Boileau sôbre aquelas peças literárias, manifestada em 1701, numa carta dirigida a Brossette que a estampou na edição que fez da obra do seu amigo.

Do confronto dos dois trechos deduz a *falta de sinceridade, se não antes, a duvidosa probidade litteraria de Boileau*.

Terminada a exposição do caso concreto do poeta francês e do *erudito e indigesto* Conde da Ericeira, fechou o artigo com estas palavras que não se encontram no *Curso de Litteratura*: «Este rasteiro sestro da lisonja impressa, rubricada por nomes insignes, e desmentida nas cartas particulares e nas palestras á puridade, é peste que arde em Portugal, desde que a critica se desaforou em desbragada in-

juria por parte da ralé das letras, ou em zumbaias ironicas por parte dos desembargadores em Apollo. Desprézo e detesto ambas as especies.»

Êste curioso trecho seria chave de oiro para fechar estas já tam estiradas considerações, se eu não tivesse ainda de fazer notar uma circunstância assás interessante das notas ao livro de Antero.

A última nota de Camilo foi escrita na página 43. Continuando a folhear o livro, encontra-se, a pag. 51, a dedicatória dos sonetos *Ideia — Ao Sr. Camillo Castello-Branco.*

¿ Mero acaso ?

Nada é lícito afirmar, mas creio que não andarei longe da verdade, relacionando o ponto final nos comentários com aquela dedicatória, estampada em página tam próxima.

Não é de crer, em verdade, que Camilo, depois de ter anotado o livro até aquela altura, nada mais encontrasse, digno da sua crítica, nas restantes 117 páginas que correm até o fim do volume.

Não é aceitável que o entusiasmo com que vinha satirizando desde o princípio o livro e o autor, esfriasse e desaparecesse sem que sobreviesse uma forte razão.

Essa razão, creio bem, embora não possa fazer a prova, deve procurar-se na dedicatória, só naquela altura encontrada, dedicatória que muito sensibilizou Camilo.

Êle próprio o confessa nas *Vaidades* :

«Alguns dias volvidos, recebi as *Odes Modernas* de Anthero do Quental. Ahi vi o meu nome, laureado com a dedicatoria de uma parte d'aquelle meditavel conjuncto de fragmentos de um poema bosquejado. Folguei de vêr assim reconhecido o muitissimo affecto com que eu conseguira ser lembrado ao cogitativo poeta.»

Estas palavras, que, não deve esquecer-se, foram escritas numa obra de polémica, manifestam bem claramente o efeito que a dedicatória produziu no espírito de Camilo e legitimam a minha convicção de que a lembrança de Antero foi o travão que paralizou repentinamente a pena que tam cruelmente vinha anotando o livro.

O sr. Dr. Teófilo Braga escreveu na *Revista Portugueza* o seguinte:

«Todos os odios e rancores de Camillo cahiam de repente, diante da mais leve manifestação de sympathia que lhe dirigissem; aquella alma tão torturada, tão cheia de ironias, bem mostrava que necessitava de affectos.»

Parece-me que S. Ex.ª tem razão e, até prova em contrário, fico convencido de que no caso sujeito, à-parte ódios e rancores que não existiam, se verifica a justeza da observação daquele professor.

Não havia, da parte de Camilo, ódio nem rancor ao poeta, mas havia a má vontade à sua obra e essa

má vontade caíu ou, pelo menos, deixou de manifestar-se, perante a dedicatória que lhe *laureou* o nome.

E' tempo de terminar esta já demasiadamente longa introdução e de passar a transcrever as notas.

* * *

A primeira nota aparece logo na pag. 7. No terceiro verso:

> Alguma mão feita d'amor e luz

sublinhou Camilo a última sílaba de *alguma* e a palavra *mão*. À margem escreveu: «verso errado».

Logo abaixo, no penúltimo verso da mesma oitava, traçou as palavras *grossa treva* e anotou «gallicismo».

Na estrofe seguinte marginou com uma chaveta os três primeiros versos:

> Elle não sabe o nome de seus Fados,
> Nem vê de frente a face do seu guia.
> Onde o levam os Deoses indignados ?...

e comentou: «Quando o homem q̃. se interroga deste feitio, dispensa *Deus*, pergunta onde o levam os *deuses* indignados! Farelorio.»

Na pag. 8, ao verso:

> Já que vamos, é bom saber aonde...

acrescentou: «Apoiado!»

No sétimo verso:

> E o homem, bago d'agua pequenino,

sublinhou *bago d'agua* e escreveu ao lado: «Ainda ninguem de juiso disse *bago d'agua*; bago é d'uva, e antigam.te synonimo de *baculo*.»

Ainda na pag. 8 e na seguinte marginou com traços estas oitavas:

> O' areias da praia, ó rochas duras,
> Que tambem prisioneiras aqui estaes!
> Entendeis vós acaso estas escuras
> Razões da sorte, surda a nossos ais?
> Sabe-las tu, ó mar, que te torturas
> No teu carcere immenso? e, aguas, que andaes
> Em volta aos sorvedouros que vos somem,
> Sabeis vós o que faz aqui o homem?
>
> Fronte que banha a luz — e olhar que fita
> Quanta belleza a immensidão rodeia!
> Da geração dos seres infinita
> Mais pura forma e mais perfeita ideia!
> No vasto seio um mundo se lhe agita...
> E um sol, um firmamento se incendeia
> Quando, ao clarão da alma, em movimento
> Volve os astros do céo do pensamento!

e ao lado da primeira comentou: «Hamlet peorado.»

Passou depois à pag. 11 e na estrofe:

> Eis do trabalho secular das raças
> Das dores, dos combates, das confianças,
> Quanto resta a final... cinzas escassas!
> O tedio sobre o céo das esperanças

Suas nuvens soprou! E odios, desgraças,
Desesperos, miserias e vinganças,
Eis a bella seara d'ouro erguida
Do chão, onde illusões semeia a vida!

sublinhou *das confianças*, anotando: «O' rima!»

Na 2.ª oitava da pag. 11, marcou o primeiro verso:

Os cultos com fragor rolam partidos;

e escreveu esta nota: «Que impropried.e n'isto tudo · · cultos a rolarem, partidos e com fragor!»

Na 2.ª parte da mesma estrofe;

Os nossos Immutaveis eil-os idos
Como as chammas no monte, que se ateiam
Na urze secca e a arage' ergue um momento,
E uma hora após são cinza... e leva o vento!

escreveu adiante do penúltimo verso: «o q̃.?»

Na 3.ª oitava da mesma pag. 11:

O' duração de sonhos! fortalezas
De fumo! rochas de illusão a rodos!
Que é dos sanctos, dos altos, das grandezas,
Que inda ha tres sec'los adorámos todos?
As verdades, as biblias, as certezas?
Limites, formas, consagrados modos?
O que temos de eterno e sem enganos,
Deos — não pode durar mais que alguns annos!

sublinhou, no 2.º verso, *rochas de illusão a rodos!* e escreveu: «asneira»; aos dois últimos versos pôs

esta nota: «O *eterno* não pode durar mais q̃. &. Contradicção tola. Aqui não ha q̃. arguir senão tolice.»

Na pag. 12, no verso:

> E era d'ar essa base... e o vento a leva!

traçou as palavras *e o vento a leva*, comentando: «Gosto desta imagem.»

Na pag. 14:

> Os montes não intendem estas cousas!
> Estão, de longe, a olhar nossas cidades,
> Pasmados com as luctas furiosas

ao 1.º verso acrescentou «Nem eu.» e no 3.º sublinhou *furiosas* e anotou: «a rimar com *cousas!*»

Na pag. seguinte:

> Porque o mundo, tão grande, é um infante
> Que adormece entre cantos noite e dia,
> Embalado no ether radiante
> Todo em sonhos de paz e de harmonia!
> O forte Mar (e mais é um gigante)
> Tambem tem paz e córos de alegria...
> E o céo, com ser immenso, é serenado
> Como um seio de heroe, vasto e pausado.

marginou os versos com esta nota: «Esta estancia, tirada a harmonia, parece da *Pedreida.*»

No penúltimo verso da mesma página:

> Tropel de Reis sem fé, que se espedaça!

comentou: «Tropeis que se espedaçam! Credo!»

Na pag. 16, ao verso:

> Com um grito de dor, que leve o vento

pôs esta nota, relacionada com a de pag. 12: «Cá temos outra vez o vento, que leva.»

Na pag. 17, o verso:

> Ou apenas correr da maresia...

foi marcado assim: « ! »

Mais abaixo:

> Qual blasphemia a essa sorte deshumana?

Comentário: «Blasphemar da sorte!»

Na pag. 18, os versos:

> Do meio dos tormentos sahe a esperança...
> Dos corações partidos nasce um lyrio...
> O' victoria do Amor, da confiança
> Sôbre a Dor, que se estorce em seu delirio!...

foram assim anotados: o primeiro: «Que verso!» e o segundo: «por causa do delirio.»

Na 2.ª estância de pag. 18:

> Flor com sangue regada... e linda e pura!
> Olho estalado... que adivinha a aurora!
> Oh! mysterio do amor! que á formosura
> Exceda muito o feio... quando chora!
> Vêde, ó astros do ceu, o que a tortura
> Expreme da alma triste, em cada hora...
> O Ideal — que em peito escuro medra,
> Bem como a flor do musgo sôbre a pedra!

sublinhou *olho estalado* e escreveu: «Salvo tal logar» e aos versos 6.° e 7.° fez êste comentário: «Ideal espremido.»

O 1.° verso de pag. 19:

> O' Idea!! se é certo o que nos dizem,

foi assim anotado: «*Bom* verso!»

Na pag. 20:

> Que os peitos soltem o seu longo *emfim!*
> E o olhar de Deos na terra escreva Fim!

Comentário: «rima difficultosa.»

Na mesma página, aos versos:

> Na nossa tenda tome Deos assento
> Mostre seus cofres, seus coraes de preço,
> Que se veja a final quanto guardava
> Para o resgate d'esta raça escrava!

pôs esta nota: «Parece q̃. o poeta q.r que Deus venha a negociar com coraes as almas dos cafres. Lá se intende e conhece.»

Na pag. 21:

> Oh! diz-me o coração que estes tormentos
> Chegarão a acabar: e o nosso engano,
> Desfeito como nuvem que desanda,
> Deixará ver o céo de banda a banda!

sublinhou o último verso e escreveu: «Bonta parivoiçada!»

Na pag. 23 :

> Esforça ! ergue teus olhos maguados !

marcou a primeira palavra e comentou : «Em q̃. tempo estará isto ?»

Na mesma página, a estância :

> E' nosso quanto ha bello ! A Natureza
> Desde aonde atirou seu cacho a palma
> Té la onde escondidos na frieza
> Vegeta o musgo e se concentra a alma.
> Desde aonde se fecha da belleza
> A abobada sem fim — té onde a calma
> Eterna gera os mundos e as estrellas,
> E em nós o Empireo das ideias bellas !

foi assim criticada : «Que moxirifada !»

Não contente com o comentário, ainda sublinhou as palavras *desde aonde*, marcando-as, no 2.° verso, com um ponto de admiração e, no 5.°, com um *bis*.

Ainda na pag. 23, no verso :

> Uns para a *luz*... e os outros para *ca*...

acrescentou ao advérbio final a sílaba *ca*.

Na pag. 24 :

> Sim, um eterno templo e ara sancta,
> Mas com mil cultos, mil diversos modos !
> Mil são os fructos, e é só uma a planta !
> Um coracão, e mil desejos doudos !

sublinhou *doudos*, comentando : «rima bem com *modos*.»

Na mesma página, à margem do verso:

> O triste lyrio que este solo austero

escreveu: «é o 5.º lyrio.»

Ao penúltimo verso:

> Sobre o ninho onde choca a Unidade

fez êste cruel comentário: «No chôco está a demencia do poeta. Este homem acabará doudo de pedras.»

Na pag. 27: os versos:

> A penumbra, que escapa áquellas sombras
> ....
> ....
> Que a vida não é atmo subtilissimo,

foram marcados, cada um com seu ponto de admiração.

Na pag. 33 termina a poesia intitulada *Vida* e nela escreveu Camilo esta nota que é a maior e a mais sangrenta: «Este poema é um acervo de disparates. Não ha ahi idea aproveitavel que não surda de verso vêsgo ou derreado. Confirma-se a m.ª suspeita de que este bardo dispara em sandeu, m.s dia menos dia; e, q.do isso acontecer, não quizera eu estar á beira d'elle! Ha de ser demencia furiosa.»

Na pag. 37, na quadra:

> Eu quero perguntar aos Sacerdotes,
> Que, traduzindo o Verbo em orações,
> Cuidam que Deos lhes cabe em duas mãos,
> E todo o céo debaixo dos capotes:

sublinhou *orações* e *mãos*, comentando: «optima rima!», e *debaixo dos capotes*, anotando: «referencia aos padres de Braga, segundo creio.»

A' última quadra de pag. 39:

A aurora é o *sursum-corda* do Universo;
A luz é *oremus*, por que é hostia o Sol;
Quanto abre o olhar aos raios do arrebol
Eis o povo-christão ahi disperso.

acrescentou Camilo esta outra:

Eu quizera saber o *orate fratres*,
E o *Dominus vobiscum* o que é que seja,
Segundo o rithual da nova egreja,
Cujos padres (venia á rima) são orates.

Na pag. 40, nesta quadra:

O amor! é esse o apost'lo soberano!
Para quem não ha tarde nem aurora!
O que sobe a prégar, a toda a hora,
Ao pulpito-da-fé... o peito humano!

sublinhou *sobe* e escreveu à margem: «sobe do figado.»

Na quadra seguinte:

De dois raios de uns olhos bem-amados
E' que se faz a cruz que nos converte;
E a palavra, que a crença ás almas verte,
Faz-se essa de suspiros abafados.

anotou eloqüentemente: «Ora merda!»

Na pag. 42 :

Padre... o Espirito! — o que anda em nós — o auguro,

marcou a palavra *auguro* e preguntou : «Que bicho é ?»

Abaixo, a quadra :

Vós, Poetas, vós sois tambem sybillas,
Que adivinhaes e andaes com voz fremente
Sempre a gritar — avante! avante! á gente,
Por cidades, por montes e por villas.

foi assim anotada : «Que doudos !»

Chegamos à pag. 43, a última em que se encontram notas camilianas.

No verso:

Trazem no coração Deoses escriptos.

traçou *Deoses* e escreveu : «E logo aos pares !»

Seguem-se estas duas quadras :

Os heroes que, co'os pulsos algemados,
Vão ao mundo prégando a liberdade —
Astros, a quem se nega a claridade...
Nas trevas dos ergastulos cerrados.

Que — emquanto os pés na terra, em corrupio,
Lhes fogem — impassiveis, firmes, altos,
Erguem os olhos, sem ver os sobresaltos,
Riscando as sociedades no vazio.

A' margem da segnnda escreveu Camilo a sua última nota : «Benza-se q.^m^ poder.»

* * *

Terminada a transcrição das notas, quero ainda, a título de curiosidade, transportar para aqui duas passagens em que Camilo debica amigàvelmente com Antero, a propósito das *Odes Modernas.*

A primeira aparece nas *Cousas Leves e Pesadas*, livro publicado em 1867 mas cujo prefácio é datado de 19 de Junho de 1866, isto é, do mesmo ano em que saíram as *Vaidades.*

Camilo recebera e comentara pela forma que o leitor acaba de ver, em 1865, o livro de Antero. Lisonjeado pela dedicatória dos sonetos, larga a *independente caneta de dez réis* com que vinha dissecando as *Odes*, para a retomar no ano seguinte e com ela escrever, em tom bem diferente, nas *Vaidades*, a respeito das mesmas *Odes.*

Mas no seu espírito irrequieto alguma cousa ficara que não deixava passar em julgado as extravagâncias da poesia anteriana.

E então lá vem, a propósito da *estola do infinito* que se encontra nas *Odes*, a pag. 39, e que escapou às notas marginais, dizer com ironia mas sem confundir, o que se lê a pag. 11-12 das *Cousas Leves e Pesadas:*

«O bom poeta acha em tudo as correlações desenhadas pelo Creador, e por tudo o louva e bemdiz. Se a mulher que parece uma vaporaçãosinha de lago eriada de luz, em vez de alimentar-se do cheiro do

nardo e do thymiama á japoneza, come costellas de boi á portugueza, não se faça o poeta engulhoso d'isso, nem esconda a fronte nas abas da sua sobrecasaca, ou para que mais fidalgamente o diga, no véo de sua immensa tristeza, ou na estola do infinito. Verdade é que as estolas esfrangalhadas entre mãos impias de criticos, vão perdendo a sua sagrada magestade, desde que ao author das *Odes Modernas* sahiram irreflectidos chanceadores, perguntando-lhe o que vinha a ser *estola do infinito*; nem que o snr. Anthero do Quental desatinasse n'alguma absurda chiméra. Os livros santos fallam da estola da alegria. *Stola jucunditatis induit eum Dominus*. Vestir-se a gente com a estola do infinito, ou com a estola da alegria, faz o mesmo em defeza do calor ou do frio. Estola do infinito ou estola do céo tanto monta. Suavissimo poeta e dos primeiros do nosso seculo, disse:

> Hoje estolas vos manda o céo sereno
> Para que revestidas de esperança
> Vingadas vos vejaes em lustro ameno.

Estou fóra da ordem. Basta de estolas, e saiba-se que as ha no céo.»

A segunda encontra-se nas *Noites de Insomnia*, publicadas em 1874. Os oito anos passados não lhe tinham feito esquecer as *Odes*.

No seu livro, a pag. 38, escreveu Antero: «*Padre?!* Padre... é o *Pae...*» e Camilo que no seu exemplar nada disse, vem agora nas *Noites*, n.º 10 pag. 22, escrever:

«Se elle é *padre*, tambem pode ser *pai*. *Pater*, *pai*, *padre*. E *pater* é *pai*, como diz, nas *Odes Modernas*, o meu amigo Anthero do Quental. Fiquemos n'isto.»

E' possivel que na obra de Camilo se encontrem ainda mais referências às *Odes* que tanto barulho fizeram *quando appareceram como um terramoto na velha cidade dos lyricos*, como êle diz no *Cancioneiro*.

E' possivel, mas nos meus apontamentos nada mais encontro. De resto, os trechos que transcrevo neste meu trabalho são suficientes para, postos em confronto com as notas *particulares*, mostrar como Camilo mudou de atitude (e talvez de opinião) depois da leitura da milagrosa dedicatória.

Notas a dois livros de Fialho de Almeida

Sabendo que eu tinha êste trabalho em preparação, o meu amigo o livreiro Manuel dos Santos, sempre pronto a auxiliar todas as obras camilianas, mesmo que nelas não tenha interêsses materiais, avisou-me de que existiam em Mafra, na posse do Dr. Carlos Galrão, dois volumes de Fialho anotados por Camilo.

Era preciosa a informação porque tais notas, se eu pudesse conseguir copiá-las, viriam enriquecer muito esta colecção, dada a categoria literária do autor criticado.

Mas eu apenas de nome conhecia o distinto médico Dr. Galrão, tam justamente considerado na vila de Mafra.

Esbarrava nesta dificuldade que se me afigurava grande, mas como não sou de qualidade de desistir, nestas cousas de Camilo, andei para a frente, que era o caminho.

Escrevi imediatamente ao meu colega e amigo Dr. Machado Pereira, advogado naquela terra, a pedir-lhe os seus bons ofícios no sentido de obter a desejada autorização.

Em boa hora o fiz, pois, na volta do correio, o meu amigo participava-me que os livros estavam à minha disposição para copiar as notas.

Fui então a Mafra, porque não devia abusar da gentileza do sr. Dr. Galrão pedindo a remessa dos livros, com o risco do extravio dêsses dois exemplares insubstituíveis.

Fui, portanto, copiar as notas e então tive a honra de conhecer pessoalmente o sr. Dr. Galrão que me contou a história dos dois exemplares.

S. Ex.ª arrematou-os no leilão da livraria de Camilo, em 1883.

Era ao tempo estudante de medicina, companheiro e amigo de Fialho.

Satisfeito, como era natural, com a compra, mos-

treu os livros a Fialho que muito insistiu com o seu amigo para que lhos cedesse.

Não anuíu o sr. Dr. Galrão, mas permitiu-lhe que levasse os exemplares para copiar as notas.

Fialho aceitou o oferecimento e foi demorando os livros em seu poder, até que o Dr. Galrão se resolveu a ir buscá-los a casa do seu amigo, conseguindo assim reavê-los.

As notas, como se verá, são, em grande parte, elogiosas, e mostram que Camilo era sincero ao escrever, na polémica com Alexandre da Conceição, que Fialho tinha *um lugar de honra nos postos avançados da nova milicia.* Algumas, porém, são menos benévolas e mesmo violentas, mas nem por isso Fialho deixou de ser o mesmo admirador de Camilo e de lhe prestar sempre a sua homenagem, cumprindo, como disse na dedicatória dos *Contos, o dever honesto de tirar o chapéo diante do que é superior.*

Bem o demonstrou no estudo publicado nos n.os 5, 6 e 8 da *Revista Illustrada*, em 1890, logo depois da morte de Camilo, no célebre artigo, que tanta celeuma levantou, escrito a seguir à morte de Eça, no *Brasil-Portugal*, e em outros lugares da sua obra.

Ainda no último livro publicado em sua vida (*Barbear, Pentear)*, Camilo é *a maior gloria litteraria do seculo, incluindo Garrett.*

Escreveu também o *Sumário* do livro sôbre Camilo, livro que ainda está por fazer.

Êsse plano foi publicado no jornal *Republica*, não sei em que data, e reproduzido por Albino Forjaz de

Sampaio, em apenso ao prefácio das *Cartas* de Camilo, publicadas em 1916 por Manuel dos Santos, em edição de 40 exemplares.

Para terminar esta resenha de trabalhos de Fialho sôbre Camilo, citarei ainda o belo artigo que foi incluído nas *Pasquinadas*.

E em carta que está em Seide (*Camillo Homenageado*, n.° 303), agradecendo a oferta da *Maria da Fonte*, escreveu que de Camilo só podia dizer como Balzac de Victor Hugo: *Victor Hugo! C'est un grand homme. N'en parlons plus.* A carta não tem data, mas deve ser de 1885, ano em que saíu aquele livro de Camilo, e, portanto, quando Fialho lá conhecia as notas.

E, a propósito, já é tempo de começar a transcrevê-las.

*

O primeiro livro anotado *(Contos)* tem no anterosto esta dedicatória: «A Camillo Castello Branco — em admiração pelo seu genio e pela sua valentia de luctador — C. — Fialho d'Almeida — 13 de Julho de 1881.»

Tem no catálogo da livraria de Camilo o n.° 1509

A primeira nota aparece a pag. 51. E' apenas uma emenda dum êrro tipográfico. No livro está «uma iscasinha *semelas*»; Camilo emendou «*sem ellas*».

Na pag. 53, fala o autor de *infantas de capote e lenço, passeando pelo Campo de Sant'Anna com o Chico Bellas.* Nota de Camilo: «Allusão á mulher

do Loulé e ao D. Franc.º Castello Br.co que morreu idiota e mendigo em 1863 em Lx.ª e furtava relogios.»

A pag. 71, onde termina a descrição da sova dada pelo pedreiro na mulher (do conto *A Ruiva)*, Camilo comentou: «E' um quadro perfeito.»

A pag. 73, introduziu a palavra *que* na frase *o infortunio como que o aniquilava*. . O tipógrafo tiuha comido essa palavra.

A pag. 91, sublinhou *oca* (por *ocre)*. No outro volume, como logo se verá, fez esta emenda.

Na pag. 118 termina *A Ruiva* e aí escreveu Camilo a sua opinião sôbre o conto: «E' o unico romance q̃. ainda temos modelado pelos de Zola. Como tal, é um trabalho perfeito de iniciação, que ninguem soube até hoje acompanhar, senão de longe — coxeando.»

A pag. 200, sublinhou *espiralando*, verbo que Fialho empregou para descrever o movimento de alegria da cauda dum gato.

No ano seguinte ao da publicação do livro de Fialho, Camilo fez uso do mesmo verbo, a pag. 109, da *Brazileira de Prazins*, a respeito das colunas de fumo que saíam do charuto do falso D. Miguel.

Em 1899, na 1.ª ed. do seu dicionário, o sr. Dr. Cândido de Figueiredo registou o vocábulo (no *Suplemento*) com o asterisco indicativo de não ter até então aparecido nos melhores dicionários e abonado com a autoridade de Camilo, de que cita aquela passagem.

O erudito professor Júlio Moreira também mencionou o referido verbo, com a mesma citação, no seu estudo sôbre a linguagem de Camilo, publicado na *Revista*, do Pôrto, e mais tarde (1913) reproduzido no 2.° vol. dos *Estudos da Língua Portuguesa*, organizado depois da morte do autor pelo sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

Na pag. 204 acaba o conto *Historia de Dois Patifes*, que Camilo assim apreciou: «A resp.to de gatos, Bento Moreno na *Comedia do Campo* tem uma descripção superior a esta do F. d'Alm.da»

Esta descrição deve ser a que vem no conto *O criado do cura*, a pag. 109 do 1.° vol. da *Comedia*, 1.a ed., 1876, volume que é, como êste de Fialho, dedicado a Camilo.

A pag. 208, no conto *A Desforra de Baccarat*, onde Fialho fala da influência das leituras no espírito da condessa, Camilo escreveu: «Tal e qual como a Carolina da *Ruiva*. Demonstra q̃. o *meio*, a mezologia, nada é, nada influe nas indoles, e q̃. a educação nada importa.»

Na pag. seguinte, a exclamação: *raio de filhos!*, proferida pela mãe da condessa, mereceu esta observação: «Inverosimil, fora da bocca de uma peixeira.»

A pag. 230, emendou *pormenor* que saíra *promenor*.

A pag. 250, a frase: *pallida como uma esperança pisada á beira d'um esquecimento*, foi assim comentada: «Que gongorismo!»

Na pag. 317, no conto *O Milagre do Convento*,

marginou com um traço a descrição do desenvolvimento de Vila Alva, devido à fama milagreira do Senhor do Convento, e escreveu: «Bexiga.»

A pag. 325, sublinhou a palavra *palmouras* e pôs à margem uma interrogação.

O sr. Dr. Cândido de Figueiredo regista êste termo com a nota de brasileiro e o significado de *pé das aves palmípedes.*

E' neste sentido que Fialho o emprega: *palmouras de cysnes.*

Parece que Camilo não conhecia o vocábulo o que não admira, pois não tinha sido registado nos melhores dicionários, como indica o asterisco que o erudito dicionarista lhe antepôs.

A pag. 339, no fim do conto *Dois Primos*, escreveu Camilo: «Depois da leitura deste conto, que é o q̃. fica na alma? A necessid.e da estupidez, a semente da felicid.e, que é como a raiz de uma flor que se desenvolve e abrolha no estêrco.»

Na última página do volume está uma nota que não consegui reconstituir, já porque tem várias emendas, já por estar muito apagada pelo atrito das mãos no tempo em que o livro esteve por encadernar e, ao que parece, sem capa. Copiei o que me foi possível aproveitar. Adiante se verá o que é essa nota que aqui vai, tal como consegui recolhê-la, não sem dificuldade: «A critica facetada, pertinaz e triumphadora de R. Ortigão; A *Ruiva* de Fialho de Almeida, puro zolaismo, uma realid.e dissecada com a frialdade d'um escalpello m.to brunido, mas que faz chorar como os

antigos romances feitos de gemidos de moribundos, de trevas e de fome; os romances................ de Julio.................... demasiadas elocuçoens...............»

Esta nota, com as suas emendas, dava-me a impressão de ser um esbôço ou rascunho de qualquer artigo, tanto mais que não era a primeira vez que um caso assim me aparecia, pois tenho na minha colecção um romance francês em que Camilo escreveu, nas guardas do volume, um rascunho de parte do artigo de crítica a dois livros de Faustino Xavier de Novais, publicado na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* (I, 17) e reproduzido nos *Narcoticos*. Acrescia ainda que a minha memória me dizia que eu já tinha lido algures aquelas palavras.

De facto, assim era.

A nota é o rascunho dum trecho da crítica aos livros de Fernando Palha, publicada nos *Narcoticos* (I, 118-119) e transcrita parcialmente na *Bibliographia* (IV, 34).

Nas páginas citadas encontrará o leitor o texto definitivo do esbôço escrito no volume de Fialho.

Nada mais se encontra no exemplar dos *Contos*.

* *

O outro livro anotado é *A Cidade do Vicio*, publicado em 1882. E' o n.º 1438 do catálogo do leilão.

No ante-rosto tem a rubrica de Camilo, a nota: «Lido em 27 de 9.bro de 1882» e esta apreciação:

«São quase sempre falsas as cores das pessoas, das coisas e até dos costumes. Como escriptor (neste livro) Fialho de Almeida faz lembrar os paysagistas que se desmandam em umas verduras q̃. os franceses chamam *epinafres.*»

E' de notar que Camilo escreveu assim a última palavra, sem *s*, talvez por estar a pensar na palavra francesa.

No frontispício criticou assim o título: «Este titulo é uma anomalia. Quase todos os quadros aqui descriptos são campestres posto que viciosos e até indecentes. A *cid.*[e] não vem para nada, e o titulo parece d'outro livro, trocado p.[r] engano na typographia.»

Na pag. 9, primeira do texto, marcou com um traço o primeiro período.

Na pag. 19, à descrição da paisagem, pôs esta nota: «Copiado Zola.»

A pag. 33, as palavras *cahia de cima* foram sublinhadas e comentadas: «se cahisse debaixo era phenomeno.»

A pag. 36, *jactitante* e *anckilosado* foram assim classificados: «Neologismos absurdos.»

A pag. 39, sublinhou *pipiára.*

A pag. 88, uma emenda de gralha: *sovacos* em vez de *socavos.*

Os primeiros períodos da pag. 102 foram marginados e anotados: «Pasmoso!»

A pag. 134, fim do conto *Mephistopheles e Margarida*, esta apreciação: «Bom.»

A pag. 194, emendou *oca* para *ocre.* Como atrás

notei, já nos *Contos*, pag. 91, tinha sublinhado a palavra, mas sem emendar.

Na pag. 218, onde Fialho fala do apuramento de raças por meio de cruzamentos, Camilo escreveu: «Ideas de Maudsley.»

A pag. 220, fez a emenda indicada no fim do volume: «*nervosas* diz a Errata.»

A pag. 227, a propósito do Albano da *Madona*, explicou: «Este *Albano* é o poeta Carvalhaes (Alfredo) do Porto. Fialho conhecia-o p.^r^ intervenção de S.^a^ P.^to^, talvez.»

Êste poeta é um dos incluídos por Camilo no *Cancioneiro Alegre*.

A pag. 242, a frase: *descia agora do seu sotão*, foi assim criticada: «Do sotão sobe-se não se desce. Das trapeiras é q̃. se desce.»

Esta nota mostra que Camilo não conhecia ou não concordava com o significado mais geral daquela palavra. O sentido que lhe dá -- *pavimento inferior* é pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo, classificado de provincianismo.

Na pag. 258, ainda da *Madona*, onde Artur se atira ao Flores quando êste lhe anuncia a morte de Judite, Camilo anotou: «Que asneira!»

A pag. 262, a frase: *Olha que isso faz doer, coitadinha!*, dita por Albano ao escultor quando êste está modelando a máscara da morta, recebeu esta nota: «Que idiotices tão inverosimeis!»

Na pag. 270 termina a *Madona*. A nota em que o autor diz que os fragmentos da estátua destruída

pelo escultor, além doutros, ornam o túmulo de Judite, foi assim anotado: «E' bem boa intrugice esta nota.»

Na pag. seguinte começa o conto *A Indigestão*, assim criticado logo no princípio: «Satyra a D. Luiz sem o menor disfarce. (Desagradavel coisa).»

A pag. 278, no mesmo conto, no diálogo em que o poeta pede ao rei que lhe edite o seu livro de versos e êste lhe pregunta o que são versos, Camilo notou: «Allusoens claras a D. Luiz e a Luiz de Campos.»

A pag. 282, ainda dêsse conto, as palavras *grande chanceller* foram sublinhadas e explicadas: «Fontes.»

O mesmo na pag. 288, a respeito do *marquez Fulgencio*. Diz a nota: «Ficalho.»

Na mesma página, a propósito do livro do rei cujo produto os pobres lhe pedem, Camilo escreveu: «As versoens de Shakespeare.»

E' esta a última nota do livro.

Nota a um folheto de Latino Coelho

O folheto de que se trata é o *Parecer apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa sobre a reforma orthographica proposta pela*

commissão da cidade do Porto. Foi publicado em 1879 e é da autoria de Latino que foi o relator.

O exemplar de Camilo pertencia também a Casimiro Freire e está actualmente na biblioteca do Museu de João de Deus.

Tem uma única nota de Camilo, escrita no frontispício. E' a seguinte: «J.e M.a L. Coelho — vocação notabilissima p.a prefacios, relatorios academicos e vida contemplativa.»

E' interessante trazer para aqui o que, em 15 de Julho de 1874, Camilo dizia do mesmo Latino ao Visconde de Ouguela, em carta citada pelo sr. Dr. Teófilo Braga. E' como segue: «Olha, que me afugenta da tua casa a ideia de lá encontrar a miudo o *Castilho*. Eu te direi de vagar por que estou fartissimo de Castilho, e já o cheiro das cartas d'elle me intedia. O Latino, sim, esse é que é o espirito que mais convinha a uma alma como está a minha, embotada pelo attrito dos maçadores.»

Notas ao «Romanceiro Portuguez», de Inácio Pizarro

No catálogo da livraria de Camilo aparece, com o n.º 854, *O Romanceiro Portuguez*, de Inácio Pizarro de Morais Sarmento, obra em dois volumes, pu-

blicados em 1841 e 1845, seguido desta nota: «Raro. Alem do retrato que pertence á obra, tem outro tirado no seu ultimo anno de vida, com um offerecimento.»

No leilão foi a obra adquirida por Silva Pinto que na guarda do 1.º vol. declarou a proveniência.

O exemplar que tem dedicatória do autor a Camilo, pertence hoje ao sr. Dr. Artur Gomes de Carvalho que o confiou ao editor dêste livro para que fôssem copiadas as notas.

Camilo conheceu Pizarro no verão de 1864, no Bom Jesus do Monte; assim o diz no artigo datado de 8 de Julho de 1870 e incluído em 1872 nas *Quatro Horas Innocentes*.

Em 15 de Fevereiro de 1865 oferecia-lhe Pizarro êste exemplar do *Romanceiro*.

Foi neste mesmo ano que Camilo *bosquejòu a biographia do estimado escriptor*, em artigo publicado no *Civilisador* e reproduzido nos *Esboços de Apreciações Litterarias*.

Conserva o primeiro volume os dois retratos mencionados no catálogo. O primeiro é o que pertence à obra, uma litografia que representa o autor na fôrça da vida; o segundo uma fotografia, feita, ao que parece, em 1865.

Ao lado do retrato litográfico está escrito a lápis: «Aos 34 annos». Na fotografia há estas notas «58 annos» e «Tempus edax rerum... (comparem os 2 retratos)».

No primeiro escreveu ainda Camilo: «Nasceu em 1807. Morreu em 1870.»

Parece, portanto, que a fotografia é de 1865, pois foi nesse ano que o retratado completou 58 anos, os 58 pesados anos que Camilo manda comparar com os 34 do esbelto rapaz que mostra a litografia.

No artigo que citei, escrito seis anos depois do seu primeiro encontro com Pizarro, ainda Camilo fala da dolorosa impressão que lhe fez o estado de decadência do poeta, o seu aspecto tam diferente do retrato antigo que *entalhára para sempre na memoria.*

Nesse mesmo artigo diz que Pizarro morreu em 17 de Maio de 1870 que é, creio, a data verdadeira. Sendo assim, o que não está certo é o que se diz no catálogo — que a fotografia foi tirada no último ano de vida do autor.

O primeiro volume do *Romanceiro* tem duas notas camilianas, sendo a primeira na pag. 33, no princípio do 2.º canto do romance *O Conde de Ourem.*

Começa assim o canto:

> Em casa de Alvaro Páes,
> (Que era na rua dos Canos)

Foi êste segundo verso o anotado: «Bom verso.»

De pag. 159 a 198 decorre o romance *A Duqueza de Bragança*, em que se canta a desgraça de D. Leonor, assassinada em 2 de Novembro de 1512, no paço de Vila Viçosa, por seu marido o Duque de Bragança, D. Jaime.

Ao romance seguem-se as notas em que Pizarro conclui pela inocência de D. Leonor, condenada ape-

nas pelas aparências que levaram o Duque a julgá-la adúltera.

O poeta considera provas evidentes dessa inocência o remorso e as penitências de D. Jaime.

E' a isto que Camilo responde na sua nota escrita a pag. 204: «O Duque nunca mostrou remorsos. No anno seg.te ao do conjugicidio foi á expedição d'Azamor, passados annos foi a Castella buscar a mulher de D. M.el — passados 8 annos cazou com D. Joanna de Md.ça, e ao fim de 20 annos faz testam.to e declara a mulher *perdida pela culpa*. A innocencia da duqueza é uma fabula.»

Camilo nunca abandonou esta convicção.

Na parte final do capítulo *Frades, Ursos e um Duque de Bragança*, do livro *Cavar em Ruinas*, trata do caso, continuando a não acreditar na inocência de D. Leonor e desenvolvendo o que consta da nota que transcrevi.

Muitos anos depois, nos *Narcoticos* (pag. 99 e seg.), volta a falar da tragédia de Vila Viçosa e mantém inteiramente a sua velha opinião.

Neste livro, depois de se referir ao equívoco com que um linhagista pretendeu explicar a suspeita que levou D. Jaime a matar a Duquesa, faz êste comentário: «Um romance mal amanhado, bom para o soláo de Ignacio Pizarro...»

A propósito, devo ainda citar o livro de Luciano Cordeiro, *A Senhora Duqueza*, publicado em 1889.

E' um trabalho feito com a maior probidade e es-

crupulosamente documentado como todos os dêsse cuidadoso investigador.

Luciano Cordeiro discorda por vezes das opiniões de Camilo, merecendo-lhe especial referência, em diversos pontos do livro, o facto de êle ter chamado ao Duque D. Jaime a *devota besta-fera*.

São estas as notas que Camilo escreveu no 1.° vol. do *Romanceiro*, nenhuma tendo escrito no outro, segundo informação do sr. Dr. Gomes de Carvalho.

Notas às «Lições de Litteratura Portugueza», de J. Simões Dias

O exemplar que foi de Camilo é da edição de 1875 e pertence, como alguns dos anteriores e pelo mesmo motivo, à biblioteca do Museu de João de Deus. Tem duas notas de Camilo.

A primeira, no ante rosto, diz: «Insignificantissimo bosquejo por um *professor* da sciencia que compendiou!»

A outra, a pag. 87 (última do texto), é esta: «Não passa de miseravel, atrapalhado, e inutil bosquejo esta coisa.»

Nota a um folheto de António Petronilo Lamarão

Desconheço êste senhor Lamarão que traduziu a *Oração Funebre de Marcus Antonius*, da tragédia *Júlio César*, de Shakspeare. O folheto é de 1879; o exemplar que possuo foi oferecido pelo tradutor a Camilo que no frontispício escreveu apenas isto: «Tradução deploravel.»

Nota aos «Avizos do Ceo...», de Luís de Tôrres de Lima

E' mais um dos livros de Casimiro Freire, que, por sua morte, ficaram pertencendo ao Museu de João de Deus.

O exemplar é da edição de 1761 e tem na guarda da encadernação esta nota de Camilo: «Como historiador não merece algum credito; como escriptor é detestavel. — C. C. B.»

Nota a «O Emprestimo de D. Miguel», de Silva Pinto

Pertence o exemplar também ao Museu de João de Deus. Foi publicado em 1880, quando Silva Pinto já estava em boas relações com Camilo.

Tem uma só nota, escrita no ante-rosto. Diz: «Exacto e bom.»

Notas às «Memorias da Vida de José Liberato Freire de Carvalho»

O exemplar que pertenceu a Camilo está hoje na minha colecção. E' o n.º 403 do catálogo do leilão e conserva ainda na lombada o rótulo com êsse número. No verso do ante-rosto tem a assinatura de Camilo e o preço que lhe custou, 1600 rs.

Tem apenas três notas e essas não são agressivas para o autor, o que é estranhável porque Camilo não gostava de José Liberato.

A sua antipatia pelo antigo cónego regrante de Santo Agostinho, manifestou-se logo a seguir à publicação das *Memorias* do ex frade crúzio. Estas apareceram em 1855 e, no ano seguinte, nas *Memo-*

rias de além da campa de um juiz eleito, então publicadas no jornal *A Verdade* e reproduzidas no *Nacional*, já Camilo lhes fazia uma crítica acerada, começando por lhes chamar *quatrocentas paginas insossas que desservem* a *nomeada do seu author*.

E segue no mesmo tom na análise da obra *indigesta e salobra a mais não ser*.

Era isto em 1856; nove anos depois, ao escrever *A Queda d'um Anjo*, volta a referir-se a José Liberato e então implica-lhe com o nariz e parece-me que com razão, se é fiel o retrato que acompanha as *Memorias*.

Descrevendo a figura de Calisto, diz Camilo: «Tinha o nariz algum tanto estragado das invasões do rapé e torceduras do lenço de algodão vermelho. A dilatação das ventas e o escarlate das cartilagens não eram assim mesmo coisa de repulsão. Estes narizes, se não se prestam á poesia lyrica, inculcam a seriedade de seus donos, o que é melhor. Eram assim os narizes de José Liberato Freire de Carvalho e de Silvestre Pinheiro. Quasi todos os estadistas de 1820 se condecoravam com a rubidez nazal. Não sei que ha n'isto indicativo de estudo, gravidade e meditação; mas ha o quer que seja.»

Passam-se mais sete anos e, em 1872, no *Livro de Consolação*, de novo debica com o homem, mas então deixa-lhe em paz o físico para lhe atacar as qualidades morais e literárias.

Depois de transcrever uma parte das *Memorias*,

em que José Liberato *avaliou ineptamente em des caroadas linhas* D. Luís de Ataide, filho do conde de Atouguia e neto do marquês de Távora, dois dos justiçados de Belém, diz Camilo: «Apezar d'esta apreciação indicativa de escriptor e espirito menos de ordinarios, e incapazes de alçarem-se até onde a desgraça ergue pelos cabellos as suas preas...» E mais adiante, depois de outra transcrição: «Homem de tão singular e descommunal condição tinha direito a ser estudado e desenhado por quem tivesse vista d'alma que alcançasse o enorme desgraçado no fundo da sua voragem. Dos seus coevos e camaradas nenhum deu tento d'esse extraordinario martyr senão o ex-frade José Liberato, que nunca pôde desfazer-se de tres partes de máo frade com que fugiu aleijado do convento.»

Todavia, as passagens que Camilo tam duramente critica no *Livro de Consolação*, não foram por êle anotadas no seu exemplar das *Memorias*.

As notas que lá se encontram são as seguintes.

Na pag. 41 diz o autor que certo Hipólito, tendo sido preso, foi levado ao Limoeiro e, passados alguns dias, transferido para a Inquisição.

Camilo sublinhou *alguns dias* e à margem escreveu: «6 mezes diz o prezo.»

Na pag. 374 refere se José Liberato à proposta aprovada na Câmara dos Deputados, estabelecendo um prémio de dez contos a quem prendesse D. Miguel e o entregasse às autoridades. Camilo anotou:

«Infame! E admiram-se que Filippe 2.° offerecesse 80$ ducados a q.m lhe entregasse o D. Ant.°»

Na pag. 388, onde o autor se refere às eleições de 1839, anotou: «Eleições do P. J.» Creio que estas iniciais significam *Passos José.*

E com esta acabam as notas ao livro do *escriptor menos de ordinario e com tres partes de máo frade.*

Notas a um Sermão de Fr. Joaquim de Santa Clara

E' o *Sermão do Santissimo Coração de Jesus,* recitado na primeira festa celebrada na Basílica da Estrêla, em 11 de Junho de 1790.

A edição é do ano seguinte. Pertence o exemplar anotado ao meu amigo e confrade Dr. Jorge de Faria que espontâneamente mo ofereceu, com outros, para copiar e publicar as notas, quando soube que eu estava preparando êste livro.

E' digno de registo o facto, não considerado como amabilidade ou favor pessoal, porque nesse ponto não fez mais êste meu amigo do que fizeram os outros que nos lugares competentes vão citados, mas por esta razão — Jorge de Faria é um camilianista.

Mas é-o na verdadeira acepção do termo.

Não colecciona espécies camilianas para se quedar na muda contemplação das lombadas, mais ou menos vistosas, dos livros condenados à perpétua quietação nas estantes, como as onze mil virgens que eram os volumes, em igual número, da famosa livraria do cardial da Cunha.

Não. Jorge de Faria colecciona Camilo para estudar a sua obra e a sua vida, ou seja, no fim de contas, para estudar Camilo.

Talentoso e erudito, tem produzido muito menos do que devia produzir, mas a sua bagagem é já mais que suficiente para afirmar o seu grande valor.

E' um espírito superior e é um camilianista sincero. Cultiva o camilianismo por Camilo e não por si.

Exactamente porque possui estas altas qualidades, não faz *caixinha* (com licença) do que tem na sua colecção.

Nem mesmo espera que lhe peçam; é êle que oferece, como fez no caso presente, ao saber que eu ia publicar notas de Camilo.

E' por isso que eu digo que o facto é digno de registo. Já tive ocasião de fazer idênticas considerações a respeito de Luís Ferreira Lima.

Presto assim a minha homenagem a dois camilianistas que tal nome merecem.

A primeira nota de Camilo aparece na guarda e é a seguinte: «Foi a tiragem de 100 exemplares. Parece q̃. era grande theologo; mas escriptor mediocre.»

Na mesma guarda escreveu também o preço do

folheto num leilão — 800 rs. — e ainda esta operação

1740
1818
. . 78

com que teve, talvez, por fim saber o número de anos de vida do orador.

Logo me referirei com mais desenvolvimento a êste costume de Camilo, de fazer por escrito as operações aritméticas mais singelas.

No frontispício escreveu: «Raro. Diz Innocencio F. da S.ª que nunca podera encontrar este sermão, nem eu vi outro exemplar. — C. Cast.º Br.»

E mais abaixo, junto do nome do frade: «Pregou nas exequias do marquez de Pombal em 1782. Foi arcebispo de Evora.»

A pag. 8, marginou com um traço esta passagem: «Bem sei, meu Deos, que os abismos do vosso coração devem ser adorados de longe, e que nunca sem temeridade se arrojarião vistas humanas a examinallos de perto. Consenti porém que eu levante humilde o escuro véo, que esconde aos olhos mortaes o interior desse divino Santuario. Deixai-me ao menos por hum instante, deixai-me ver com as luzes da Fé os seus reconditos segredos.»

A pag. 29, diz o autor: «... que manda a todos que aprendão do seu exemplo a serem, como elle he, affaveis...»

Camilo notou à margem: «incorrecto — Não se

diz: estes homens devem *serem* bons; mas *devem ser* bons; pela m.ma rasão, é incorrecto dizer *apprendam a serem.*»

A pag. 31, emendou a palavra *lemite*, substituíndo por *i* o primeiro *e*.

Na pag. 32, nova falha do frade e nova correcção de Camilo.

Diz aquele: «... de quem Lazaro ha quatro dias morto era no sentir dos Padres a figura.» Emenda: «incorrecto — devia dizer *havia*, logo q̃. *era* morto. Se dissesse *é* estava bem o *ha*.»

Na pag. 35, sublinhou as palavras: *derradeiro talho da morte.*

A pag. 36, escreveu a sua última nota.

Diz o autor: «O' Deos! que mais era preciso que fizesseis... não digo bem... que mais podieis vós fazer, sendo como sois, hum Deos, a quem nada he impossivel? Que maiores provas podieis vós dar-nos da grandeza do vosso Coração, do muito que nos amais, depois de chegar ao ponto de morrer para salvar-nos? Não foi esta a grande obra do vosso Amor, que vós havieis meditado desde a eternidade ainda antes de crear o Homem á vossa similhança; ...»

Camilo sublinhou o último período e anotou: «Se ja o previa, devia cumprir-se. O homem peccou inconscientem.te »

E' curioso notar aqui que Camilo, quando andava coligindo elementos para o seu livro *A Oratoria Sagrada em Portugal*, que não passou de projecto, recorreu por várias vezes a Inocêncio, pedindo ao

seu saber indicações a utilizar para essa *historia do pulpito.*

Numa das suas cartas, em 20 de janeiro de 67, dizia ao erudito bibliógrafo: «Será coisa m.to difficil encontrar-se o sermão de S.ta Clara, arceb. de Evora, nas exequias do Pombal? Dos 100 exemplares que V. Ex.a diz se publicaram de certo não conseguirei ser eu um dos 100 possuidores. Quando eu for a Lx.a, V. Ex.a m'o deixará ver.»

Oito dias depois, escrevia-lhe o seguinte: «Estou de posse do precioso sermão. E' admiravel! Quem nos dera hoje assim um conceituoso e vernaculo orador!»

E' certo que não diz qual é o *precioso sermão* que recebeu, mas, sendo as duas cartas escritas com piqueno intervalo e não fazendo Camilo na primeira outro pedido, além do que consta da parte transcrita, parece-me lícito concluir que Inocêncio correspondeu aos desejos do escritor, enviando-lhe o tal sermão das exéquias pombalinas.

Sendo assim, é interessante o confronto da opinião de Camilo, expressa na carta, com as notas que escreveu no sermão que o mesmo monge prègou na Estrêla e que aqui ficam reproduzidas.

Em duas delas emendou erros gramaticais e numa outra chama ao frade *escriptor mediocre*; na carta classifica o sermão de *precioso* e *admiravel* e o orador de *vernaculo.*

Se se trata do mesmo homem (admitindo a hipótese provável de o sermão a que se refere a carta

ser o das exéquias), é notável a contradição das duas opiniões.

A não ser que Fr. Joaquim de Santa Clara tivesse, nos oito anos que decorreram entre os dois sermões, perdido a sua vernaculidade e esquecido, até, as mais elementares regras de sintaxe.

As cartas a que me refiro, foram publicadas pelo sr. D.r António Cabral, no *Camillo de Perfil.*

Notas a um opúsculo de José Daniel

Tem um quilométrico título de que copio uma piquena parte: *Colecção de todas as obras modernas que o author tem feito a Sua Real Magestade o Augusto Senhor D. Miguel I...*, e foi impresso em 1829.

O exemplar pertence também a Jorge de Faria.

Tem no frontispício a assinatura de Camilo e na pag. 3 a primeira nota: «Se eu um dia tiver tempo e pachorra, alguma cousa direi deste inofensivo choramingas.»

Nas pag. 6-7, traçou as seguintes quadras:

> Conto sessenta e seis annos,
> Cheios de consumições:
> Na cova não valem Tenças,
> O que vale são Tenções.

Fui de Alemquer Ajudante,
Inda conservo a Patente:
Mas novo Regulamento
Nos extinguio de repente.

Fui do Paço da Rainha,
Do primeiro Batalhão
Apto Major, desde quando
Se fez esta Legião.

Fardei-me, cingi a banda,
E não he por me gabar,
Tive, sem ir á campanha,
Arreganho Militar.

Não me prézo de valente;
Porêm he cousa bem rara,
Que inda não vendo o inimigo,
Nunca sube virar cara!

e fez êste eloqüente comentário: «Pff!»

A pag. 10, à quadra:

Inda tempos conheci,
Em que as Obras se gastavão,
As minhas Composições
Em casa me não ficavão.

fez esta observação: «Vendiam-se melhor q̃. as minhas!»

A pag. 14, diz o poeta:

O nosso Xavier de Mattos,
Na falta de subsistencia,
Morreo conforme, *abraçado*
Com a sua paciencia.

Camilo sublinhou e escreveu: «E' a sorte q̃. me espera nesta Falperra de editores e contrafactores.»

Na pag. 54, encontra-se a última nota.

E' esta: «Ah, deuses!», aplicada aos versos:

A velhice, sem credores,
He o que ter mais deseja.

Notas a um folheto de Inocêncio

E' mais um exemplar da colecção de Jorge de Faria.

Tem por título: *Apontamentos Biograficos ácerca de D. Luis Francisco de Assis Sanches de Baena..... dados á luz e offerecidos a seu terceiro neto o Excellentissimo Senhor Visconde de Sanches de Baena — por Innocencio Francisco da Silva.*

Foi publicado em 1869.

Tem duas notas de Camilo, sendo a primeira muito extensa e escrita na capa do folheto, da qual ocupa metade da frente e todo o verso.

Diz assim: «O actual visconde de Sanches de Baena era ha 6 annos boticario no Rio de Janeiro. Voltando á patria, provou que era o representante

do Dz.[or] João Sanches de Baena, um dos conjurados em 1640; pelo quê foi feito visconde, *pagando os direitos de mercê*. A graça (que graça!) é de 1869. Occupa-se hoje este visconde em exploração de minas no Alemtejo.

Requereu elle o *dom* de seu terceiro avô D. Luiz; mas el-rei não lh'o concedeu, por não ser costume. A tia materna deste visconde era a celebre freira de Vairão que casou com A. Feliciano de Castilho. E' admiravel que o poeta a faça descendente de Ant.[o] Ferr.[a] e Nicolao Tolentino. Parece q̃. o illustre cego e a illustre freira renunciaram á parentella nobiliarchica para se introncarem na litteraria. Eu de mim penso que ambas as procedencias são tanto ou q.[to] fabulosas.

Ora a outra senhora, irman da freira, casou com um alferes de milicias da Feira, empregado em não sei quê de Miragaia, e deste cazal sahiu o visconde actual que em pequeno foi p.[a] o Rio.

Uma irman deste visconde casou com um brasileiro chamado Leite, que morou em 1861 na rua de Gonçalo Christovão do Porto, tendo ja sido casada com outro Leite, irmão do 2.[o] marido. Desta senhora ha duas filhas casadas pobrem.[te] no Porto.»

E' de notar que Camilo duas vezes chama *freira* à senhora que foi a primeira mulher de António Feliciano.

No segundo volume das *Memorias de Castilho*, seu filho Júlio trata largamente dêsses amores do poeta, e aí diz que aquela senhora era educanda do

mosteiro de Vairão, onde desde criança vivia com sua irmã.

Quando começou a sua correspondência com Castilho, tinha ela vinte e oito anos de idade, o que leva a crer que já não fôsse educanda. Provàvelmente teria ficado no convento, finda a educação, como recolhida.

E' êste o nome que lhe dá Ernesto Loureiro no artigo publicado a pag. 15 do número único *Castilho* com que a Empresa da História de Portugal comemorou em 1900 o primeiro centenário do poeta.

Parece-me que seria esta a sua verdadeira condição no mosteiro, em 1824, quando escreveu a Castilho a sua primeira carta que Júlio reproduziu a pag. 34 do 2.º vol. das *Memorias*.

Seria recolhida, mas não educanda e muito menos freira, como lhe chamou Camilo.

A segunda nota camiliana encontra-se na pag. 25. a última da biografia, na qual o autor se refere a D. António Carlos Sanches de Baena e a D. Maria Fortunata Agostinha de Portugal que por sentença de 24 de Maio de 1783 foram julgados herdeiros do biografado D. Luís Francisco de Assis.

Á margem escreveu Camilo: «Devia rigorosam.te o biographo referir-nos como se gerou desta gente o actual visconde.»

Nada mais escreveu no folheto.

A título de curiosidade, e para fechar, quero ainda dizer que êsse visconde publicou em 1882 um opúsculo intitulado *Notas e Documentos Ineditos para*

a biographia de João Pinto Ribeiro, que dedicou a Camilo, escrevendo-lhe assim o nome: *Camillo de Castello Branco*, tanto na dedicatória como na pag. 23 em que transcreve parte duma carta.

Há uns inocentes que muito se indignam quando alguém escreve o nome de Camilo como eu o escrevo, sem geminar o *l*, e protestam dizendo que êle nunca escreveu assim. Pensam, os pobres, que o nome próprio talvez por ser próprio, é propriedade da pessoa a quem foi dado na pia baptismal ou no ominoso registo civil, e não uma palavra da língua, sujeita, como qualquer outra, às regras da ortografia.

Ora êsses mesmos são muito capazes de achar bem aquele *de* com que o visconde alterou o nome de Camilo.

Porque, com um *l* ou com quantos quiserem, o nome do escritor foi sempre *Camilo Castelo Branco* e nunca *Camilo de Castelo Branco*.

Mais *l* ou menos *l* não é cousa que altere o nome; o mesmo não se pode dizer de mais *de* ou menos *de*.

Não sei se estão vendo, como dizia Dias Ferreira.

Mas não, *eu sei que não estão vendo*.. porque não querem ver.

E eu não posso obrigá-los.

Devo dizer ainda, em abôno da verdade, que Sanches de Baena se deixou mais tarde daquela extravagância, como se pode ver no seu *Gil Vicente*, publicado em 1894, onde o nome de Camilo aparece já liberto da partícula.

Notas à «Historia do Reinado de El-Rei D. José», de Luz Soriano

Logo na guarda do 1.º vol. aparece a primeira nota que é esta: «Este Soriano, que plagia vergonhosam.te, diz que *foi guiado* por estes e aquelles. O q. elle fez não se chama *ser guiado* — é *ser editor* de obras que eram vulgarissimas como a *Adm.am do M. de Pombal*, traduzida ha 30 annos, *Gabinete Hist.*, &. O thesouro pagou liberalm.te estas *ediçoens*.=C. Cast. Br.º»

A pag. VI, escreve o autor: «Posto que as idéas de egualdade religiosa Jesus Christo as tivesse estabelecido e se achassem admittidas em todos os estados christãos, catholicos e não catholicos, todavia a admissão d'essas idéas de egualdade em politica era coisa a que altamente repugnavam os costumes e as crenças das classes aristocraticas, crentes, como já dissemos, de que só ellas deviam monopolisar em si os direitos da humanidade e o nobre fero do ser humano.»

Comentário de Camilo: «Carece de grammatica.»

Na pag. VII sublinhou *philosophismo* e anotou: «tolice.»

Na mesma página e continuando na seguinte, há êste período: «Pelo que fica dito vê-se portanto que a obra que contratámos com o governo começa pelas causas proximas do estabelecimento do governo par-

lamentar entre nós, tendo esta que agora apresentamos ao publico por fim mais especial a exposição das causas remotas, e a dos esforços feitos pelo marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, aquelle grande ministro d'el-rei D. José a que acima nos referimos, para o nivelamento das classes sociaes, sendo este nivelamento a primeira causa que directamente concorreu para o estabelecimento do governo parlamentar entre nós, por d'ella se ter derivado a idéa da *soberania nacional*, que após aquella causa se seguiu.»

Esta medonha tirada foi assim comentada: «q̃. moínho de palavras.»

A pag. X Soriano fala do *Gabinete Historico*, de Fr. Cláudio da Conceição, e da sua falta de estilo.

Camilo, ainda irritado por aquele período, escreve: «Este asno a julgar estylos!»

Na página seguinte começa um outro período que vai terminar na imediata, com a módica quantia de 31 linhas.

Camilo anotou: «Este periodo faz pneumonia.»

Em dois lugares do *pneumónico* período sublinhou a expressão *tiveram logar*. Também na frase *nada mais lhe importando do que fazer-se temido*, sublinhou a repetição da sílaba *do*.

A pag. XIII, escreve Soriano: «... parece-nos que a publicação d'este nosso escripto não deixará de agradar.»

Camilo indigna-se: «Vai beber da merda, paspalhão!»

Mais abaixo cita o autor, entre os seus guias, aquele livro *A Administração*, etc., a que se refere a primeira nota.

Camilo escreveu à margem: «que authorid.[e] !»

Na pag. XIV termina o prefácio. Aí escreveu: «Estamos em um paiz onde os governos dão o din.[ro] da nação a historiadores desta casta!»

A pag. 1, começa assim o cap. I da obra: «A época do reinado d'el-rei D. João I foi seguramente em Portugal uma das mais importantes e momentosas que n'este paiz tem havido: durante ella colheu a nação portugueza grandes vantagens, por ser durante ella que os portuguezes receberam um tal impulso na carreira das artes, das sciencias, e da industria de todo o genero...»

Camilo sublinhou a repetida expressão *durante ella*.

Quanto às *artes*, preguntou: «Quaes?»

Na parte relativa à *industria*, pôs um ponto de admiração.

A pag. 4, diz o autor: «El-rei catholico devia residir em Portugal o maior espaço de tempo que lhe fosse possivel; mas apezar d'esta condição el-rei D. Filippe I só veiu a elle uma unica vez, D. Filippe II esteve por outra vez em Portugal sómente o espaço de tres mezes, e D. Filippe III nunca veiu a elle.»

As últimas palavras foram traçadas e assim comentadas: «q̃. eloquencia!»

A pag. 8, a passagem: «... os duques de Bragança, cuja popularidade fôra supplantada em 1580

pela que o prior do Crato, D. Antonio, teve por aquelle tempo...» recebeu esta classificação: «Asneira grauda.»

A pag. 9, sublinhou o verbo *se conduzia*, no sentido de *procedia.*

Vem a propósito dizer que em diversos lugares faz o mesmo à palavra *conducta*, empregada com a significação de *procedimento*, e num deles (pag. 319) anotou: «gal.»

A pag. 11, o autor, citando uma opinião alheia, diz que Richelieu, em 1638, interessado na libertação de Portugal, oferecia tropas, armas e munições e que nesse sentido escrevera ao duque de Bragança. Camilo escreveu: «Falso.»

Na pag. seguinte, nas palavras *chefe d'ella*, sublinhou *fe d'ella.*

Abaixo, o autor fala de *D. Antão d'Almada, descendente do illustre Alvaro Vaz de Almada, conde d'Avranches em França, um dos doze de Inglaterra*... Esta passagem recebeu duas notas. A primeira respeita ao condado e diz: «Titulo dado pelo monarcha inglez.»

A outra é relativa à parte em que se trata dos doze de Inglaterra. Diz apenas: «asno!»

Na pag. 17, há uma nota do autor sôbre a família dos Menezes, nota que termina assim: «Foi por meio de similhante casamento que os condes e marquezes de Villa Real passaram a representar a varonia do rei de Castella, D. Henrique II e do de Portugal D. Fernando I, em virtude do casamento de D. Isabel,

filha illegitima d'este soberano, com D. Affonso, conde de Gijon e Noronha, filho illegitimo d'aquelle outro soberano.»

Camilo mudou em vírgula o ponto final e acrescentou: «de q̃. nasceu o arcebispo de Lx.ª D. Pedro de Menezes q̃. fez em uma senhora Perestrello os ascendentes dos Menezes em Portugal.»

A pag. 19 aparece outra vez sublinhado o galicismo *teve logar*. O mesmo fez noutras páginas.

Na pag. seguinte, na frase: *nunca faltam aos reis quem as suas maldades tenham por virtudes*, Camilo restaurou a gramática ofendida, pondo no singular os verbos.

A pag. 21, fala o autor dos socorros prometidos e não prestados pela França; Camilo anota: «Luiz 13 não emprestou o din.ro q̃. João 4.º lhe pediu. Veja o Doc.to comprovativo nas *N. de Insomnia*.»

E' no n.º 7, pag. 58, que se encontra o documento.

Na pag. 23, lê-se que António Cavide morreu na prisão. Camilo corrige: «Inexactidão. Cavide foi perdoado, e morreu na sua cama e foi sepultado na Penha de França. Veja Hist. Geneal. Art.º *Cavide*.»

A pag. 25, na frase: *foi a manifesta desaffeição... quem lhe motivou a morte*, substituíu *quem* por *o que*.

Na pag. 30, emendou o nome da raínha, pondo *Luiza* onde estava *Maria Francisca*.

Na seguinte, onde se fala de *dois principes de mau caracter e costumes*, introduziu antes de *costumes* a palavra *máos*.

A pag. 41, ao nome de Simão de Vasconcelos e Sousa pôs esta nota: «Este Simão foi metido de noute na alcova da rainha M.ª de Saboya a fim de p.r engano *se copularem*, mas ella, conhecendo o engano, expulsou-o. Mem. mss.»

Na pag. 72 fez diversas emendas gramaticais como, por exemplo, na frase: *ambos tiveram a mania de quererem*, em que passou para o singular o último verbo.

Na pag. seguinte, onde se trata da usurpação do trono de D. Afonso VI por seu irmão, escreveu esta nota: «Mandava a politica q̃. se dissimulassem os defeitos do inf.te para q̃. Portugal, a braços com Hesp.ª, tivesse um rei capaz de propagar.»

A pag. 76, o autor censura D. João IV por se ter recusado a pôr-se à frente da sedição de Evora, o que provocou esta nota de Camilo:

«Nesta arguição, ha tolice. Se D. João de Bragança, em 1637, aceitasse o alvitre de se aclamar, talvez perdesse a partida, p.r q̃. ainda a Catalunha estava tranquilla, e Filippe IV dispunha de maiores forças, e m.s apaniguados em Portugal.»

Nessa mesma pag. diz o autor que a revolução de 1640 foi promovida por *uns trinta cavalheiros*. Camilo emendou para 90.

Na pag. seguinte, a propósito de D. João I, anotou: «E' bom saber-se q̃. o Mestre de Aviz quiz cazar com Leonor T. dep.s q̃. lhe matou o amante.»

A pag. 80, escreve de João Pinto Ribeiro: «De

s-

cendia de um sapateiro dos arrabaldes de Amarante. p.r parte do pai.»

A pag. 114, a propósito da estada de Carlos III em Lisboa, anotou: «Carlos 3.º hospedou-se em Belem no palacio do marquez de Gouvea e na volta da excursão foi p.a o do conde de Aveiras.»

A pag. 142, emendou *visconde de Ponte de Lima* para *visconde de V.ª Nova da Cerveira.*

Emenda igual fez na pag. 460, explicando: «V.ª Nova da Cerveira, depois marquez de Ponte de Lima.»

Na pag. 187 diz-se que Pombal casou pela segunda vez em 1745; Camilo esclarece: «depois de estar viuvo 6 a.s»

A pag. 188, refere-se Soriano a um manuscrito de D. Luís da Cunha, em defesa do Marquês. Camilo escreveu à margem: «Testam.to politico? E' uma carta ao principe D. Jose.»

A pag. 201, no sumário do cap. III, Soriano diz que o terremoto matou dez a doze mil pessoas. Camilo anota: «S.am José de Carv.º diz 45$ a pag. 277 deste vol.»

Efectivamente nessa página, numa transcrição de palavras de Sebastião José, aparece êste número, com uma nota de Soriano dizendo que alguns contemporâneos o acharam exagerado e o reduziram a dez ou doze mil.

Sebastião José, logo adiante, diz que *a perda de alguns vassalos ociosos* pouca importância tem.

Camilo nota a contradição: «depois de ter dito q̃. morreram 45$ pessoas.»

A pag. 203, novos erros gramaticais aparecem assinalados pelo lápis de Camilo: «E' coisa para admirar não *terem* havido mais desgraças...» «*proviu* a falta de...».

Na pag. seguinte marcou também uma passagem em que se fala dos *tribunaes da côrte vestidos de rigoroso luto*.

A pag. 204, fala-se de D. Martinho Mascarenhas, conde de Santa Cruz. Escreve Camilo: «o q̃. morreu em 1805 m.^to^ pobre.»

A pag. 242, volta Soriano a falar das dez a doze mil vítimas do terremoto e Camilo volta a notar que Pombal dizia serem quarenta e cinco mil.

Na pag. 245, um ponto de admiração marcou o lugar em que o autor diz que o incendio *victimou* o palácio do conde de Vila Flor.

Na seguinte, sublinhou a expressão *mais magnificas*.

A pag. 250, conta o autor o caso conhecido de D. José ter atribuído à protecção divina o facto de a casa do seu ministro ter resistido ao abalo, e de o conde de Óbidos ter dito que igual protecção tinham tido as moradoras da rua Suja.

A êste dito, diz Soriano, atribuíram alguns o ódio de Carvalho àquele conde.

Camilo comenta: «Asneira.»

O mesmo comentário fez à passagem em que o autor filia o ódio do mesmo Carvalho ao marquês de Alorna no ciúme que nele despertou o dito do marquês ao rei sôbre o que havia a fazer: *enterrar*

os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos, dito que tem corrido como sendo de Sebastião José.

A pag. 284, o nome de Diogo de Mendonça Côrte Real tem esta nota (repetida a pag. 225 do 2.º vol.): «Tentou matar S.^{am} J.^{e} de Carv.º. Vej. *Memorias* de Queiroz.»

E' a pag. 125 das *Memorias* publicadas por Camilo, que o bispo do Grão-Pará trata do caso.

Na pag. 285 diz ainda a respeito de D. Diogo: «Morreu em Peniche em 24 de fev.º de 1771.»

Na mesma página, também a propósito de D. Diogo e do casamento da futura D. Maria I, diz Camilo: «Envolvidos nesta historia o conde de S. Lourenço e o V. de P. de Lima. Vej. Queiroz.»

Como se vê, é de novo citado o bispo. Êste episódio vem tratado por êle a pag. 131 das citadas *Memorias*. Veja-se a nota de pag. 457.

A pag. 289, diz Soriano que de 1750 a 1755 os nossos melhores vinhos não passavam de 10$000 réis por pipa, o que Camilo contesta por êste modo: «Mentira em 1753 os ingl. pag. os vinhos do Douro a 17 lib.»

Na mesma página, a propósito das falsificações dos vinhos, feitas pelos lavradores, diz: «Aconselhados pelos proprios inglezes.»

A pag. 298, diz Soriano que Sebastião José mandou repreender os juízes que entendiam que o motim do Pôrto, por causa da questão da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, era uma simples assuada, de-

clarando-lhes que o crime era de *lesa majestade de segunda cabeça*.

Camilo emenda: «primeira diz a sentença.»

Refere se à sentença da alçada que conheceu da rebelião. Está publicada com outros documentos, em volume impresso no Pôrto em 1758.

A pag. 302, refere o autor uma cilada do Marquês para mandar para o Brasil, onde ficaria preso, o escrivão daquela alçada, José Mascarenhas. Camilo faz esta observação: «Pombal não era homem q̃. usasse taes artificios. Isto é um romance.»

A' margem da pag. 304, escreveu: «Bahia foi a capital do Estado do Brazil até 27 de Jan.º de 1763.»

A pag. 305, fala-se ainda da prisão de José Mascarenhas que Soriano diz ter sido efectuada em 25 de Janeiro de 1760. Camilo emenda a data para 26 de Abril e à margem escreve: «Foi preso p.r q̃. não sahia da Bahia onde estava presidindo á Academia dos renascidos q̃. elle inaugurara em 6 de junho de 1759 e foi prezo em 26 de abril de 1760 — foi mandado prender em 25 de jan.º de 1760.»

A pag. 309, fala-se do rapto duma senhora pelo marquês de Gouveia. Camilo elucida: «D. M.ª da Penha de França mulher de D. Luiz d'Almada. A fuga do marquez foi em 1724. Ella foi preza logo q̃. entrou em Espanha e elle foi p.ª Madrid, e dep.s p.ª Londres, onde quiz hypothecar uma ilha de Cabo Verde.»

Na pag. seguinte, diz Soriano que o irmão daquele marquês alcançou em 1741 o título a que o irmão

renunciara. Camilo emenda: «Ja em 1739 era marquez.»

A pag. 314, fala Soriano de D. José Mascarenhas, primo da marquesa de Távora, D. Leonor. Camilo emenda: «*cunhado* p.^r q̃. o duque era casado com uma irman do marquez, D. Leonor de Tavora.»

Nas pag. 315 e 316, Camilo marginou largos períodos e escreveu: «Plagiato.»

A pag. 317, o autor cita uma versão segundo a qual a marquesa de Távora contribuíra para as dezasseis moedas dadas aos que atiraram sôbre D. José. Camilo observa: «Que futilidad.^e tão inverosimil!»

A pag. 319, aparece outra vez a nota de *plagiato* e ainda esta: «Porco trapalhão.»

A pag. 327, diz Soriano que o povo, ao saber do atentado contra o rei, logo incriminou os Távoras. Nota de Camilo: «Mentira.»

Na pag. 329, diz-se que foi cercada, na manhã de 13 de Dezembro de 1758, a casa de Manuel de Távora. Camilo sublinha o nome e nota: «que passou incolume.» Veja-se a nota de pag. 334.

Nas pag. 332 e 333, o historiador ocupa-se de José Policarpo de Azevedo, o conjurado que conseguiu escapar à fúria de Pombal contra os regicidas. Camilo anota na pag. 332: «Teve estalagem nos padrões da Teixeira. — Tras os Montes.»

Na pag. seguinte desenvolve a: «Azevedo protegido p.^r fam.^a de G. Christovão teve uma estalagem nos *padrões da Teix.^ra* e delle descendem Valentim

Mascarenhas e outro irmão formado, m.[to] valentes. O 1.º morreu juiz de Direito em 1879 e era cazado com uma irman do deputado Lopes Mendes com q.[m] esteve amigado primeiro.»

A respeito dêste José Policarpo deve ver-se o *Perfil do Marquez de Pombal*, de Camilo, pag. 53 e seg., e o *Camillo desconhecido*, do sr. Dr. António Cabral, pag. 399 e seg.

O deputado a quem se refere a nota é o agrónomo António Lopes Mendes, autor do livro *A Indìa Portugueza*, publicado em 1886.

Esta obra estava para ser prefaciada por Camilo que, alegando doença, não fez o prefácio.

Lopes Mendes prestou-lhe a sua homenagem publicando-lhe o retrato a pag. 299 do 2.º vol. do seu trabalho.

A pag. 334, o nome de Manuel de Távora tem esta nota: «Denunciante da fam.ª» Deve ligar-se esta nota com a de pag. 329.

A pag. 335, fala Soriano do secretário de estado Tomé Joaquim da Costa Côrte Real que em 1758 era da confiança do Marquês. Camilo escreve à margem: «Este homem foi depois desterrado p.ª Leiria — prezo no castello onde morreu, á ordem do Pombal.» A êle se refere no *Perfil*, a pag. 230.

Na pag. 336, escreveu esta nota relativa a um jesuíta: «Este José Moreira tinha favorecido a entrada de Pombal p.ª o governo, influindo no animo da rainha q̃. era sua confessada.»

A pag. 342, diz o autor que Luís Bernardo de

Távora, o marquês novo, pretendeu falar ao povo na ocasião do suplício. Camilo explica: «O padecente queria expor q̃. o rei o deshonrára.»

A pag. 352, cita o autor uma gravura representando o cadafalso dos Távoras, com os cadáveres desconjuntados, e Camilo diz: «C. C. B. possue essa original gravura.»

Deve ser a que vem reproduzida no *Perfil*.

Logo a seguir há uma referência ao palácio do duque de Aveiro, assim anotada: «Possuo o desenho deste palacio onde se hospedou Carlos 3.º»

Suponho que é aquele que aparece no *Perfil* com a legenda: *Palais du Comte d'Avero, à Lisbonne où Charles III a été Logé.*

Na 2.ª ed. do *Perfil* (1900) a gravura tem a legenda em português.

A pag. 353, fala-se duma comenda vaga por morte de Gregório de Castelo Branco.

Camilo emenda o nome introduzindo-lhe o apelido *Almeida* e anota: «Filho natural do ultimo conde de V.ª Nova de Portimão. Deixou uns legados á Misericordia de Barcellos.»

A pag. 356-357, o autor descreve minuciosamente a igreja da Memoria. Camilo comentou: «Que frioleiras.»

A pag. 361, Soriano procura ilibar os marqueses de Távora de responsabilidades no regicídio. Escreve Camilo: «Esta defesa prejudica o q̃. ha louvavel na vingança dos Távoras.»

A pag. 367, refere-se o autor aos receios que Pom-

bal tinha de atentados contra a sua vida, depois da execução dos fidalgos. Camilo confirma: «São notaveis as providencias q̃. se deram na segurança do rei e do ministro. Vej. os meus Mss. vol. em 4.º»

A pag. 388, diz Soriano que as causas da queda da Companhia de Jesus foram a animadversão criada pelos seus vícios e a inveja despertada pela sua omnipotência e que idênticas foram as causas da extinção dos Templários. Camilo comenta: «Asneira.»

A pag. 451, a propósito do facto de D. José, pela sua desconfiança, dar audiência ao povo, metido dentro duma grade ou teia, Camilo escreve: «depois de 1770 em conseq.ª da paulada q̃. lhe deram em V.ª Viçosa.»

A êste episódio da paulada já Camilo se referira na *Bordoada Sacrilega*, publicada a pag. 98 e seg. do *Mosaico* e reproduzida em 1909 no n.º 2 de *O Bibliophilo (miscelanea poética e literária)*, impresso no Pôrto.

Não sei se o artigo já tinha sido publicado antes de aparecer no *Mosaico*.

O assunto é tratado também no *Perfil*, no capítulo *Paulada e pedrada* (pag. 253 e seg.).

E' de notar que o caso da paulada não se passou em 1770, como Camilo diz na nota, mas em 1769, como se vê no *Mosaico* e no *Perfil*.

Na pag. 455, fala Soriano dum incidente entre o conde de Oeiras e o inquisidor geral. Camilo anotou: «Esta historia é m.to duvidosa.» A história prolonga-se até pag. 457 onde o autor fala da prisão do conde

de S. Lourenço e da do visconde de Vila Nova da Cerveira, que atribui a certas causas. Camilo corrige: «Foram outros os motivos. Veja Fr. João Queiroz. Pag. 131.» E' o mesmo lugar citado numa das notas de pag. 285.

A pag. 459, diz Soriano que o bispo do Grão Pará, saído do claustro agostiniano, foi mandado recolher ao convento de Leiria. Camilo riscou a designação da ordem e o nome da cidade e anotou: «benedictino foi recolhido em Alpendurada, chamava-se Fr. João de S. José Queiroz. Morreu logo.»

A êsse episódio da vida do bispo se refere Camilo a pag. 36 das *Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz*, e dele tratou também o sr. Alberto Pimentel no capítulo *O catre do bispo*, do seu livro *Peregrinações n'Aldea*, impresso em 1870. Êste livro foi reproduzido no 1.º vol. da *Seara em flôr* (1905), onde se encontra o capítulo a pag. 187 e seg.

Na pag. 464 o nome do Dr. Lucas de Seabra da Silva tem esta nota: «Foi o advogado q̃. defendeu a causa do ducado de Aveiro contra o marquez de Gouvea q̃. depois morreu duque no patibulo. O advogado a favor foi Alex.e de Gusmão.»

A pag. 487, falando das tropas inglesas que em 1762 chegaram a Lisboa, enumera o autor diversos regimentos e, entre êles, o *85 cujo comandante se ignora*; Camilo escreveu: «Duarte Smith.»

A pag. 537, termina o texto do 1.º vol. e nela se encontra a última nota de Camilo. E' a seguinte: «O conde de Lippe fugiu de Portugal receoso de um

fidalgo irmão de uma freira com q.^{m} o conde tinha relaçoens. Veja Etat of Portugal.»

Não sei qual é o livro citado, mas é bem possível que seja *The present state of Portugal*, de Andrew Halliday, que no catálogo da livraria de Camilo tem o n.º 578.

Não é de estranhar, porque a fantasia ortográfica de Camilo, como noutro lugar se verá, não se limitava a palavras portuguesas.

* * *

No 2.º vol. aparece a primeira nota no ante-rosto e diz: «Veja a *Nota final* q.^{to} aos amores senis do conde de Oeiras.»

Refere-se a nota ao que Soriano escreve a pag. 649, a respeito duma carta amorosa de Sebastião José.

Nessa pag. escreveu Camillo: «Nasceu em 1699 — foi conde de Oeiras até 1770. Deveria ter entre 60 e 70 annos p.^{r} que foi feito conde em 1759.»

O assunto vem tratado com desenvolvimento no *Perfil*, pag. 245 e seg.

A pag. 31, o autor depois de falar da lei pombalina que acabou com a distinção entre cristãos velhos e novos, cita o facto de um cristão novo, ao abrigo dessa lei, ter sido irmão da Misericórdia *onde já tambem estava um mulato.*

Camilo sublinha esta parte final e escreve à margem: «Pombal era neto d'uma preta.»

Esta nota tem ligação com uma outra escrita na

pag. 204, à margem dum documento que trata da genealogia dos Carvalhos da rua Formosa.

Diz o documento, a respeito dum Sebastião de Carvalho, 5.º avô do Marquês: «... era voz constante entre os contemporaneos do primeiro marquez d'este titulo... que este Sebastião de Carvalho nunca fôra casado, em razão de ser clerigo, accrescentando que de uma preta sua, por nome Martha Fernandes, tivera...»

A' margem escreveu Camilo a referida nota: «E' por isso q̃. os historiadores brazileiros (Vid. *Macêdo*) dizem q̃. o marquez de P. descendia de uma *brazileira*. Referem-se á preta.»

Na mesma página vem um soneto alusivo ao facto, que apareceu quando Pombal deixou de ser ministro, em 1777.

Camilo fez esta nota: «Parece ser de N. Tolentino o sonêto. Ha umas quintilhas impressas do Tolent. contra o Pombal... *cahido*.»

A pag. 179, escreveu: «Copiado textualm.^te^ da *Adm.^am^ do marquez de Pombal* livro anonymo.»

E' a mesma obra a que se referiu na guarda e na Pag. XIII do 1.º vol.

Nenhuma outra nota há no texto de Soriano, que acaba a pag. 192. Seguem-se os documentos e a êles respeitam as restantes notas.

A pag. 202, começa o já citado documento genealógico. Logo ao princípio se fala de *Payo de Carvalho*. Diz Camilo: «Payo de Carvalho era de Basto e ainda existem reliquias do seu solar.»

A pag. 205 aparece *Veronica Pinto, filha de Ayres Pinto da Fonseca.* Camilo rectifica: «asneira. Esta Veronica era filha de um cirurgião de Cernancelhe.»

Na mesma pag., na parte em que se trata dum Sebastião de Carvalho, casado em S. João da Pesqueira, escreve: «Tinham em Pesq.ra umas terras que o marquez vendeu á fam.a Paes de Sande e Castro.»

A pag. 206, fala o documento de *Gaspar Leitão Coelho, desembargador do Porto.* Emenda de Camilo: «Êrro. O Gaspar Coelho da genealogia era cirurgião em Cernancelhe.»

Cita-se também *D. Joanna de Mesquita de Lucena* e dela diz: «Esta era neta de outro Gaspar Leitão escrivão na V.a da Feira, e de Cicilia de Mello.»

Ainda nesta pag. se menciona, com o n.o 12, Sebastião de Carvalho e Mello, ao qual se refere esta nota: «Este S.am n.o 12 foi o q̃. primeiro litigou contra (?) Coelho a posse do vinculo de Montalvão.»

O ponto de interrogação substitui umas letras que não consegui entender, o que raras vezes acontece, tam clara e legível é a caligrafia de Camilo.

A pag. 207, diz-se de José Joaquim de Carvalho: «nasceu em 1703 ... morreu em um combate no anno de 1772.» Camilo comenta: «Aos 71 morrer em combate! Patranha!»

E' de notar que a conta não está certa, talvez por não ter sido feita a operação por escrito. Mais tarde encontrará o leitor a razão do que acabo de dizer.

Na mesma pag., D. Maria Madalena de Mendonça foi contemplada com esta nota: «Depois da queda do marquez houve m.^{tas} satyras contra esta freira devassa a q.^{m} chamavam M.^{a} *Merdanella.*»

A pag. 544, no final do acórdão que condenou o genovês João Baptista Pele, escreveu Camilo êste comentário: «Heroico caracter o de João Baptista Pelle! Este homem que forjou uma machina p.^{a} matar o Pombal, e tinha poderosos cumplices como se deprehende do depoim.^{to} do denunciante, soffreu todas as torturas imaginaveis até expirar sem delatar os seus cumplices! Ou elle foi um conspirador de extraordinaria probid.^{e}, ou morreu innocente, e sem cumplices no supposto crime.»

A êste caso se refere também no *Perfil*, pag. 269 e seg.

Com esta terminam as notas à obra de Luz Soriano.

Algumas há que não transcrevi por não oferecerem interêsse, umas por serem emendas de erros tipográficos, outras porque são apenas chamadas tendo por fim facilitar a procura de certos assuntos.

Nota a um livro de António Henriques Gomes

O livro é *El Siglo Pitagorico y la Viða ðe D. Gregorio Guaðaña*, impresso em 1644. Tem no catálogo da livraria de Camilo o n.º 1121 e a nota de *raríssimo*.

O exemplar pertence actualmente ao sr. Joshua Benoliel que gentilmente me permitiu que copiasse a única nota que Camilo nele escreveu.

A nota encontra-se na guarda. Aí se lê em letra de Camilo: «1.ª edição. Rara. C. C. Br.» E logo a seguir:

«Barbosa, na *Bibl. Lusit.*, julga portuguez Ant.º Henriques Gomes. Era de Segovia. O seu verdad.ro nome era Henriques da Paz. Foi queimádo em estatua em 1660. Era particular am.º de M.el Fernandes V.ª Real que a Inquisição queimou em Lisboa em 1652. Morreu em 1660. C. C. Br.»

Esta nota já foi publicada pelo sr. Álvaro Neves, na *Bibliografia Luso-Juðaica —Notícia subsiðiária ða colecção ðe Alberto Carlos da Silva*, trabalho inserto no *Boletim Bibliográfico* da Academia e do qual se fez uma separata, em 1913.

Ha nesta nota uma circunstância curiosa que o sr. Álvaro Neves não frisou, ao transcrevê-la.

Camilo escreveu primeiro que Vila Real fôra quei-

mado em 1648. Esta data foi depois riscada a lápis vermelho e do mesmo modo substituída pela de 1652. Por fim, foi a emenda feita a tinta, por letra que parece de Camilo, embora um pouco tremida e não com a firmeza do costume.

Efectivamente a rectificação deve ser do seu punho e não do de alguém que posteriormente possuísse o livro.

Digo isto porque no romance *O Olho de Vidro*, fala da morte de Vila Real *no anno de 1652.* O mesmo diz no *Cavar em Ruinas* e na nota que escreveu na pag. 44 do 1.º vol. do *Portugal e os Estrangeiros*, de Bernardes Branco, nota que foi publicada por Seromenho no n.º 1 do *Archivo Bibliographico* e mais tarde reproduzida pelo sr. Álvaro Neves no seu livro *Notas á Margem*, pag. 64 e 145.

No citado romance Camilo publicou em nota o acórdão que condenou Vila Real e que não tem data. Diz, porém, o romancista que êle foi *mandado á fogueira em dezembro de 1652.*

Agora o engano foi no mês. Em 1874, nas *Noites de Insomnia* (n.º 11) diz que o homem foi garrotado e queimado em 10 de Outubro de 1652, e nos *Narcoticos* (1882) voltou a referir-se a Vila Real, dando como data do suplício esta mesma, que é também a que nos dá Pinto de Matos no *Manual Bibliographico.*

Como se vê, nestes lugares e porventura noutros, aparece sempre o ano de 1652, o que mostra que a emenda da nota foi feita por Camilo.

Nos *Narcoticos* (I, 77 e seg.) fala também do autor de *El Siglo Pitagorico* e da sua mudança de nome — de *Henrique da Paz* para *António Henriques Gomes*.

Na nota, como se viu, diz que o primitivo nome era *Henriques da Paz*.

E' provável que, ao fazer a nota, tivesse transformado *Henrique* em *Henriques*, por ter acabado de escrever êste patronímico ao enunciar o nome adoptivo do judeu.

Diz também Camilo, no livro citado, que Vila Real casou com uma filha dêste Henrique da Paz, facto que certamente desconhecia ao escrever a nota em que, falando da amizade dos dois, nada diz de tal parentesco.

Parece que também o ignorava em 1874, quando nas *Noites* se refere ao casamento de Vila Real *com a filha de um portuguez opulento, israelita, escapulido ao santo officio*, de quem não diz o nome.

Esta informação colheu-a Camilo na *Histoire Secrète de Dom Antoine Roy de Portugal*, de Mad. de Saint'Onge, obra que cita nas *Noites* e nos *Narcoticos*.

Só neste último livro é que diz que a mulher de Vila Real era filha de Henrique da Paz, sem mais explicações.

Ainda nos *Narcoticos* diz que era também da família Paz o *Forra-Gaitas*, Francisco Gomes Henriques, garrotado e queimado em 1654.

Dêste homem fala com mais desenvolvimento no

Cavar em Ruinas. Aí diz que êle protegia em Lisboa uma francesa e duas filhas menores que Vila Real trouxera de Paris.

Nada diz, neste livro, do casamento, referindo-se apenas à família extra-matrimonial que o hebreu tinha trazido para Lisboa, tendo deixado a mulher em companhia do pai, Henrique da Paz, segundo os *Narcoticos*.

As notícias do verdadeiro nome do autor de *El Siglo Pitagorico* e da sua naturalidade, foram colhidas por Camilo nos *Estudos sobre os Judeus em Espanha*, de Amador de los Rios.

Como se vê, na nota e nos *Narcoticos*, perfilhou esta opinião, contrária à de Barbosa Machado que dá o israelita como nascido em Portugal.

Para fechar, chamo a atenção do leitor para a notícia seguinte, onde aparece *El Siglo* transformado por Camilo em *Cyclo*.

Notas a um livro do P. António dos Reis

Intitula-se o livro *Joanni V — Epigrammatum Libri Quinque*... e veio a lume em Lisboa, em 1728.

O exemplar pertenceu aos condes de Azevedo e de Samodães e foi arrematado no leilão feito recen-

temente, pelo meu amigo Dr. Jorge de Faria que, é claro, logo mo facultou para recolher as notas que Camilo nele escreveu.

Na parte interior da pasta da encadernação está escrito a lápis o seguinte: *Leilão de Camillo C. Br.co — Porto 1868 — C. — 1:240 rs.*

Mostra esta nota que o livro foi adquirido, provàvelmente pelo Conde de Azevedo, no primeiro leilão que o escritor fez dos seus livros.

Abre o volume com um *Enthusiasmus Poeticus* ocupando 71 páginas e seguido do *Index poetarum, de quibus mentio fit in hoc Enthusiasmo.*

A respeito de cada um dêsses poetas mencionados no *Enthusiasmus* fez o autor, ao fundo da página, uma breve nota com ligeiros dados bio-bibliográficos.

São 283 as notas, das quais Camilo, por sua vez, anotou algumas.

A maior parte das anotações camilianas são apenas a letra *T*, duas são *T.m.s* e uma é *T. alg.as*

Suponho que essas notas indicam as obras que Camilo tinha, todas as mencionadas, mais do que elas ou só algumas, em relação a cada autor.

Não as traslado para aqui por oferecerem pouco interêsse.

Transcrevo apenas as outras.

Na sua nota (32) refere-se o autor a António Henriques Gomes que é o escritor de quem tratei na notícia anterior a esta.

A' margem da nota escreveu Camilo: «Cyclo Pitagorico.»

E' de notar que o livro se chama *El Siglo Pitagorico.*

A nota (37) fala de António da Silva que escreveu *Nise lastimosa, y Nise laureada D. Ignes de Castro.*

Camilo anotou: «Dizem ser de Bermudez de Castro. E é m.^s q̃. provavel».

Creio que hoje já não há dúvidas a tal respeito, como nos ensinam a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos no seu trabalho *A Saudade Portugueza,* (1.ª ed., pag. 16) e o sr. Dr. Mendes dos Remédios no prólogo da sua edição da *Castro* de António Ferreira, feita em Coimbra, em 1915.

A nota (83) cita o *Panegyrico* de S. João de Deus, por Francisco Barreto Landim.

Camilo escreveu: «Ha outra vida de S. João de Deus p.^r Fr. Ant.^o de Gouvea, bispo de Sirene — o auctor da Viagem do Arcebispo».

A propósito de Fr. Luís de Sousa, na nota (95), escreve o autor: *scripsit carmina bene multa, quæ sparsa leguntur,* o que Camilo anotou assim: «Estas poesias foram colleccionadas na traducção da *Vida do Beato Suso*».

A nota (98) é consagrada a Vasco Mousinho de Castelo Branco, autor da *Vida, e Morte de Santa Isabel.*

Camilo escreveu: «Ha outra de Fernão Corr.ª de Lacerda, bispo do Porto».

E nada mais.

Notas a um livro de José Barbosa Canais de Figueiredo Castelo Branco

Intitula-se o livro *Estudos biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa*, e foi impresso em 1854.

O exemplar anotado, que tem no catálogo da livraria de Camilo o n.º 1109, pertence hoje ao sr. José Rodrigues Simões que teve a gentileza de mo facultar para dele dar notícia.

No frontispício tem a assinatura de Camilo e no verso do ante-rosto a nota do preço que o livro lhe custou — 3:600 rs.

Na pag. XI aparece a primeira nota camiliana. Escreveu o autor: «Estes deteriorados, pesaram cincoenta e cinco arrobas, e se pozeram á parte para se lhe darem o destino conveniente...» Camilo sublinhou *se lhe darem* e fez a emenda: «se lhes dar».

A segunda nota está na pag. 168, onde o autor se refere a Manuel da Cunha, bispo de Elvas. E' a seguinte: «Era irmão de Fr. Rodrigo da Conceição, frade capucho, de quem se conservam profecias sobre a restauração de Portugal em D. João de Bragança.»

Na pag. 226 escreveu Camilo a terceira nota, a respeito de Manuel Rodrigues Leitão, clérigo secular do Oratório de Jesus Cristo. Diz assim: «Emparcei-

rado com o p.^{e} Balthasar Guedes estabeleceu a roda dos Expostos no Porto, conseguindo que a Camara M.^{al} tomasse sobre si as despezas do estabelecim.^{to} »

A pag. 231, à margem da notícia do P. André Nunes da Silva, anotou: «Tenho deste padre — Varias poesias sacras e profanas — 1671 — 8.°»

Na pag. 308 diz o autor que Nunálvares *viveu em santo temor de Deos.* Camilo sublinhou estas palavras e comentou: «Existem docum.^{tos} no Archivo Municipal do Porto pouquissimo abonadores do *sancto temor* em q̃. vivia Nuno Alvares. D'elles se tira q̃. o fidalgo era, á semelhança dos seus coevos, um valentão que, á frente dos seus homens d'armas, levava tudo á bordoada, ou m.^{s} exactam.^{te} , á cutilada.»

A última nota diz respeito ao Marquês de Pombal e está na pag. 311.

Aí se refere o autor às provas de que Sebastião José pertencia à nobreza.

Camilo anotou assim a referência às provas: «Falsas. O ascendente mais graduado de Pombal, no seculo XVI, era um phisico ou cirurgião, chamado Mestre João de Carv.°»

Notas aos «Annaes de Elrei Dom João Terceiro», de Fr. Luís de Sousa

Desta obra publicada por Herculano em 1844, não vi o exemplar anotado por Camilo.

Publico as notas segundo a cópia que no seu exemplar fez o sr. José Rodrigues Simões, bibliófilo que põe as espécies da sua livraria à disposição dos estudiosos, como já se viu na notícia anterior.

Aqui se regista o facto, para exemplo...

No ante-rosto do livro (n.º 382 do catálogo do leilão) escreveu Camilo: «Foi do Visconde de Almeida Garrett — C. Castello Br.co» e, mais abaixo: «Estava por abrir na livraria do poeta. Não faria mal. Quem tiver lido Andr.e e Barros nada tem q̃. aproveitar d'esta leitura. Sente-se a friald.e dos 74 annos de Luiz de Sz.a»

Esta mesma opinião manifestou no *Curso de Litteratura*, pag. 69-70, a respeito dos *Annaes*: «A morosidade do estylo, e o desinteresse das narrativas já escriptas por outros historiadores com menos aparada penna, mas com mais vasta comprehensão politica — Francisco de Andrade, por exemplo, na chronica do mesmo monarcha, e João de Barros nas *Decadas* — abatem algum tanto o quilate da obra...»

Na *Advertencia preliminar* transcreve Herculano vários apontamentos do borrador de Fr. Luís de Sousa. Num dêsses apontamentos, a pag. XII, diz

êle que falou com o cronista-mór de Espanha, que, entre as pessoas saídas de Portugal, dava grande lugar a D. Leonor Mascarenhas, aia de Filipe II e do príncipe D. Carlos.

Camilo comentou: «Isto demonstra de q̃. vasta comprehensão da historia eram dotados taes chronistas. Fallar de D. Leonor Mascarenhas! Que facto tão transcendente!»

Na pag. seguinte, na carta do rei espanhol a Fr. Luís, fala-se duma crónica de D. João III recentemente impressa. Nota de Camilo: «a de Franc.º de Moraes.»

A pag. XV, diz o apontamento do autor: «Em 9 d'Agosto, deu-me Jeronymo Correa Baarem nesta casa de meu hirmão hum brazão d'armas, que foy dado a seu avô...» A' margem escreveu Camilo: «Este Jeronimo Corr.ª cuidava q̃. se fazia chronica de D João 3.º para fallar do brazão q̃. foi dado ao avô. E' por isto q̃. ninguem lê chronicas.»

A pag. 2, notou a expressão *deixou de lhe dar orelhas muytos dias* e fez uma chamada para a pag. 306, onde marcou esta passagem: «...o chamamento, que já por muytas maneiras nos sôa nas orelhas...»

Na pag. 3 diz o autor: «E passárão tanto adiante, que se pode crer fizerão enveja dentro no Inferno, ao enemigo do genero humano; porque no mesmo dia se armou no ar huma tormenta de agoas, trovões, rayos e coriscos...» e Camilo apreciou: «Tolice».

Na pag. 7 enumera Fr. Luís os mestres de D. João III. Camilo acrescentou: «Tambem teve como mestre de grego João Menelau, da Grecia.» A êste Menelau se refere também nos *Narcoticos* (I, 87-88).

Na pag. seguinte diz o autor que, quando João de Barros compunha o seu *Clarimundo*, o príncipe lhe tomava os cadernos e os ia emendando. Camilo anotou: «quer dizer — copiando».

Na pag. 68 fala o cronista de *Vicente Gil, filho de Duarte Tristão, tambem armador da sua nao.*

Camilo sublinhou estas palavras e, pelo livro fora, escreveu diversas notas a respeito dêste Vicente Gil, como vamos ver.

A pag. 177, onde novamente aparece o nome do homem, escreveu: «V. Gil 1526 — Era filho de Duarte Tristão».

A pag. 205, ao lado do nome dele: «V. Gil 1527».

Na pag. 306, só a data: «1540».

Na pag. 353: «A náo de Vicente Gil chamava-se *Graça*. Era propried.e sua.»

E logo a seguir: «1542 — O certo é que desde este naufragio nunca mais encontramos Vicente Gil na carreira da India».

Esta nota foi colocada na altura em que Fr. Luís diz que a nau de Gil se perdeu na costa de Melinde Ainda na mesma pag. há esta nota: «V. And.e T. 3.° pag. 393».

A pag. 433, na relação de naus que se perderam no caminho da Índia, observou: «Não menciona a

Náo Graça que se perdeu na costa de Melinde em 1542».

Finalmente, na guarda final do livro, escreveu «Vicente Gil — era dono da náo *Graça*. Armador é o mesmo que dono do navio.» E a seguir: «Naos em que foi Vicente Gil 1525, 1540, 1542». Nesta nota, e em relação ao ano de 1540, escreveu: «chegou da India», certamente em vez de «chegou à India».

Na pag. 303 termina a primeira parte do livro e na seguinte anotou Camilo: «Ha um grande vacuo entre a p.[te] 1.[a] e a 2.[a] que abrange 7 annos do reinado de D. João 3.[o]»

A pag. 326, falando do bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, diz o autor que êle viveu os seus últimos anos tam estimado na Itália *que o conde Balthesar Castilhone... só a Dom Miguel achou merecedor de lhe dirigir e encommendar a sua celebre e elegantissima escritura.*

Camilo emendou para *Castiglione* o apelido do conde e escreveu esta nota: «Li esta dedicatoria em q̃. nada diz dos meritos do bispo-cardeal. E encommendar é de mais. Nada lhe pede como o vulgar dos escriptores do seculo XVI aos Mecenas — C C. Br.[co]»

A pag. 352, no princípio do primeiro capítulo do Livro II, escreveu: «E' de suppor que Fr. Luiz de Sz.[a] seja mais veridico q̃. Feo de Moraes porque, á vista da chronica já impressa, escreveu a sua corrigindo os erros da outra á face de docum.[tos]»

Na pag. 364, a frase *nos fazia as espaldas seguras*, foi assim anotada: «Guardar as costas».

A pag. 371 encontra-se o índice das memórias e documentos citados por Fr. Luís de Sousa.

Entre êles mencionam-se seis livros do conde da Castanheira. A' margem escreveu Camilo: «F. Palha», certamente referência a Fernando Palha.

Na mesma pag., ao lado do nome de Agostinho Manuel: «foi degolado no tempo de D. João 2.º»

Na pag. 397, fala-se do cristão novo Duarte da Paz que foi apunhalado em Roma. A passagem foi marcada por Camilo que ao caso se refere nos *Narcoticos* (I, 63 e seg.)

Nessa mesma pag. se alude ao hábito que trazia aquele Duarte. Camilo sublinhou *hábito* e explicou: «de Christo».

Na pag. 443 aparece a última nota, junto a uma referência ao Comendador-mor da Ordem de Cristo, que em Outubro de 1554 estava em Roma. Camilo escreveu-lhe o nome: «D. Affonso de Lencastre».

Notas a «O crime do Padre Amaro», de Eça de Queirós

Vai esta notícia fora do lugar que de direito competia ao autor do livro. Mas não fui eu o culpado.

Ia já bastante adiantada a impressão dêste livro quando, casualmente, o meu prezado colega e amigo Dr. Vaz Ferreira me disse que possuía as duas primeiras edições do *Crime*, anotadas por Camilo, e que estavam à minha disposição. No mesmo dia fui a casa do meu amigo e copiei as notas, felizmente ainda a tempo de as incluir no grupo dos escritores portugueses que neste meu trabalho precedem os estrangeiros.

O Dr. Vaz Ferreira tem, como disse, as duas primeiras edições do romance, a de 1876, a que o autor chamou *definitiva*, em relação à versão publicada no ano anterior na *Revista Occidental*. e a de 1880, *nova edição, inteiramente refundida e recomposta*.

Ambos os exemplares pertenceram a Camilo, tendo no catálogo do leilão, respectivamente, os n.os 1446 e 1447.

No primeiro há uma única nota, a pag. 63, na frase: «Houveram algumas risadas.»

Camilo sublinhou o verbo e pôs à margem um ponto de admiração. E' de notar que algumas vezes Camilo empregou aquele plural em condições idênticas.

Neste mesmo ano de 76, em carta a Ouguela, publicada em parte pelo sr. Dr. Teófilo Braga, dizia Camilo: «Já lêste *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiroz? Li alguns capitulos na *Revista Occidental*, e achei excellente. Vi annunciado agora o romance em livro. Esse rapaz vem tomar a van-

guarda a todos os romancistas. E' um admiravel observador, e com quanto faça pouco caso das immunidades da lingua, tem arte de fazer admiraveis defeitos.»

Noutra carta, sem data, mas com certeza pouco posterior àquela, escrevia: «Estou lendo o romance, que é bastante diverso do que eu lêra na *Revista Occidental.* Tem admiravel paciencia de observação plastica; mas dentro dos tecidos musculares, figura-se-me que vê mal. Quanto á linguagem, ás impropriedades, reflexo de Flaubert, não as estranho nem as abomino; o que me escandalisa são os velhos erros de grammatica e os barbarismos, que não usam os satanicos francezes na sua lingua. Este livro seria quasi perfeito se o Eça conhecesse a lingua um pouco estafada e gordurosa de Luiz de Sousa.»

E' curioso que, estando a ler o livro e encontrando nele aqueles erros e barbarismos, apenas anotasse o *houveram.*

No exemplar da 2.ª ed. é grande o número de notas.

A primeira aparece logo no ante-rosto: «3.ª leitura em 1882. Este romance, na 1.ª edição, leu se com prazer; na 2.ª com algum fastio. O autor para comprazer com a socied.e burgueza creou o episodio do padre bom q̃. não tem cor alguma, e p.ª se affirmar zolaista fez a filha do sineiro que é infadonha e inverosimil. C. Cast.º Br.»

Na pag. 57, traduziu os dois versos inglezes:

«Parece a aldeia adormecida e morta
Quando Lubin se auzenta».

A pag. 66, diz o cónego Dias que, em 1846, era cura de Santo Ildefonso, no Pôrto. Camilo anotou: «S.to Ildefonso é abbadia. O abbade em 46 era um Guim.es irmão do conde do Bulhão.»

Na pag. 134, fala-se da tentação de Santo António no deserto. Emendou: «Antão».

Nas pag. 209-210, marginou a carta de Amaro e comentou, no princípio: «Tola coisa», e mais adiante, ao período: «Se tu soubesses como eu te quero, querida Ameliasinha, que até ás vezes me parece que te podia comer aos bocadinhos!», fez esta apreciação: «Parva inverosimilhança».

A pag. 220, onde Eça fala do secretário geral de Leiria, explicou: «Allusoens ao D. Antonio da Costa de Sz.a de Macedo».

A pag. 229 aparece um *prevêra* que provocou um ponto de admiração e esta nota: «*Prever* conjuga-se como *ver*. *Previra*».

Devo dizer que na 4.a ed. do *Crime* (e talvez na 3.a, que não tenho) o verbo está devidamente conjugado.

Na pag. 243, no diálogo de João Eduardo com Amélia, marginou a parte final, desde a frase *Havemos de nos dar muito bem*... até a entrada da S. Joaneira, e escreveu: «Tolice».

Na pag. 248, Amaro pensa *que podia ser bispo, que podia ser Papa*. Camilo sublinhou esta última

parte e notou: «Ignorancia. Papas so podem ser os padres italianos».

A pag. 260, ao lado do nome do barão de Via-Clara, explicou: «referencia ao barão de Via Monte». O mesmo fez na pag. 346: «allusão ao barão de Via Monte».

Na pag. 370, diz o cónego: «...se me atirarem um bofetão á face direita... Emfim, são ordens de Nosso Senhor Jesus Christo, offereço a face esquerda. São ordens de cima. Mas depois de ter cumprido esse dever de sacerdote, oh, senhoras, desanco o patife!»

Camilo escreveu ao lado: «Anecdota acontecida com um egresso em 1837 em Lisboa.»

A última nota foi escrita no fim do livro, pag. 674. E' esta: «Admiravel. Obra prima q̃. hade resistir como um bronze a todas as evoluçoens destruidoras das escolas e da moda. C. C. Br.º»

Assim terminam as interessantes notas e devemos reconhecer que fecham com chave de oiro, bem mostrando o espírito de justiça de Camilo.

Para terminar, permito-me chamar a atenção dos leitores que queiram conhecer as relações entre os dois romancistas, para o capítulo respectivo do livro *Eça de Queiroz*, do sr. Dr. António Cabral, onde, além de valiosas indicações bibliográficas e doutras, se encontram as notas que Camilo escreveu no seu exemplar da *Reliquia*, já anteriormente publicadas, em parte, no *Camillo de Perfil*, do mesmo autor que tam escrupuloso é nos seus trabalhos e que

muito tem contribuído para o estudo da figura de Camilo.

Notas a dois livros de Pedro Ivo

Com o n.º 1452 figuram no catálogo do leilão da livraria de Camilo, formando um lote, três livros de Pedro Ivo: *Contos*, *O Sello da Roda* e *Serões d'Inverno*.

Pertencem hoje ao meu amigo Dr. Vaz Ferreira, a quem me referi na notícia anterior.

Só dois, *Contos* e *Serões*, estão anotados, e em todos há a dedicatória do autor a Camilo.

Os *Contos* foram publicados em 1874, ano em que saíam as *Noites de Insomnia*. Certamente por êsse motivo a dedicatória diz: «Ao Ex.^mo Snr. Camillo Castello Branco — (Contra insomnias) — Recipe: *(aqui a palavra* **Contos**, *impressa no ante-rosto)* — Off. o autor».

Camilo leu a obra e parece que não lhe produziu efeito a terapêutica porque na pag. 266, última do livro, escreveu esta nota: «E' um bello e honrado livro este. Seide 21 de junho de 1874. Camillo Castello Br.»

Nos *Serões*, publicados em 1880, escreveu por baixo do pseudónimo o nome do autor — Carlos Lopes.

No verso do ante-rosto pôs a única nota: «E' um bom livro; mas... veio depois do *Primo Basilio.*»

Notas a um folheto de Filinto Elísio

Compõe-se o folheto de duas partes. A primeira é a tradução em versos portugueses do poemeto *Vert-Vert*, de Gresset; a segunda é uma *Miscellanea*, constituída por epigramas, odes e outras composições de Francisco Manuel do Nascimento.

O título do folheto, que foi impresso em Paris, em 1816, é o do poemeto traduzido.

O exemplar anotado figura no catálogo da livraria de Camilo com o n.º 654, e pertence actualmente ao sr. coronel Azevedo e Silva que teve a gentileza de mo confiar para fazer esta notícia.

No verso do ante-rosto tem a rubrica de Camilo, a nota de «Raro» e ainda esta: «Harrisson — Pensilvania — Estatua de F. E.»

Na pag. 6, nos versos:

> ......Espelhos tam fieis compétem
> A compor véos, que a pôr rebiques, rendas.

sublinhou o *que* e escreveu ao lado: «como».

Na pag. 8, diz Filinto:

> Não como esses altivos Papagaios,
> Que loureiros formou muito ar mundano;

Camilo sublinhou *loureiros* e anotou: «Loureiras, em bom portuguez, *putas*.»

Em nota, Filinto adverte que D. Francisco Manuel

de Melo, na *Carta de Guia de Casados*, chama *loureiras* ao que os franceses chamam *coquettes*. Camilo marcou a nota com um *N*.

Vem a propósito dizer que o *Dicionário* do sr. Dr. Cândido de Figueiredo abona o termo com três autoridades: D. Francisco Manuel, Filinto e Camilo, citando, dêste, o *Regicida*, pag. 47 da 1.ª ed.

A pag. 13, os versos:

> Em quanto em ócio triste me amarguro,
> Triste, incógnita, e sem nenhum consôlo,
> Neste forçado exilio, ao desamparo.

foram marcados com esta nota: «Imitado p.r A. Garret no *Cam.*»

Suponho que a nota se refere a êstes versos do canto V do *Camões*:

> Desamparou-me! — Triste e sem confôrto
> Fiquei so, n'este valle de amargura.

Na pag. 14, escreveu Filinto: *Lançado é o dado*. Camilo anotou: «Jacta est alea».

A pag. 17, diz o tradutor *pia benta*, explicando em nota que isso quere dizer *pia de água benta (bénitier)*. Camilo comentou: «Má versão».

Na pag. 18, cortou o último *i* em *fizesteis*.

Na seguinte sublinhou o verso:

> Fez puto o coração, puto o talento

e apreciou: «Máo gosto».

Na pag. 24, em *Antichristo*, substituíu por *e* o primeiro *i*.

Na pag. seguinte, no verso:

> Sór que aðvogue por ti lá não ðeparas

sublinhou *não ðeparas* e notou: «erro m.^to^ seguido».

Mais adiante (pag. 40), diz Filinto em nota: *nunca ðeparo com esta Fabula...;* Camilo tornou a sublinhar e escreveu: «erro repetido a pag. 25».

Na pag. 37, traçou a palavra *chambão* e escreveu à margem: «Achamboado, mazorro, lerdo».

Na mesma pag. marcou *culatraes caraças* e pôs esta nota: «cara m.^to^ grande, enorme, *culatral*».

Na guarda final do livro fez uma chamada para esta pag. 37, com as palavras: «caraça collatral», grafando o adjectivo tal como aí fica transcríto.

Na pag. 38 marcou êstes versos que escreveu, tambem na guarda:

> O que Jove gaiteiro outórga ao Môno
> Trombuðo o néga ao Burro.

A pag. 47, marginou os versos:

> Para quanðo os feijões reservo, e as fávas?
> Senão para os Aðeos aos táes Casmurros?
> Pythagoras ð'avêsso, hei-ðe atulhar-me
> D'elas, trez ðias antes:
>
> E vóto a Apollo, em ðaqui sahinðo,
> (Dia ðe ouro!) arrumar-lhes tal estronðo
> Tal incenso bufar-lhes, que se lembrem
> Da minha ðespeðiða.

Ao lado fez êste comentário: «Fino gosto».

Na pag. 50, a propósito da expressão filintina *surriso vermelho*, notou: «Vejam a antiguidade dos *sorrisos vermelhos*. G. Junq.^{ro} tratou dos *sorrisos vermelhos* como de coisa do novo Ideal, e justifica a phraze como *innovação* necessaria.»

E' na carta-prefácio das *Caricaturas em Prosa*, de Luís de Andrade (Pôrto, 1876), que Junqueiro, falando da necessidade de adjectivar com precisão, apresenta varios exemplos e, entre êles, o do *riso vermelho* (não *sorriso*, como disse Camilo).

Na pag. 52, num epicédio à morte de Bocage, põe Filinto como epígrafe êstes versos do poeta:

> Saudade perennal geme, e avalia
> Thesouro, de que é cofre a sepultura.

Camilo anotou: «No prado do Repouso (Porto) lê se este epitaphio na sepultura do suicida Jorge Arthur de Oliv.ª Pimentel».

A êste caso do romântico suïcídio de Jorge Artur, se refere Camilo em diversos livros. Lembro-me agora dos seguintes: *As Tres Irmans* (pag. 12-13), *Cousas Leves e Pesadas* (pag. 228-229), *A Mulher Fatal* (pag. 42-43) e *Obolo ás Creanças* (pag. 168).

Na pag. 53 sublinhou esta passagem que copiou no fim do livro:

> . . . . E a Morte é mais medonha
> Pensada, que sentida.

Além das notas que ficam transcritas aparecem no folheto muitas expressões simplesmente sublinhadas e outras também repetidas na guarda da encadernação, com indicação das paginas em que se encontram.

Estas são as seguintes: *avoengos carcomidos* (pag. 51), *gafos gaiatos* (pag 23), *aranzel garoto* (pag. 20), *chascos marujos* (pag. 23), *de çafia condição* (pag. 24), *marrafões, relamborios* (pag. 46), e ainda outras.

Das apenas sublinhadas citarei estas: *recacho* e *desplante* (pag. 16), *balborda* (pag. 16 e 22), *chula* e *nervudos* (pag. 17), *de escacha* e *esperança fementida* (pag. 19), *tunante* e *serodeos annos* (pag. 20), *azoada, descocado, moquenco* (pag. 22), *pôz á curta* (pag. 23), *se embetesga* (pag. 25), *engrilla, baldões, casquilhorias* (pag. 37), *desgarre* (pag. 38), *embatucou, esquadrinhar* (pag. 41), *espinicar* (pag. 44), *arranhadores* e *estourazes* (pag. 46).

Nota às «Historias Brazileiras» de Sylvio Dinarte

Pertence também o exemplar anotado ao Museu de João de Deus. *Sylvio Dinarte* é pseudónimo do escritor brasileiro A. d'Escragnolle Taunay. O livro

foi publicado no Rio de Janeiro, em 1874. No fim do volume escreveu Camilo esta nota: «E' permittido descrer que o Brazil venha a possuir uma litteratura e uma linguagem joeirada de ridiculos neologismos, arranjados acintem.[te] pelos escriptores para se darem uns ares autonomicos. Este auctor é m.[to] considerado entre os sabios brazileiros, e legisla sobre a arte de escrever. Escreveu ultimam.[te] contra a eschola realista. Zola levou.»

Notas à «Histoire des Douze Césars», traduite du latin de Suétone, par J. F. de Laharpe

O exemplar é da edição da Bibliothèque Nationale, em 2 volumes, datada de 1865. Pertence ao meu colega Dr. Emídio Mendes que o adquiriu no leilão do falecido livreiro Caldas Cordeiro e que mais uma vez me provou a sua boa e velha amizade pondo o livro à minha disposição para publicar as notas.

No frontispício tem a rubrica *C. C. B.*, por letra de Camilo. Na guarda da encadernação aparece a primeira nota: «Os imperadores romanos foram 65 — *(palavras riscadas)* — A republica terminou no anno 45 antes de Ch. e Julio Cesar pereceu no anno 44. Mas J. C. foi chamado imperador.»

No verso do frontispício encontra-se a segunda

nota: «Suetonio é um bom historiador, se o expurgarem das crendices em agouros e em aruspices. Q.to a crer em deuses não era mais piedoso q̃. os seus confrades da historia romana. Um atheu sem disfarce.»

Na pag. 17 sublinhou o nome *César* e anotou: «*Elefante* em lingua punica.»

Na pag. 51 marcou com um traço êste trecho: «Jamais aucun présage ne changea ses desseins ou ne les retarda; quoique la victime du sacrifice eût échappé au couteau, il ne laissa pas de marcher contre Scipion et Juba. Il tombe en sortant du vaisseau, et tournant cet augure en sa faveur, il s'écrie: *Je te tiens, Afrique.*»

A' margem anotou: «Espirito superior. Vej. a sua arenga no senado a favor dos conjurados de Catilina em Sallustio.»

Na pag. 54, junto ao texto: «Acilius, dans un combat naval, saisit un vaisseau ennemi de la main droite; on la lui coupe; il s'élance dans le vaisseau, combattant de la gauche avec son bouclier...» escreveu Camilo: «Duarte de Alm.da na batalha de Toro.»

Na pag. seguinte sublinhou o nome de Hyempsal e ao lado notou: «irmão de Jugurtha rei da Numidia.»

Na pag. 57 marginou esta passagem: «Appelé en témoignage contre Publius Clodius, amant de sa femme et accusé de sacrilège, il répondit qu'il ne savait rien, quoique sa sœur Julie et Aurélie sa mére

eussent déjà déposé la vérité ; et comme on lui demandait pourquoi donc il avait répudié sa femme, «Parce qu'il faut, répondit-il, que ce qui m'appartient soit exempt de soupçon comme de crime». Ao lado escreveu: «um corno delicado.»

Na pag. 59, o trecho: «Il en vint à ce point d'audace de dire à un augure, qui lui annonçait comme un mauvais présage, qu'on n'avait point trouvé le cœur de la victime, «qu'il rendrait les présages heureux quand il lui plairait, et que ce n'était point un prodige si une bête n'avait point de cœur...» foi assim comentado: «Esp. sup.»

Na pag. 62, onde o historiador se refere ao chôro dos cavalos, pôs Camilo esta nota: «Na Iliada choram os cavallos; e tamb.^m^ choraram os cavallos de Cezar.»

No 1.º volume não há mais notas. Apenas em diversas páginas estão marginadas a traço algumas passagens, mas sem comentários. No 2.º volume há só uma nota. E' na pag. 63, junto ao nome de Nero e diz: «*Valente* — na lingua dos sabinos.»

Notas a dois livros de Philarète Chasles

Os exemplares que foram de Camilo e que êle anotou copiosamente, fazem actualmente parte da minha colecção.

O primeiro intitula-se *Études sur W. Shakspeare — Marie Stuart et l'Arétin.*

A edição é de Paris e, segundo o sistema francês, não tem data, mas o prefácio tem a de 20 de Outubro de 1851.

E' no fim dêste prefacio (pag. IV) que aparece a primeira nota que é a seguinte: «Perdeu grande parte do merecim.^{to} p.^{r} causa do seu cosmopolitismo. Quiz abranger synchronicam.^{te} todas as litteraturas, sem reserva das q̃. ignorava. Com referencia á peninsula disse grandes inepcias, q̃. os seus admiradores deixaram passar nas tralhas da propria ignorancia a resp.^{to} de Espanha e Portugal. Ph. Chasles morreu em 1874 em Veneza com mais de 70 annos de ed.^{e}»

Na pag. 1 começa a primeira parte do livro, a que trata de Maria Stuart e aí escreveu Camilo: «O q̃. nesta biographia offende o caracter de Mery Stuart está corrigido por um biographo posterior e melhorm.^{te} informado Mr. Wysener — professor de Historia no collegio de S. Luiz.»

E' de notar que o nome *Mery* foi primeiro escrito — *Marie* — e depois emendado para aquela grafia.

Na pag. 3, a passagem: «... entourée d'hommes sauvages, qui poignardent son ministre dans ses bras» tem sublinhadas as palavras *son ministre* e a seguinte nota: «era simplesm.^{te} *secretario de gabinete.*»

Na mesma página, à margem da frase: «elle tend au bourreau sa tête royale et catholique, qui n'a pas

plié devant sa rivale», lê-se a nota: «Inexactidão», referida às palavras *pas plié* que estão sublinhadas.

Na pag. 5 Camilo marcou o palavra *manants* e anotou: «palavra transferida p.ª portuguez em *moinante*.»

Na pag. 8, marginando os períodos em que o autor fala de Catarina de Médicis, encontra-se a nota: «Que collecção de infames reis nesta epoca: C. de Med., Elisabeth, Filippe 2.º, João 3.º».

Na seguinte está sublinhada a palavra inglesa *headstrong;* à margem: «obstinação.»

Na pag. 12, no período: «Pour résister aux deux colosses mus par ces deux femmes, (Cathérine de Médicis et Élisabeth d'Angleterre) elle n'a que des amants volages ...», Camilo sublinhou *amants volages* e escreveu: «Calumnia. Para atacar tão cruelm.te Isabel, Maria devia estar izenta e superior á retaliação.»

Na pag. 22, onde o autor diz: «Elle commence par prendre, de l'aveu de son oncle, les armoiries d'Élisabeth.» sublinhou *les armoiries d'Élisabeth* e anotou: «Fundada na nullid.e do casam.to de Henrique 8.º com Anne Boleyn de q̃. Isabel era f.ª»

A pag. 24, o autor divaga sôbre poesia e poetas, Camilo escreve: «Mas onde está um poeta? Será Goethe? Será Hugo? Os q̃. não são isto, são os ebrios, os desgraçados como Espronceda e Musset.»

E' de notar que no trecho das *Vaidades*, atrás transcrito, na parte dêste trabalho relativa a Antero, também aparecem juntos Espronceda e Musset.

Na pag. 27, onde se trata da viagem de Maria Stuart para a Escócia, está esta nota: «Neste trajecto p.ª a Escossia pode evitar a esquadra de Isabel q̃. a mandava prender. Vej: Wysener.»

Na seguinte, onde Ph. Chasles transcreve uma passagem de Knox, Camilo anotou: «Este dialogo parece invenção do author. Máo gosto. O que se lê em Knox faz grande differença.»

A pag. 29, as palavras *such stomach* estão assim traduzidas: «tal bôjo.»

Na pag. 33, o autor traduz *yonder long lad* por *le long garçon.* Camilo notou: «mal vertido.»

Na mesma página, escreve Philarète: «Avant la célébration, le beau Darnley est attaqué de la petite-vérole; Marie Stuart, qui est déjà sa fiancée...». Camilo sublinha as últimas palavras e emenda: «Ja estava cazada clandestinam.te Vej. Wysener.»

A pag. 39, escreve o autor: «Arrivée em Écosse, elle blesse le génie puritain d'un peuple moitié barbare et moitié féodal. Environnée de nobles ambitieux et sans scrupule, elle choisit pour premier appui un enfant faible, incertain, corrompu et méprisable. Fatiguée de lui, elle va s'attacher bientôt, avec la même ardeur, à un sauvage couvert de sang, haï de tous, et le représentant le plus féroce de cette terrible aristocratie.» Camilo traçou êste último período e escreveu: «controvertido.»

Na pag. seguinte assinalou êste trecho «... le meilleur roman n'est qu'un lambeau d'étude psychologique arraché à l'histoire humaine.»

A pag. 43, emendou, na data *6 mars 1565*, o ano para 1656, escrevendo ao lado: «Data errada. Diz a p. 39 q̃. ella cazara em 29 de Julho de 1565.»

Na pag. 44 fez emenda idêntica.

A pag. 51, anotando a narração de certas questões entre a Stuart e Darnley, seu marido, e da sua reconciliação, escreveu: «Wysener diz q̃. elles se harmonisaram sinceram.^te neste ensejo».

Na pag. 54, pregunta o autor se as cartas de Maria a Bothwell, impressas por Buchanan, serão verdadeiras. Camilo responde: «Cartas forjadas p.^r Buchanan.»

Na mesma página traduziu a palavra *lunt*: «morrão ou rastilho.»

Na seguinte, ao descrever o assassínio de Darnley, escreve Philarète Chasles: «A' ses habitudes de débauche avait succédé une dévotion timide; il répétait en se couchant le cinquante-cinquième psaume qu'il chantait d'une voix dolente. Son page Taylor s'endort auprès de lui sur un coussin; un bruit de clés éveille le malheureux Henri qui jette sa pelisse sur ses épaules nues et descend l'escalier.»

Camilo marcou êstes períodos e escreveu: «Q.^m presenciou este facto?»

A pag. 57, traduziu por *devassai* o primeiro verbo da frase «Reveal and revenge!»

O autor, descrevendo a prisão de Maria Stuart, escreve, a pag. 68: «Le matin elle voit encore, à travers les barreaux de sa fenêtre, la bannière accusatrice suspendue en face de ses croisées; raffine-

ment d'habile cruauté, que le génie humain sait reproduire à toutes les époques, chez tous les peuples, envers toutes les victimes, innocentes ou coupables. Ce besoin infernal de faire saigner la victime, cette jouissance cherchée dans l'agonie d'une créature misérable...» Nota de Camilo: «As scenas de Belem na morte dos Tavoras.»

A pag. 71, emenda *1558* para *1568* e escreve: «Quasi todas as datas são falsas, e significativas de q̃. o auctor estava pouco repassado e seguro da obra q̃. escrevia.»

Na pag. seguinte Ph. Chasles escreve *clarificateur de l'histoire*, traduzindo *clarifyer of history*. Camilo emenda: «illucidador.»

A pag. 75 diz o autor: «La Saint-Barthélemy eut lieu. Tout le Midi tressaillit de joie. Le Vatican se para de fleurs et s'illumina de cierges.» Nota de Camilo: «Em Lx.ª houve festas religiosas em que orou o celebre Fr. Luiz de Granada.»

A pag. 80, diz o autor: «En 1574, treize années avant la mort de Marie...» e Camilo escreve: «Foi decapitada em 1587. Vej. Hume e Lingard.» Como se vê, a nota apenas confirma o texto, não se compreendendo a sua utilidade e, menos ainda, a citação dos dois autores.

E' esta a última nota da primeira parte do livro.

Antes de passar à segunda parte, quero notar um facto curioso.

O biógrafo a que Camilo se refere na nota da pag. 1, deve ser *L. Wiesener*, autor do livro *Marie Stuart*

et le Comte de Bothwell, que aparece no catálogo do leilão da sua livraria com o n.º 417. Deve ser aquela a grafia correcta do nome do escritor. Todavia, Camilo nas notas em que o cita, escreveu-lho de quatro formas diversas: *Wysener*, *Wiysener*, *Wysinner* e *Wiysiner*.

Na transcrição que fiz empreguei em todas as notas a forma que Camilo usou na primeira citação, porque me pareceu preferível fazer esta observação em separado para bem frisar a fantasia do escritor que ao apelido do biógrafo citado deu quatro grafias diferentes e nem uma só vez a verdadeira. Como se vê, em materia de ortografia, as línguas estrangeiras mereciam-lhe tanta consideração como a nacional.

Passemos agora à segunda parte do livro.

A pag. 83, principia essa parte, consagrada a Shakspeare. Logo na primeira página de texto anotou um trecho em que o auctor, referindo-se a Payne Collyer e à sua *History of the English Stage*, diz: «Ces trois volumes représentent á mes yeux *l'antiquaire* complet: um grand homme sec, lunettes sur le nez, l'air pincé, flairant un manuscrit, se délectant d'un vieux parchemin, front ridé, tempes dégarnies, fluet et impalpable; une date plutôt qu'un homme, un chiffre plutôt qu'un vivant; le docteur Dryasdust de Walter Scott. Il y en a, comme cela, un par ville d'Europe tant soit peu considérable.»

E' esta a nota: «o abbade de Castro, em Portugal.»

A pag. 90, diz diz Philarète: «Le même Shakspeare trouve dans la *Diane de Montémayor* ses *Deux Genthilshommes de Vérone.*» Camilo escreve à margem: «Jorge de M. — portuguez.», depois de sublinhar *Montémayor*.

Vem aqui a propósito dizer que ao mesmo facto se refere o sr. Dr. Ricardo Jorge, a pag. 234 do seu belo trabalho sôbre Rodrigues Lôbo.

A pag. 92, Camilo marcou com um traço as palavras: «Dans les décadences littéraires on prend pour inventeurs ceux qui, poussés par une certaine ardeur de sang et une certaine fougue de paroles, déplacent les mots et les images, et croient avoir fait voyager les idées».

O autor, a pag. 105, diz que, para o gôsto do público da época, Shakspeare, entre os dramaturgos contemporâneos, *n'obtenait que le sixième ou le septième rang*. Camilo diz: «Falso.»

Na mesma página Philarète traduz *lastly* por *en dernier lieu*. Camilo rectifica: «p.r fim não q.r dizer em ultimo logar.»

A pag. 109, marcou com um B esta passagem: «Courage! soyez homme, le malheur vaut son prix: il force la vertu à se montrer quand elle se cache; il ranime l'énergie en secouant l'âme, comme la main agite un parfum pour en accroître l'odeur.»

A pag. 111, marcou de igual modo estas frases: «Enfants, enfants! que de larmes quand vous naissez! et comme vous ouvrez le tombeau des mères!»

Ambas estas falas são da tragédia de Webster,

Victoria Corombona, de que Philarète publica um excerto.

A pag. 143, marcou também Camilo esta frase: «En amour, les plus heureux sont les plus malheureux.»

Ainda a pag. 148 se encontra marcada à margem outra passagem, esta de Masaccio de Salerne. E' a seguinte: «Que Dieu m'écrase si chacun des faits que je vais vous dire ne m'a pas été rapporté comme véritable; je ne raconte pas des fictions vaines mais des histoires réelles.»

A pag. 152, o autor, ocupando-se do *Romeu e Julieta*, fala do drama de Lope de Vega sôbre o mesmo assunto. Camilo nota: «O mais consolador desenlace do conto é este de Lope de Vega.»

Na página seguinte traduz *poule mouillée* por *covarde*.

A pag. 160, termina o capítulo sôbre *Romeu e Julieta*. Nessa página escreveu Camilo duas notas que não sei a quem se referem.

A primeira é a seguinte: «DM. Repassado dos amores romancicos (*sic*) de Shask. Tinha visto representar Julieta e R., etc. Conhecia talvez pessoalm.te o auctor, mais velho do q̃. elle quatro annos.»

A segunda, que parece ser um complemento da primeira, diz: «Tinha-o conhecido no seu prim.ro periodo dramatico, todo amor e galanteria ainda não gravido (repleto) da sentenciosa philosophia que lhe incutiram, no segundo periodo da sua obra gloriosa as versões de Montaigne e de Plutarco.»

A palavra *repleto* está escrita sôbre o têrmo *gravido* que parece ter sido riscado.

A pag. 162, fez esta operação aritmética:

$$\begin{array}{r} 1568 \\ - \underline{1597} \\ 0029 \end{array}$$

Parece que Camilo não tinha facilidade em fazer cálculos mentais, pois em muitos dos seus livros aparecem escritas operações extremamente simples, como a que aqui fica reproduzida. Citarei alguns casos.

Na colecção de notas que o sr. Álvaro Neves reüniu, figuram duas. Uma é uma subtracção tam simples como a que transcrevi; a outra é uma multiplicação de 900:000 por 400. No artigo *Notas Camilianas* que Albino Forjaz de Sampaio escreveu na *Luta* e reproduziu no *Jornal de um rebelde*, encontra-se outra, também uma subtracção da maior singeleza.

Em outro livro anotado por Camilo, encontrei o seguinte: «Q.^{do} sahiu Camões p.^{a} Africa — 1550 ou 51. P.^{a} a India ?» e, a seguir, esta operação:

$$\begin{array}{r} 1553 \\ \underline{1524} \\ 0029 \end{array}$$

Como se vê, é igualmente simples a operação des-

tinada a achar a idade do poeta ao partir para o Oriente.

Na guarda do opúsculo de Fr. Joaquim de Santa Clara, a que já me referi, aparece também uma subtracção para achar a diferença entre 1740 e 1818.

Na obra de Luz Soriano, de que já me ocupei, encontra-se também (1.º vol., pag. 460) uma operação idêntica para obter a diferença entre 1703 e 1760.

Na obra de Costa e Silva que Camilo anotou e que está na Biblioteca da Universidade, lá encontrou o Dr. Teixeira de Carvalho algumas operações bastante fáceis por serem de numeros redondos.

No livro de Philarète Chasles, de que adiante me ocuparei, aparecem também duas do mesmo género.

O facto é, pelo menos, curioso. Aqui fica registado para que os competentes tirem conclusões, se fôr caso disso.

Continuemos com as notas.

Na pag. 169, onde o autor fala do *Amour perdò ses peines,* Camilo escreveu à margem: «Love's labour's lost.»

Na página seguinte sublinhou *l'aimable philosophe de Chéronée* e anotou: «Plut.», e o mesmo fez ao nome de Amyot, escrevendo ao lado: «Trad. de Plut.»

A pag. 171, o autor diz de Montaigne: «Il a été traduit en anglais, en allemand, en italien, imité dans presque toutes ses pensées et ses phrases par l'Es-

pagnol Feyjoo.» Comentário de Camilo: «E em Port. Martim Aff.º de Mird.ª «Tempo d'agora».

Na mesma página emendou uma data, escrevendo: «erro de imp.»

Na pag. 173, na frase *en allégeant la mémoire des acteurs*, traduziu o verbo: «dando férias á». O mesmo na página seguinte, em que *fort à court en fait d'argent* está traduzido: «e falidos ao din.ro»

A pag. 204, Ph. Chasles, referindo-se ao drama *Midsummer's night's dream*, escreve: «Quant à Son Altesse Thésée, duc d'Athènes, je passe condamnation sur cet immense anachronisme. L'ami d'Hercule envoyant au couvent une jeune fille rebelle à son père est peu historique. Dans ma classe de cinquième, cette remarque ne m'eût pas échappé; je l'eusse notée mon dictionnaire de Chompré à la main.»

Camilo defende o dramaturgo, escrevendo: «Vej. Cast. Shakspeare intenceonalm.te fez os anachronismos proprios do *Sonho*. Esta dezordem justifica o titulo.» A citação de Castilho deve referir-se à nota II da sua tradução (*Sonho d'uma noite de S. João*, Pôrto, 1874), em que o poeta justifica os anacronismos do drama.

A pag. 208, está marcada com um traço esta passagem respeitante ainda ao mesmo drama: «Le *Songe* n'est qu'un magnifique poème de rêveur attristé par ses expériences en amour.»

Na pag. 222, o autor refere-se a uma comédia de Calderon pela forma seguinte: «Lances de amor e

de fortuna: Jeux périlleux de la fortune et de l'amour.» Nota camiliana: «Não soube traduzir».

Na seguinte, diz Ph. Chasles; «Shakspeare, dont l'esprit souple s'est plié à toutes les formes dramatiques...» e Camilo, sublinhando *s'est plié*, traduz: «se acingiu ou attemperou».

E' digna de nota a simpatia de Camilo por êste verbo *atemperar-se*. De memória, ocorrem-me dois lugares onde emprega essa palavra.

O primeiro é da *Historia e Sentimentalismo* (1.ª ed., pag. 22): «O snr. Theophilo Braga, antes de formular as suas *indubitaveis* asseverações, devia attemperar-se aos rançosos processos de estudar muito para affirmar pouco.»

O outro é do *Perfil do Marquez de Pombal*, pag. VII. Aí diz que o livro não agradará nem aos absolutistas, nem aos republicanos, nem aos temperados. E explica: «Chamo *temperados* aos que se attemperam ás circunstancias do tempo e do meio.»

Continuando: na mesma pag. 223, Camilo sublinha o verbo em: «... *Périclès*, vieux canevas qu'il a retravaillé...» e traduz: «refundiu».

A pag. 226, traduz por *Como vos approuver* o título da peça *As you like it*.

Na página imediata, o autor transcreve uma estância de Camões, por êste modo:

> Qual reflexo lume do polido.
> Espelho d'aço o de cristal fermoso
> Che do rayo solar sendo ferido
> Voy ferir noutra parte luminoso:

O sendo da ozioza mao movido
Pela casa do moço curioso
Anda pelas paredes e telhado
Tremulo aqui e alli dessossegado, etc.
(*Lusiadas*, 7, 86, 87, 26).

Camilo fez as seguintes emendas; no 1.° verso eliminou o ponto final, no 2.° substituiu *o* por *ou*, no 3.° mudou em *Que* o *Che*, no 4.° o *Voy* em *Vay* e no 5.° substituíu por *E* o *O*, por *c* o primeiro *z* de *ozioza* e tilou o *a* da palavra *mão*.

Ficou assim a estância um pouco melhor quanto à grafia das palavras, mas não no que respeita à pontuação, pois nessa parte Camilo só fez a emenda citada, no 1.° verso. A' margem anotou: «Philarète não sabia uma palavra de portuguez» e sublinhou os números com que o autor pretendeu indicar a colocação da estrofe no poema, escrevendo por baixo: «que tolice!».

No seu folhetim sôbre a morte de Ph. Chasles, publicado em 1882 no jornal *A Folha Nova* (n. 272) e incluído depois nos *Narcoticos* (II, 303), Camilo não se esqueceu dêste ponto, fazendo as seguintes considerações àcêrca dos conhecimentos de português do erudito crítico francês: «É certo que elle tinha os seus pruídos de polyglota. Versava as litteraturas allemã e hespanhola e ingleza magistralmente, como sabem, nos seus bastantes volumes chamados *Estudos*. Porém, quanto á portugueza, não lisonjearei a sua memoria assentando que elle a possuisse com alguma sufficiencia. Ao proposito dos

Dramas fantasticos de Shakspeare, cita uma imagem do poeta, emprestada de Virgilio, e lembra que já Camões plagiava como o dramaturgo inglez; e, apontando o texto dos Lusiadas, escreve: *(seguem-se os cinco primeiros versos da estância)*.

Depois, os algarismos com que elle indica a passagem extractada do poema são uma curiosidade. Por debaixo dos versos, indicou: *Lusiadas*, 7, 86, 87, 26. Se a deturpação é do typographo, é natural que o auctor a corrigisse na prova. A meu vêr, Chasles desconhecia a lingua; serviu-se d'uma versão confrontando-a com o original; copiou os versos portuguezes; mas o typographo não os percebeu; e elle, revendo a prova, tambem não percebeu para os emendar. Quanto a confrontal-os de novo, não valia a pena, visto que a linguagem portugueza e a siriaca podiam affoitamente passear incognitas em Paris, em Londres e em Berlim.»

Ainda, como adiante se verá, a ignorância de Philarète na matéria mereceu mais comentários de Camilo.

Ninguém negará a sua justeza, tanto na parte relativa ao desconhecimento da língua como no que toca à indicação da estância. Aqueles números são inexplicaveis, a não ser o 87 que é, de facto, o número da estrofe no canto 8.º. Para os outros é que não há explicação e o próprio 87 perde, em tam má companhia, todo o seu valor.

Epifânio Dias, no seu comentário àquela estância, citando Faria e Sousa, transcreve os versos da *Eneida*

em que se encontra a imagem que inspirou a de Camões, versos a que, no canto 8.º do poema de Vergílio, correspondem os números 23 e 26.

Ora êste último aparece na citação de Philarète. ¿ Teria êle algum apontamento dêsses números, baralhando-os depois como se todos se referissem ao poema camoniano ?

Mas, admitindo esta improvável hipótese, o que significam os outros números ? Com vista aos charadistas.

Fôsse como fôsse, o que está certo é o comentário de Camilo : «que tolice !».

A pag. 256, está notada esta passagem : «Avoir du génie (selon la critique moderne et effrénée), c'est créer, c'est-à-dire quitter le possible pour le faux, exciter je ne sais quelle fermentation de la pensée qui donne pour résultat une écume sanglante et corrompue !»

A pag. 306-7, diz o autor, falando de Skelton : «Particularité aussi curieuse que peu remarquée : ce fils de l'Église, apprenti apostat, n'est pas le seul prêtre en Europe qui, à la même époque, batte sa mère et renie sa doctrine. Il y a un Skelton en France, un autre en Italie, un autre en Allemagne... Ce sont Rabelais en France, Merlin Coccaïe en Italie, Jean Skelton en Angleterre, Martin Luther en Allemagne.» Camilo escreve à margem : «Gil Vicente em Portugal, pelas suas satyras contra os frades, e talvez o *Chiado*, do qual restam poucos docum.tos».

Na pag. 311, refere-se Philarète a Catarina de

Bora, mulher de Luthero. Camilo anota: «Foi esta mulher que iniciou a Reforma».

A pag. 318, o autor, dissertando sôbre espiritualistas e materialistas, diz: «Ces faits sont incontéstables: — domination complète du corps, lorsque le polythéisme dit son dernier mot sous Néron et les empereurs; — domination du spiritualisme chrétien pendant le moyen-âge; — puis, lorsque ce même spiritualisme a fait son œuvre, retour progressif vers la réhabilitation de la matière.» Camilo sublinhou *retour* e interrogou: «retrocesso ? Porq̃. ?»

A pag. 333, Chasles, depois de várias considerações a respeito de traduções das línguas neo-teutónicas nos idiomas neo-latinos, escreve o seguinte: «Tel est l'étrange dilemme qui obsède tout traducteur gallo-romain, italo-romain, hispano-romain, des chefs-d'œuvre dans lesquels respire l'essence de la vie teutonique: — ou draper à la romaine, à l'italienne, à la française le colosse ennemi; ou le montrer nu, d'une nudité sans grâce. La traduction littérale est un sacrilège; la transformation élégante, un mensonge.»

Comentário camiliano ao último período: «Exageração».

A pag. 335 sublinhou: «Traduire mot à mot Shakspeare, c'est tuer Shakspeare.»

Na pag. 348, escreve o autor: «Èchappons à cette façon vague et lourde de traiter le roman historique, mensonge suspendu entre la science et le conte...» Camilo traça as últimas palavras e anota: «E' appli-

cavel ao preconizado *Monge de Cister* e m.^s ainda ao *Arco de S.^ta Anna.*» Esta nota foi desenvolvida numa outra escrita na guarda final do livro e que é a seguinte: «Deste romance (A. de S.^ta Anna), se o avaliarmos pelo seu inadmissivel predicam.^to historico, ajusta-lhe a ponto a crytica de Philarète Chasles aos romances chamados hist. (pag. 348)».

E' notável a incorrecta construção gramatical desta nota, caso raro em Camilo, mesmo em simples apontamentos.

Porque com estas notas tem estreita relação, transcrevo êstes períodos da pag. 256 dos *Esboços de Apreciações Litterarias*: «Assim é que, em poemas e romances, distingo os historicos dos ficticios. O *Monge de Cister*, a meu vêr, é mais historico nas magnificas composturas da parte inventiva, que no fragmento da chronica de D. João I, ponto essencial do entrecho. O *Arco de Santa Anna*, tirante o nome d'um bispo no catalogo dos prelados portuenses, é estreme ficção».

Já em 1859, no *Mundo Elegante*, num artigo sôbre Garrett, depois reproduzido nas *Cousas Leves e Pesadas*, Camilo escrevia: «Quando a analyse e o contacto da vida actual lhe estimulava o talento indignado, Garrett obedecia ás soffreadas da ironia sarcastica, e, fiel ao seu systema, no romance de idêas antigas inquadrava allusoens a pessoas e coisas do seu tempo. O *Arco de Santa Anna* seria um romance incoherente se o não dominasse aquella idêa mixta.»

A pag. 381, começa a parte do livro relativa a Aretino, aquela em que menos notas se encontram.

Na pag. 390, Philarète traduz alguns trechos de Aretino, merecendo êste comentário: «Este homem pouco sabia da lingua italiana».

A pag. 392, continuando a traduzir o italiano, escreve: «On dit que je suis fils de courtisane...» e, em nota, esclarece: «L'Arétin est plus expressif.» Então Camilo diz o que a pudicícia do tradutor ocultou: «*putana*, diz elle».

Nenhuma outra nota aparece no texto. No final do volume, porém, há 8 páginas de catálogo de obras do mesmo editor, e em duas delas há notas de Camilo, provàvelmente escritas naquele lugar como o poderiam ter sido em qualquer outro, pois parece que não se relacionam com o texto. Passo a transcrevê-las. A pag. 530: «Fr. Alberico de Monte Cassino, de q.[m] o Dante se inspirou», mais abaixo: «Fotheringay» e por fim: «phrazes assoladoras vermelhas e ardentes como granadas». A pag. 532, a última do livro, há êste apontamento: «scena feudal à outrance» e ainda êstes nomes: *Darnley, Bothwell, Knox, The Abbot, Walt. Scoot*. Na guarda escreveu outra lista de nomes: *Gargantua, Pantagruel, Panurgio. Rabellais, Falstaff, Sancho P., Gil Braz, Figaro, Pangloss*, bem como esta nota: «Era uma imagem pantagruelica, pelo theor das hyperboles culinarias usadas pelos seus contemporaneos Skelton, Rabellais e Theophilo Folengo, o creador das Macarroneas». A palavra *pantagruelica* substi-

tuíu o termo *rabellesiana*, escrito primeiro e depois riscado.

E assim acabam as notas escritas no primeiro dos dois livros de Philarète Chasles.

*
* *

O segundo tem por título *Études sur la littérature et les mœurs de l'Angleterre au XIX^e^ siècle*. Como o anterior, não tem data, sendo o prefácio de 1 de Agosto de 1850.

Logo na guarda da encadernação aparece a primeira nota cujo tema é outra vez a ignorância do escritor francês no tocante à lingua portuguesa. Diz assim: «Mr. F. Ch. sabia todas as linguas europeias, menos a portugueza, que é ainda um idioma hypothetico em França. Passando a francez o titulo As p. do s. R. escreveu Les pup. du seig. Rhe., comprehendendo com significação diversa de Les pupilles de Monsieur le Cure.»

No frontispício escreveu esta chamada: «hors de ligne — 100 — 414». Os números indicam duas páginas em que o autor emprega aquela expressão que Camilo sublinhou e marcou à margem com um N.

Evidentemente estas notas relacionam se com uma parte da polémica com Alexandre da Conceição.

No seu artigo publicado nas *Ribaltas e Gambiarras*, n.º 7, a pag. 51, chamou Camilo ao seu adversário «um trapalhão *hors de ligne*». Deve notar-se que, transcrito o artigo na *Bibliografia Por-*

tugueza e Estrangeira, 3.° ano, n.° 2, pag. 21, a locução francesa transformou-se em *hors ligne*. O mesmo aconteceu na transcrição feita pela *Revista do Norte*, pelo que Camilo, em carta a Silva Pinto, pediu a rectificação.

Alexandre da Conceição, respondendo, ataca o *hors de ligne*, a que chama *tolice de caloiro*, porquanto a expressão correcta, é *hors ligne*. Continuou em mais alguns artigos a discussão sôbre o ponto, trocando, como em toda a questão, os dois antagonistas aquelas *amabilidades* em que ambos eram férteis e que eram tam nacionais que Camilo, ao reproduzir na *Bohemia do Espirito* os seus artigos, deu-lhes êste título perfeitamente adequado — *Modelo de polemica portugueza.*

Camilo, defendendo a sua opinião, invocou a autoridade de dois dicionaristas franceses e a de Renan, de quem transcreve uma passagem de *L'Antechrist*, em que há a expressão *un talent hors de ligne.*

Nenhuma outra citação faz em abôno do seu parecer, o que indica talvez que não tinha notado aquela forma no livro de Philarète. A não ser assim, certamente teria citado o crítico francês, mas, quando fez o achado, logo tomou nota, preparando-se para a hipótese de ter de voltar a discutir o assunto. Creio não andar longe da verdade, supondo que assim foi.

A pag. 34, Camilo marginou e marcou com o nome *Zamperini* um trecho em que o autor fala da célebre cantora que tanta bulha fez em Lisboa no

século XVIII. Dela se ocupou nas *Noites de Insomnia*, n.º 5, pag. 21, e já anteriormente no jornal *O Mundo Elegante*, n.º 6, escrevera um artigo com o título *O Padre José Agostinho de Macedo e a Zamperini.*

Logo no número seguinte rectificou o nome do padre que era Manuel de Macedo, nada tendo que ver com o virulento graciano, criança de 9 anos quando chegou a aventureira e de 13 quando ela foi expulsa por Pombal. Camilo confundiu, fazendo logo a emenda, os dois padres, como mais tarde aconteceu a Sousa Bastos, na *Carteira do Artista*, pag. 777. Em 1863, o artigo aparece, já certo, nas *Scenas Innocentes da Comedia Humana.*

De resto, a confusão explica-se, como nota o sr. Alberto Pimentel *(Zamperineida*, pag. 29), pela identidade do apelido dos dois padres e pelo facto de ambos terem levado vida dissoluta.

Na pag. 68, sinalou Camilo esta frase: «les grands systèmes nous fatiguent autant que les grands styles».

A pag. 87, o autor, tratando de Walter Scott, escreve: «L'Allemagne s'éveillait alors de son long sommeil. Bodmer, Breitinger et le grand Lessing avaient soulevé le drapeau de la révolte intellectuelle contre Rome et Quintilien...». Camilo nota: « e contra a França principalm.^te »

A pag. 93, marcou com um N. B. o seguinte: «Quant à l'écrivain qui vit dans sa solitude rêveuse et austère, le contemporain le frappe généralement

d'une amère réprobation; c'est sur celui-là que le public se met en frais de contes pour rire et de plaisantes anecdotes: c'est aux dépens de ce pauvre ermite de la pensée que le contemporain s'amuse: le contemporain écrase Milton du regard et du geste, daigne à peine accorder aux vieux Corneille le passage libre et la place au soleil, marche sur le manteau de Cervantes, et regarde J.-J. Rousseau par dessus l'épaule. Vienne donc la mort, pour réhabiliter ces belles et courageuses intelligences et les venger!».

Na pag. 97, sublinhou esta passagem relativa a Byron: «Son génie n'est ni plastique, ni sévère. ni impartial: Il aime le préjugé parce que le préjugé s'allie bien à la passion; il aime la haine, comme mouvement violent; il aime le désespoir qui le sauve de l'ennui.».

Na pag. seguinte chama o autor ao mesmo Byron — *peintre merveilleux* e Camilo comenta: «contradiz-se quando lhe nega genio plastico na pag. 97».

Ainda a respeito de Byron, diz Philarète: «...sachant, à l'exemple de Rousseau concentrer dans un mot qui tombe comme la foudre la puissance et la douleur d'une émotion...». Camilo sublinhou *à l'exemple de Rousseau* e ao lado colocou um ponto de interrogação.

Depois o autor traduz um trecho do poeta inglês, em que se encontra êste conceito que a Camilo mereceu um ponto de admiração: «la religion ne peut consoler personne».

Mais abaixo escreve o autor: «Le premier besoin de l'existence pour Byron, c'est la sensation: Walter Scott veut tout comprendre et se fait spectateur; il veut placer les souvenirs, les passions, et les objets sous leur vrai jour. Sa personnalité s'éteint; il est *subjectif*, comme on dit dans les écoles d'un pays voisin; c'est à-dire qu'il reçoit les impressions et ne les transforme pas.» Camilo aplicou outra exclamação ao termo *subjectif*.

Na mesma página, marcou êste período: «La nature byronienne, nature de convention et de théâtre, se parodie aisément.».

Nada escreveu à margem, mas, na guarda final do volume, aparecem estas palavras: «Naturezas convencionaes, theatraes».

Na pag. 101, no período: «Goëthe et Walter Scott, après Shakspeare et Cervantes, se prirent d'une passion singulière pour la vérité, pour le balancement des idées, pour l'équilibre.», sublinhou *Cervantes* e *pour la vérité* e consagrou-lhes dois pontos de admiração.

Na pag. 103, diz o autor, falando da *Histoire de Napoléon*, de W. Scott: «Écrivant pour le libraire, il cède au mouvement de l'opinion britannique; il flatte sa race et le moment; il oublie que l'on n'est point un historien ou un philosophe supérieur, sans livrer la guerre au public.». Camilo marcou a parte final.

Na mesma página, à margem dêste trecho: «Je ne sais si le sacerdoce de la pensée n'exige pas

cette sévérité cruelle; toujours est-il que les flatteurs populaires obtiennent moins d'influence que les accusateurs et les conseillers rigides. Personne ne se souvient des Gorgias et des Prodicus de l'ancienne Grèce; les Eulogistes de Byzance sont morts depuis longtemps. Aristophane le plus inexorable des satiriques est aujourd'hui plein de vie et de verdeur; et qui de nous a lu le panégyrique d'Athènes par Isocrate?», escreveu: «Parece q̃. não quiz comprehender a cauza: é o attractivo da maledicencia».

Na pag. 104, onde o autor fala de *l'hypocrisie puritaine*, Camilo escreveu à margem: «cant», como já, a pag. 100 do outro livro de Philarète, marcara êste trecho: «Le puritanisme et la tartuferie solemnelle que les Anglais désignent aujourd'hui par le mot *cant*...». Também na guarda do volume de que agora me ocupo, escreveu essa palavra, talvez como lembrança.

No seu opúsculo sôbre a tradução do *Othelo* por D. Luís de Bragança, refere-se Camilo a êsse costume que, diz Oliveira Martins na *Inglaterra de hoje* (1.ª ed., pag. 73), *sem ser propriamente vicio, friza pela hypocrisia: o «cant», o ritual das conveniencias ininfringiveis.*

Lá vem, a pag. 57 do opúsculo: «Shakespeare aggredia o *cant* nos poemetos; mas, nas tragedias, aceitava-o para contemporisar com a opinião publica eivada de hypocrisia.».

A pag. 115, sinalou esta frase traduzida de W.

Scott: «Je voulais que la littérature fût pour moi un bâton et non une béquille».

Na pag. 121, à margem de *80:000 liv. st.*, escreveu *360 contos*.

A operação aritmética para obter esta redução de libras a dinheiro português, ao saüdoso câmbio de 4:500 rs. é uma das que Camilo fez no fim do volume e a que já me referi.

A pag. 126, marcou êstes períodos, relativos a W. Scott: «Je fais de mon mieux, me disait-il un jour; mais trop souvent mes efforts sont inutiles: l'auteur que je veux faire connaître a soin de me démentir par de mauvais ouvrages. Il y a des gens qui prennent une peine incroyable pour se damner eux-mêmes, des malheureux que rien au monde ne peut sauver.».

O mesmo na pag. 132: «L'anxiété de l'esprit, l'inquiétude de l'âme, sans tuer un homme d'un seul coup, l'assassinent lentement et le font tomber victime d'une érosion progressive, d'une action imperceptible et incessante, qui attaque, mine, affaiblit, détruit enfin le système nerveux, et cette destruction va toujours en augmentant jusqu'au moment où la paralysie commence, où les organes s'éteignent l'un après l'autre.».

A pag. 145, Ph. Chasles, depois de falar do casamento de Byron, refere-se às suas aventuras amorosas e diz: «Venise, Lisbonne, Florence et Rome offrirent tour-à-tour au poète les occasions faciles de liaisons nouvelles...». Camilo sublinhou *Lis-*

bonne e anotou: «A conquista q̃. elle fez em Lisboa foi de uma bofetada». Com esta nota se relaciona a seguinte, escrita no fim do volume: «As famigeradas conquistas de Byron na Italia reduzem se a duas mulheres ordinarias (Marianna S. e Margarida Cogny) e uma condessa separada do marido-pelintra (Guiccioli)». A essas três mulheres se refere o autor a pag. 158, 159 e 160. Camilo sublinhou os três nomes e ao da segunda (*Margarita Cogni*, escreve Philarète) fez esta observação: «chamada a Fornarina.»

A pag. 151, diz o autor: «Sa fameuse satire contre les *Bardes d'Angleterre* et les *Critiques d'Écosse*.. ». Nota de Camilo: «Esta satyra appareceu sem o nome do auctor. C. C. B. possue um ex. dessa rarissima edição». Abaixo marcou com um ponto de admiração as palavras *l'Espagne sauvage.*

A pag. 154, escreve o critico: «Byron, Rossini e, Bonaparte ont compris de la même manière la poésie, la musique et la guerre.». Camilo sublinhou os três nomes e no fundo da página escreveu: «Seculo XIX—Napoleão 3.º, Offenbach - Baudelere *(sic)*-Triple imperio».

A pag. 157, onde Philarète se refere aos amores de Byron com *miss* Chaworth, sublinhou o nome da *miss* e escreveu: «The lame boy (disse ella)».

No fim do volume desenvolveu esta nota pelo modo seguinte: «Mary Chaworth, primeiro affecto de B. chamou-lhe *the lame boy*. — Este art., subst. e

adj. decidiram do poeta, enchendo-lhe a alma do absyntho do odio ao acaso q̃. o mancou, e encorporou na socied.[e] o fantasma do accaso — d'ahi o odio ao g. homano». A seguir, escreveu: «Thomaz Moore — Os Amores dos Anjos». A essa obra se refere Philarète na pag. 157, onde fala da *miss*.

A pag. 165, traçou êste período: «Rien de plus odieux pour un homme de talent, que cette troupe empressée sur ses pas, parodiant ses pensées, calquant le dessin de ses narrations, lui empruntant impitoyablement sa misanthropie, son dandysme, son dédain, et son enthousiasme.».

A pag. 170, aparecem estas palavras italianas: «Ah! can della Madona! Cosa vustu? Esta non e tempo per ander a Lido?» assim traduzidas: «Ah! chien de la Sainte-Vierge! Est-ce toi? Est-ce là un temps pour aller au Lido?» Camilo sublinhou a primeira pregunta, em italiano e em francês, e comentou: «que traducção!». Na mesma página traduziu: «un besoin de rester *soi*» por «precizão de manter a personalid.[e]».

A pag. 175, principia a parte do livro relativa aos poetas Keats e Shelley. Depois de descrever o cemitério protestante em Roma, escreve o autor: «Deux jeunes et malheureux poètes reposent là, côte à côte: John Keats, mort à vingt-trois ans, et Percy Brisshe Shelley, mort à vint-cinq ans; deux protestants, qui ont abjuré même le Christ; le panthéiste auprès du païen, dans le cimetière calviniste.». Camilo emendou a idade do primeiro: «33 e não 23».

Mais adiante, a pag. 203, Philarète, referindo-se a Keats, diz: «Avant sa vingt-huitième année...», o que não escapou ao anotador que à margem escreveu: «Disse a pag. 176 q̃. elle morrera aos 23 a.s».

A pag. 184, diz o autor, a respeito de Keats: «La poésie devint son but unique et le paganisme la religion de sa pensée; il méconnut complètement la sainteté chrétienne et négligea cette activité pratique, nécessaire à la santé morale comme à la vigueur des sens. Sa nature débile y succomba.». Nota de Camilo: «Attribuir á fantasia pagan a doença é uma dyagnose m.s fantastica ainda».

A pag. 186, escreve o autor: «Je sais quelque chose de plus suave que la brise en été (ainsi commence un de ses charmants poèmes)» e Camilo, sublinhando as primeiras palavras, anotou: «Mal traduzido: What is more gentle etc.».

Na pag. 193, marcou a parte final dêste período: «On y voit ce qu'il pensait de la critique et combien Keats était persuadé, comme tous les esprits vigoureux, que la valeur intrinsèque du talent est toujours plus forte que les inimitiés et les obstacles.». No fim do volume traduziu: «O valor intrinseco do talento é sempre m.s forte q̃. as inimisades e os obstaculos. Keats.»

Na pag. 198, fala o autor de *la personnalité jalouse de lord Byron*; Camilo aplaudiu: «Q. verd.e»

A pag. 215, êstes períodos relativos a Keats: «On ne peut s'empêcher de penser que, si cet adolescent de génie avait été chrétien sincère et pratique, il

aurait vécu. Une activité régulière eût protégé sa pensée et ses forces», foram assim anotados por Camilo: «Paradoxo banal».

A respeito dos dois poetas aparecem ainda outras notas na última página e nas guardas do livro. São as seguintes: «John Keats e Percy Schelley *(sic)*—23 e 25 annos, sepultados em Roma no cem. protest.e — um panth., outro atheu». «Intermittencias de amor pagão aos deuses da Grecia, como Keats. (palavra riscada que parece ser *Pantheismo)* sincero e intelligivel: uma dryade em cada carvalho, uma ondina em cada lago, um sylpho em cada suspiro de luz (?) no rosal. Que alegrias ja teve o mundo!». «As philosophias pantheistas de Goethe e Scott, (?) atheu, estão tão perto uma da outra como as cinzas do pant. John Keats e do atheu Percy Shelley no cemit.º calvinista de Roma.». «O pantheismo mystico de Goethe, refinado atheismo de Voltaire fanfarrão de vicios, como Byron».

A pag. 248, diz o autor que «le nom de *Buchanan*, le grand érudit du XVIe siècle, voulait dire *l'homme des livres*» e Camilo comenta: «*Books man* que forçada analogia!».

A pag. 260, junto das palavras *le barbare et le grossier Shakspeare,* escreveu: «q̃. diremos de G. Vicente?».

Na pag. 399, marcou êste período: «Un livre mal fait vivra, si l'on y rencontre vingt pages heureuses et fertiles».

O mesmo fez a pag. 402, a estas palavras de

Marchangy, gabando uma sopa: «le bouillon aux yeux d'or sourit dans le vermeil».

Com esta acabam as notas ao segundo dos livros de Philarète Chasles que existem na minha colecção.

Nota às «Heures de Prison», de Madame Lafarge

O livro foi impresso em Paris, em 1856, e o exemplar anotado está no Museu de João de Deus, por ter pertencido a Casimiro Freire. Tem apenas uma nota, na guarda. É a seguinte: «A imprudencia, *(sic)* a má indole, o vicio, a rebeldia, a impenitencia, o crime — tudo transluz nestas pg. falsas, amaneiradas, glaciaes. Esta mulher não podia mentir a Deus, q̃. a puniu; mas manteve até ao fim o desgraçado empenho de mentir a todos, e — o q̃. mais é — inutilm.te, p.r q̃. não enganou ninguem. C. Cast.o Branco».

Esta Madame Lafarge é a mesme cujas *Memorias* foram traduzidas, em 1874, por Pedro de Amorim Viana que em tempos terçara armas com Camilo sôbre questões religiosas, Camilo batendo-se pela fé e Amorim Viana pelo racionalismo.

Quando êste traduziu as *Memorias de M.me La-*

farge, Camilo fez nas *Noites de Insomnia*, n.º 7, pag. 46, uma acerada crítica à tradução e ao *estudo moral* que sôbre a autora fez o tradutor.

Notas à «Vie de Jésus», de Ernest Renan

Em 1865, Camilo publicou o seu livro *Divindade de Jesus e Tradição Apostolica*, constituído por diversos artigos insertos, anos antes, nos semanários religiosos *O Christianismo* e *A Cruz*.

Começa o trabalho por uma carta ao Visconde de Azevedo (mais tarde Conde), em que o autor diz ter lido, pouco antes, a *Vida de Jesus*, de Renan, entrando a seguir na apreciação dessa obra que considera *um dos mais perigosos livros que ainda se escreveram contra a divindade do fundador do christianismo*.

Quando fez aquela leitura, lançou Camilo nas margens do livro numerosas notas que adiante se transcrevem.

O exemplar anotado é da sétima edição e impresso em 1863. Pertence também a Jorge de Faria.

Devo dizer que as notas ao livro de Renan já foram publícadas, mas só em parte, segundo creio. Jorge de Faria tem um recorte de jornal em que aparecem oito delas. Ignoro se as outras vieram a lume.

Se tal aconteceu, porém, devem estar perdidas em jornais que hoje não será fácil obter. Nada se perde, portanto, antes pelo contrário, em aqui se fazer a publicação completa.

O livro tem no frontispício a assinatura de Camilo. As primeiras notas aparecem logo na introdução que, diz Camilo na carta ao Visconde de Azevedo, é *a essencia do livro.*

A primeira nota está na pag. X, onde Renan diz que julga autêntica a passagem de Josefo a respeito de Jesus. É esta a nota: «É facil demonstrar que a passagem inteira foi introduzida. Compare-se o final o final *(sic)* do cap. XVIII com o começo do cap. XX. Estão entre si tão ligados que é clara a scisão que se fez para interpor a passagem. Veja-se Josepho (adiante dos citados cap.) quando falla da morte de Thiago *irmão de Jesus q. se disse Christo*».

A pag. XII, à margem dêste trecho: «Dans l'histoire des origines chrétiennes, on a jusqu'ici beaucoup trop négligé le Talmud. Je pense, avec M. Geiger, que la vraie notion des circonstances où se produisit Jésus doit être cherchée dans cette compilation bizarre, où tant de précieux renseignements sont mêlés à la plus insignificante scolastique. La théologie chrétienne et la théologie juive ayant suivi au fond deux marches parallèles, l'histoire de l'une ne peut bien être comprise sans l'histoire de l'autre.», escreveu «C. Cantu.».

A pag. XV, onde o autor diz que *la «Vie d'Apol-*

lonius de Tyane» a été écrite longtemps après *le héros*, anotou: «Aqui ha erro quanto ao *longtemps après le héros*».

Na pag. XVIII, escreveu à margem, em caracteres latinos, três palavras que no texto estão em letras gregas.

A pag. XXV, sublinhou: *je n'ose être assuré que le quatrième évangile ait été écrit tout entier de la plume d'un ancien pêcheur galiléen*, e a pag. XXVI: *Si donc cet ouvrage n'est pas réellement de l'apôtre.*

Estas passagens, e ainda outras que Camilo não assinalou no texto francês, foram por êle traduzidas na carta ao Visconde, acompanhadas de comentários sôbre as contradições do autor. Deve notar-se que, tanto na 1.ª como na 2.ª edição da *Divindade* (pag. 22 e 19, respectivamente) a palavra *pêcheur* é traduzida por *pastor*.

A pag. XXXVII, diz Renan dos evangelhos: «Tous, selon moi, remontent au premier siècle, et ils sont à peu près des auteurs à qui on les attribue; mais leur valeur historique est fort diverse.» Camilo sublinhou *à peu près*. Na carta critica largamente esta passagem e principalmente aquela expressão que traduz: *com pouca differença.*

A pag. L, marcou com N. B. esta passagem: «Une observation qui n'a pas été une seule fois démentie nous apprend qu'il n'arrive de miracles que dans les temps et les pays où l'on y croit, devant des personnes disposées à y croire. Aucun miracle ne

s'est produit devant une réunion d'hommes capables de constater le caractère miraculeux d'un fait.».

Na pag. seguinte, onde o autor diz que se na actualidade aparecesse um taumaturgo propondo-se fazer um milagre, por exemplo, a ressurreição dum morto, seria nomeada uma comissão de homens de sciência para que, perante ela e por ela fiscalizada, se fizesse a operação. Camilo comenta: «O q̃. devia ter feito Jezus».

Na pag. LIX, a última da introdução, junto ao período: «Profondément inégales et d'autant plus divines qu'elles sont plus grandes, plus spontanées, les manifestations du Dieu caché au fond de la conscience humaine sont toutes du même ordre.», escreveu «Bunser. Deus na historia».

Ao fundo da mesma página pôs a seguinte nota:

«O Evangelho de S. Marcos, authentico }
O de S. Matheus, menos } Synoptica
O de S. Lucas menos q̃. o de M. }

O 4.º Ev. de S. João, escripto no fim do 1.º seculo, m.^to inventivo, adulterado, e ditado com o fim de dar-se vulto distincto na comitiva dos Apostolos».

Esta nota parece ser um esquema do que Renan diz a respeito da autenticidade dos evangelhos e deve relacionar-se, na sua parte final, com o que se lê a pag. 23-24 da *Divindade*.

A seguir, no verso da página, escreveu esta nota: «Bunser: Christo era filho de Deus, porq̃. são filhos de D.^s todos os q̃. o sentem na consciencia. Temos

pois Padre e Filho. Espirito sancto, é a doutrina ensinada por Christo. Deste modo, Bunser aceita a Trind.e».

Depois da introdução, a primeira nota foi escrita a pag. 21.

Fala Renan do facto de ao nome de Jesus se ter atribuído a sua missão de Salvador. Camilo anota: «Dominava nos judeus a *Cabala* que engenhava intuitos mysteriosos com pequenas cazualid.es de numeros, lettras e nomes. Veja Pluquet. *Dicc. das Heresias.*».

A pag. 23, sublinhou *Jacques* e escreveu ao lado: «Thiago. Flavio Josepho diz q̃. este Thiago era irmão de Jesus. Convem porem saber q̃. a m.ma palavra grega designa *primo* e *irmão*, e em latim era egualm.te *frater* o primo».

A pag. 24, passou para letras latinas três palavras escritas em caracteres gregos.

Mais abaixo, a respeito de irmãos de Jesus, escreve: «Confira com Flavio Josepho. Antiq.», e na página seguinte, ainda sôbre o mesmo assunto, diz: «Josepho não ligava a Jesus a seria importancia q̃. se inculca dando a Jacques o titulo de *irmão do Snr.*»

Na pag. 32, onde o autor diz que o idioma de Jesus era o dialecto siríaco, sublinhou esta palavra e à margem escreveu *arameu*.

A pag. 35, Renan chama a Philon *l'illustre penseur alexandrin*; a pag. 40, diz que o mesmo *ne possède qu'une science chimérique et de mauvais aloi.*

Camilo limitou-se a marcar em cada página o número da outra.

A pag. 46, diz Renan: «Jésus n'eut ni dogmes, ni système, mais une résolution personnelle fixe...». Nota de Camilo: «Não me parece isto verdadeiro. Jesus Christo deu a perceber que seguia o dogma da immortalid.[e] da alma, admittindo penas eternas, deabo, em fim o supernaturalismo, dando cor de milagre a certos actos que os Evang. lhe attribuem.»

Esta nota relaciona-se com outra, a pag. 51, onde o autor diz que os antigos escritores hebraicos não falavam de prémios ou de penas. É esta: «Mas apparecem nas doutrinas de Jesus, e tambem se encontram nos ant.[os] escriptos hebraicos, p.[r] ex. em Job, se Job não é uma fraude relativam.[te] moderna».

A pag. 48, ao nome *Dehak (le Satan de la Perse)* pôs a nota *Antechristo.*

Na pag. seguinte, sublinhou: «Spinoza est le plus grand des juifs modernes, et la synagogue l'a exclu avec ignominie.».

Na pag. 54, onde Renan diz: «La réssurrection, idée totalement différente de l'immortalité de l'âme...», observa Camilo: «Se a alma é immortal p.[a] os premios e p.[a] os castigos, a resurreição dos corpos é inutil».

A pag. 56, diz o autor que Herodes morreu *vers l'année même où il (Jésus) naquit*, e Camilo nota: «Diz anteriorm.[te] que não se pode marcar o anno em q̃. nasceu Jesus». Não parece justa a censura pois que Renan se refere a uma época aproxi-

mada, como se vê pela preposição que empregou e que é a mesma de que se serviu para determinar a época provável do nascimento de Cristo, *vers l'an 750 de Rome*.

A pag. 62, diz Renan que na Galileia, em conseqüência das agitações sociais, havia um grande desprêzo pela morte e até o desejo de morrer. Camilo comenta: «Parece que os discipulos de Jesus, quando fugiam, e Pedro quando o negavam *(sic)* não tinham um grande desapêgo da vida. Renan generalisa as excepçoens p.ª estabelecer regras que nada fortalecem as suas opinioens.»

A pag. 75, onde Renan expõe as ideas de Jesus a respeito de Deus, Camilo põe esta nota: «Ideas textuaes de Bunsen — *Deus na historia*».

É curioso notar que, em notas já transcritas, o nome dêste autor aparece escrito *Bunser*.

Na pag. 78 aparece outra vez *Bunsen*, à margem do lugar onde Renan fala das expressões *reino de Deus* e *reino do céu*, como favoritas de Jesus.

A pag. 87, ao lado da passagem de S. Mateus em que se diz que a oração será feita em casa com a porta fechada e em segredo, escreveu Camilo: «Contra as egrejas».

Na pag. 89, marcou êste período: «Jamais on n'a été moins prêtre que ne le fut Jésus, jamais plus ennemi des formes qui étouffent la religion sous prétexte de la protéger.».

O mesmo fez na página seguinte, ao trecho: «Une idée absolument neuve, l'idée d'un culte fondé sur la

pureté du cœur et sur la fraternité humaine, faisait par lui son entrée dans le monde, idée tellement élevée que l'église chrétienne devait sur ce point trahir complètement ses intentions, et que, de nos jours, quelques âmes seulement sont capables de s'y prêter»

A pag. 128, diz Renan que Jesus *n'a pas la moindre notion d'une âme séparée du corps.* Camilo sublinhou as últimas palavras e anotou: «Veja a contradição de pag. 173 na parabola do Rico e de Lazaro, em q̃. J. C. estabece *(sic)* o seio de Abrahão (paraizo) e o inferno, salvo se o rico cahiu em corpo no inferno. Veja S. Lucas, cap. 12, v. 20 em q̃. J. Christo falla na alma arrebatada no acto da morte».

Enganou-se Camilo no número da página que é 174. É aí que o autor escreve: «Or, il arriva que le pauvre mourut, et qu'il fut porté par les anges dans le sein d'Abraham. Le riche mourut aussi et fut enterré. Et du fond de l'enfer, pendant qu'il était dans les tourments, il leva les yeux, et vit de loin Abraam, et Lazare dans son sein.».

Aqui escreveu Camilo esta nota relacionada com a anterior: «Disse Renan q̃. Jesus Christo não dera a perceber a existencia do inferno».

A pag. 171, o autor cita uma passagem de S. Lucas (XII, 20) assim redigida: «Entasser des économies pour des héritiers qu'on ne verra jamais, quoi de plus insensé ?». Camilo emenda: «N. B. Não diz tal coisa. Diz o seg.te Para q.m são as coisas q̃. ajuntas ?».

A pag. 173, falando de Judas, diz Renan que é certo que êle teve mau fim. Camilo escreve: «No cap. final diz q̃. Judas provavelm.te morreu socegado na sua propried.e de Haceldama».

Aqui também se enganou. Não é no capítulo final mas no penúltimo que Renan, depois de se referir a diversas tradições sôbre a morte de Judas, diz «Peut-être, retiré dans son champ de Hakeldama, Judas mena-t-il une vie douce et obscure...».

Neste mesmo lugar (pag. 438) escreveu esta nota: «Um dos heresiarcas do 2.º ou 3.º seculo adorava Judas em razão de ter elle sido o promotor da redempção entregando Jesus. E adorava todos os perversos que tinham motivado a concorrencia dos bons. Este sophysta não era asno completm.te ».

A pag. 175, ainda a proposito da parábola do Lázaro, diz Renan: «Plus tard on appela cela la parabole du *mauvais riche*. Mais c'est purement et simplement la parabole du *riche*.».

Camilo anota: Certam.te, p.r que, se não se empobrecesse, não entraria no gremio de Christo.»

A pag. 177, em *civilisations affairées*, sublinha o adjectivo que traduz por esta enfiada de sinónimos «negociosas, afreimadas, afanosas, laboriosas, suadas, conçativas, afadigosas».

Um alegrão para aqueles que, segundo a justa observação de Eça na admirável carta a Camilo *(Ultimas paginas)*, «admiram apenas em V. Ex.a sêccamente e pêccamente, o *homem que em Portugal conhece mais termos do Diccionario.*»

Não recomendo a êsses *secos* e *pecos* a leitura dessa carta, peça literária à altura de quem a escreveu e de quem devia recebê-la, porque sei que êles na sua *pequice*, nem querem ouvir falar do Eça. Só admitem Camilo.

Pois tenham a certeza de que haviam de gostar, se não fôssem *pecos*...

A pag. 188, escreve o autor: «Un des ses miracles fut fait pour égayer une noce de petite ville.»; Camilo observa: «Então em q̃. ficamos? Fez ou não fez milagres?».

A pag. 209, diz Renan: «La renommée de la ville natale de Jésus était particulièrement mauvaise. C'était un proverbe populaire: *Peut-il venir quelque chose de bon de Nazareth.*». Camilo nota: «Disse que Nazareth era terra q̃. se não acha citada em autor algum antigo, ou anterior a J. Ch.».

A nota de Camilo refere-se ao princípio do cap. II, onde o autor diz que aquela terra nenhuma celebridade tivera antes do nascimento de Cristo, acrescentando, em nota, que dela não se fala no Velho Testamento, nem em Josefo, nem no Talmude.

Na *Divindade* (carta ao V. de Azevedo), a pag. 25, diz Camilo: «... a pag. 243, intende que Jesus se julgava tão filho de Deus como os outros homens, posto que se presumia homem extraordinario; e a pag. 254, escreve que Jesus, desde muito, se persuadira que os prophetas o tinham em vista quando o prophetisavam...»

No seu exemplar notou a contradição nas duas

páginas citadas, devendo notar-se que a segunda é a 255 e não 254.

A pag. 290, começa assim o cap. XVIII: «Ce qui prouve bien, du reste, que Jésus ne s'absorba entièrement dans ses idées apocalyptiques, c'est qu'au temps même où il en était le plus préoccupé, il jette avec une rare sûreté de vues les bases d'une église destinée à durer.». Camilo sublinhou *idées apocalyptiques* e anotou: «intuitos de acabam.to do mundo».

A pag. 314, esta passagem: «Un grand danger résultait pour l'avenir de cette morale exaltée, exprimée dans un langage hyperbolique et d'une effrayante énergie. À force de détacher l'homme de la terre, on brisait la vie. Le chrétien sera loué d'être mauvais fils, mauvais patriote, si c'est pour le Christ qu'il résiste à son père et combat sa patrie. La cité antique, la république, mère de tous, l'État, loi commune de tous, sont, constitués en hostilité avec le royaume de Dieu. Un germe fatal de théocratie est introduit dans le monde.» foi marcada e assim comentada: «Certam.te».

A pag. 322, no período: «Il s'en faut que dans toutes les villes de la Galilée l'accueil fait à la nouvelle doctrine fût également bienveillant.», sublinhou *il s'en faut* e traduziu: «Não se cuide».

A pag. 334, encontra-se êste trecho: «Cette tunique de Nessus du ridicule, que le juif, fils des pharisiens, traîne en lambeaux après lui depuis dix huit siècles, c'est Jésus qui l'a tissée avec un artifice divin. Chefs-d'œuvre de haute raillerie, ses traits

se son inscrits em lignes de feu sur la chair de l'hypocrite et du faux dévot. Traits incomparables, traits dignes d'un fils de Dieu! Un dieu seul sait tuer de la sorte. Socrate et Molière ne font qu'effleurer la peau. Celui-ci porte jusqu'au fond des os le feu et la rage.»

Camilo assinalou-o e apreciou-o: «soberbo!».

A pag. 361, a respeito da ressurreição de Lázaro, escreve Renan: «Peut-être Lazare, pâle encore de sa maladie, se fit-il entourer de bandelettes comme un mort et enfermer dans son tombeau de famille.»

Camilo nota: «Uma fraude impossivel, se Lazaro era homem digno da amisade de Jesus; e, se Jesus condescendeu á fraude, seria um impostor».

A pag. 364, onde ainda se trata do mesmo milagre, há esta nota: «Só pode bem comprehender esta biographia quem 'a ler já despreoccupado da divind.^e de Jesus; mas q.^m precizar provas da sua absoluta humanid.^e não as acha».

A pag. 407, falando de torturas infligidas a Jesus pelos soldados e estranhando que a gravidade romana se prestasse a tais actos, Renan explica assim o facto: «Il est vrai que Pilate, en qualité de procurateur, n'avait guère sous ses ordres que des troupes auxiliaires. Des citoyens romains, comme étaient les légionnaires, ne fussent pas descendus à de telles indignités.»

Camilo põe esta nota: «A resp.^to de Malek — era soldado romano, ou legionario — centurião pag. 431.»

Nesta página notou com a palavra *centurião* a passagem onde o autor diz que Pilatos mandou chamar *le centurion qui avait commandé l'execution.*

A pag. 423, fala Renan dos que injuriavam Jesus, dizendo, entre outras cousas, que êle, que salvara outros, se não salvava a si próprio.

Nota de Camilo: «Os insultadores confessavam e o sr. Renan confessa com elles, que Jesus tinha salvado outros».

A pag. 430, Renan cita oito autores para fundamentar a sua afirmação de que, segundo o costume romano, o cadáver de Jesus devia ficar exposto à voracidade das aves de rapina.

Camilo faz êste comentário: «Que profusão de citaçoens p.ª nada, e tão parco, ou totalm.te remisso em coisas da maxima importancia!»

A pag. 433, ocupa-se o autor da ressurreição de Cristo. A esta passagem faz Camilo a sua crítica na carta ao Visconde de Azevedo *(Divindade*, 27). A' margem do livro francês escreveu uma nota, bastante extensa, mas que foi truncada pela guilhotina do encadernador.

É conhecido de todos os bibliófilos êsse selvático costume dos castradores de livros, conhecidos por encadernadores.

Não faço, portanto, comentários; alego simplesmente o facto para me justificar da exclusão desta nota e de outras a que aconteceu o mesmo. Ficaram em tal estado que, para as reconstituir, eu teria

de *colaborar* com Camilo, e a tanto não me atrevo.

A pag. 439, escreve o autor: «L'empire était certes plus loin encore de soupçonner que son futur destructeur était né. Pendant près de trois cents ans, il suivra sa voie sans se douter qu'à côté de lui croissent des principes destinés à faire subir au monde une complète transformation.» Nota de Camilo: «Como a civilisação caminha vagarosa!»

Na pag. seguinte, diz Renan: «Séditieuse au plus haut degré, l'histoire de la Passion, répandue par des milliers d'images populaires, montra les aigles romaines sanctionnant le plus inique des supplices, des soldats l'exécutant, un prefet l'ordonnant.» Camilo anotou: «Nos quadros da Paixão pelos grandes pintores os soldados romanos não figuram. São os escribas e os seus aguasis.»

A pag. 443, Renan diz que Josefo se refere à execução de Cristo em poucas linhas, e, em nota, escreve que essa passagem foi alterada por mão cristã. Camilo explica: «*Se podemos chamar-lhe homem*, é a intercallação a q̃. Renan allude na nota 2.»

Nenhuma outra nota se encontra no livro de Renan. Nenhuma outra aproveitável, bem entendido, pois, como disse, outras há que o cutelo do encadernador inutilizou.

Notas a «Le Cantique des Cantiques», trad. de Renan

O exemplar anotado é da 3.ª ed. (1870). Tem no catálogo da livraria de Camilo o n.º 624, pertenceu ao general Adolfo Loureiro e pertence hoje ao sr. Joshua Benoliel que gentilmente me disse que o possuía e que o punha à minha disposição para colher as notas.

O livro tem no frontispício a assinatura de Camilo.

A tradução é precedida dum longo estudo de Renan sôbre o poema e nesse estudo nenhuma nota se encontra.

Apenas o 4.º acto foi anotado.

Aparece a primeira nota a pag. 196, logo no princípio, na primeira fala da Sulamita *(Je dors, mais mon cœur veille...)*, e é a seguinte: «Em alguns devocionarios portuguezes este monologo da Sulamita entra na composição das Meditaçoens, Contemplaçoens e exercicios espirituaes.»

A pag. 198, diz a Sulamita: *Mon amant a le teint blanc et vermeil...*

Camilo anotou: «O m.^mo que o soliloquio anterior.»

Na pag. 199, entre as palavras do côro: *De quel côté est allé ton amant...* e as da Sulamita: *Mon amant est descendu dans son jardin...*, há

uma rubrica que diz: *Les deux amants se retrouvent.*

Camilo comentou: «Não ha necessid.^{e} de imaginar o encontro. A Sulamite responde ao chôro.»

Nenhuma outra nota existe no livro.

Notas a um volume de Shakspeare

Faz parte êste volume da *Bibliothèque Anglo-Française, ou Collection des Poètes Anglais les plus estimés* e intitula-se *Chefs-d'œuvre de Shakspeare.* A edição é bilingue, na página da esquerda o texto inglês, na da direita a tradução francesa. Compreende o volume as três tragédias *Othello*, *Hamlet* e *Macbeth*, respectivamente traduzidas por Le Bas, Fouinet e Nisard. Cada uma das peças é precedida duma notícia crítica e histórica e seguida de notas, umas e outras da autoria de D. O'Sullivan, director da *Bibliothèque.*

A edição é de Paris, 1837; o exemplar anotado é pertença de Jorge de Faria.

Como no livro de Renan, muitas das notas foram mutiladas pelo selvagem que encadernou o volume. Felizmente, na maioria dos casos não é difícil a reconstituïção do que Camilo escreveu. No ante-rosto tem o livro o nome de Camilo e a data 1858. A pri-

meira nota aparece a pag. 10 e é uma das sabotadas pelo senhor encadernador. Consertei-a o melhor possível e creio que não ficou mal. O'Sullivan vai fazendo as suas considerações sôbre o ciúme do mouro e Camilo escreve: «Quantos Othellos p.r artes do diabo? Os ciumes infundados são ciladas dos demonios incubos armadas aos maridos. E o pensamento de adulterio na mulher que é, senão o demonio incubo? A virtude então é um exorcismo, uma batalha entre os dois anjos, na qual o das trevas alcança ás vezes espantosas victorias.»

A pag. 27, começa a tradução do *Othello*. Logo na primeira fala, vê-se no original:

Tush, never tell me, I take it much unkindly,
That thou, Iago,—who hast had my purse,
As if the strings were thine, should'st know of this.

O tradutor escreve: «Fi donc! pas un mot de plus! C'est mal à toi, Iago, á toi qui as toujours disposé de ma bourse comme si tu en eusses tenu les cordons, d'avoir eu connaissance de cette affaire...»

Camilo anotou: «Não é isto.»

Na mesma página, diz o original:

Rod. — Thou told'st me, thou didst hold him in thy hate.

Iago — Despise me, if I do not.

A tradução diz:

Rod. — Cependant tu le haïssais; tu me le disais du moins.

Iago — Méprisez-moi, si ce n'est pa la vérité.

Camilo observou: «Não é isto — se eu o não aborrecer, mereço o vosso desprezo.»

A pag. 32, a frase *patience, good sir* foi traduzida por *modérez-vous, mon bon seigneur.*

Nota: «Não percebeu.»

Na mesma pag., ao texto *What profane wretch art thou?* corresponde a versão *Quel est cet infâme coquin?*

Outra vez Camilo diz que o tradutor *não percebeu.* E acrescenta: «O *profane* é *escoria, ralé, canalha.*»

A pag. 129, a frase *Villain, be sure thou prove my love false* está assim em francês: «Misérable! sache qu'il faut me prouveur que ma bien-aimée n'est qu'une prostituée.»

Camilo sublinhou e marcou com um N esta última palavra.

Na pag. 160, a frase *Fire and brimstone!* fo traduzida por *Feux et tonnerre!*

Camilo anotou: «Infernaes torturas!» e a seguir: «Fogo! enxofre! traduz o Freitas.»

Refere-se a nota ao sr. José António de Freitas, escritor brasileiro há muitos anos residente em Lisboa.

A sua tradução do *Othello* foi publicada nesta cidade, em 1882.

A pag. 231, na notícia de O'Sullivan sôbre o *Hamlet*, há o seguinte trecho transcrito de Belleforest: «Il y auroit fort à discourir, si ce prince par la violence de sa mélancolie recevoit telles impressions qu'il devinât ce que nul homme ne lui avoit jamais déclaré.» Comentário de Camilo: «A vista dupla dos desgraçados — a subtileza da alma depurada pela tristeza.»

A pag. 264, pregunta Hamlet: «And fix'd his eyes upon you?» e Horácio responde: «Most constantly.» Na tradução lê-se respectivamente: «Ses yeux fixés sur vous?» «Certainement.» Camilo substituíu o advérbio por *toujours*.

A pag. 268, diz Ofélia: No more but so?» Responde Laertes: «Think it no more.» Diz o tradutor: «Quoi! pas davantage? Non, croyez-le bien.»

Camilo traduz: «Só? Só, accredita.»

Na mesma pag.: «best safety lies in fear.» está traduzido: «la meilleure protection c'est la crainte du danger.» Escreve Camilo: «a melhor defeza é o medo.»

Ainda na mesma pag., a expressão: «though none else near» está sublinhada e assim traduzida por Camilo: «ainda m.^mo^ sem estimulos — espontanea-m.^te^ — de moto proprio.»

A pag. 272, está no original:

..............Tender yourself more dearly;
Or, (not to crack the wind of the poor phrase,
Wronging it thus,) you'll tender me a fool.

e na tradução: «Estimez-vous un bien de plus haute valeur, ou, pour ne pas torturer le sens de la phrase, vous me feriez passer pour un fou.»

Camilo escreveu, junto da tradução: «Não se percebe», e ao lado do original: «queres fazer de mim tolo — ou me consideras parvo, pascacio. &.»

A pag. 296, «Mad for thy love» está traduzido «Fou d'amour.» Camilo sublinhou *Mad* e escreveu: «desvairado.»

A pag. 299 está *bonjour* traduzindo *welcome*. Nota de Camilo: «Bemvindos.»

A pag. 344, anota assim o conhecido monólogo *To be, or not to be*: «A these é *ser ou não ser immortal*. Infere-se do discurso q̃. segue. Se não fosse o receio de maiores penas noutra vida, suicidar-se-hia, duvida — o *ser ou não ser immortal* é que sustem a mão suicida dos desgraçados.»

Esta nota é uma das cortadas à escovinha pelo barbeiro que encadernou o livro. Aí fica restaurada segundo as minhas posses.

Na mesma página, a frase: «The undiscover'd country, from whose bourn no traveller returns.» mereceu esta nota: «vulgarid.e»

A frase está assim traduzida: «Cette contrée inconnue de laquelle ne revient nul voyageur».

A pag. 361, escreve o tradutor: «Voudriez-vous bien jouer de cette flûte? — Je ne le puis.»

Camilo anotou assim a reposta: «Mal traduzido» e junto do original *(I cannot)* escreveu: «Não sei.»

A pag. 372, está no original: «like a mildew 'dear

blasting his wholesome brother.» O tradutor verteu assim: «comme un épi gâté par la nielle, a fait périr son frère en le touchant de sa corruption.»

Camilo escreve a sua tradução: «como espiga corrupta de mangra contaminou de morte seu irmão incorrupto.»

E como o tradutor tivesse deixado ficar no tinteiro o último adjectivo, preguntou: «e *wolhesome?*» É curioso o facto de Camilo ter escrito *seu irmão*, seguindo a forma masculina do original, sem se lembrar de que *espiga* é do género feminino.

A pag. 374, traduziu *a vice of kings* por *um bobo real*. Em francês está *un roi de carnaval*.

Na scena 4.ª do 3.º acto, quando Hamlet está recriminando a mãe, Camilo comenta assim as palavras da raínha: «Esta rhetorica não é má em tamanha afflição...»

A pag. 378, diz Hamlet:

> ....Forgive me this my virtue!
> For in the fatness of these pursy times,
> Virtue itself of vice must pardon beg;
> Yea, curb and woo, for leave to do him good.

Camilo comenta: «Bello!»

A tradução francesa é esta: «Pardonnez-moi cette vertu; car, dans ces jours où la corruption domine, la vertu doit demander au vice pardon de ce qu'elle existe: oui, il faut qu'elle se courbe et lui fasse la cour, pour obtenir la faveur de lui faire le bien.»

A pag. 382, traduziu *Oh heavy deed!* por *Hor-*

renda acção! O francês traduziu: *O douloureux évènement.*

No final do 4.º acto, a última fala de Laertes foi assim comentada: «Parece incrivel que Shakspeare fosse capaz desta rhetorica parvoiçada!» No 5.º acto no diálogo de Hamlet com o coveiro, sôbre a sua própria loucura, há esta pregunta feita pelo príncipe: «Upon what ground?» que o escritor francês traduziu: «À quel sujet?»

Camilo nota no texto inglês: «Intraduzivel com o equivoco do original. Pode aproximar-se *Em quê?*»

Na tragédia *Macbeth* há apenas duas notas, uma à tradução e outra à obra.

A primeira é na pag. 525. Diz o original: «the attempt, and not the deed, confounds us» e a tradução «C'est la tentative et non l'éxecution qui peut nous perdre.»

Camilo sublinhou as últimas palavras e comentou: «Mal percebido.» Ao lado do original traduziu: «nos conturba.»

A outra nota é no final da tragédia: «chato remate!»

E aqui fica o que a guilhotina do encadernador deixou em termos de se poder entender.

Nota a um livro de M.me Rattazzi

Chama-se o livro *L'ombre de la mort.*

Do exemplar de Camilo, possui o meu amigo Henrique Ferreira Lima apenas uma fôlha, aquela em que está colado o retrato fotográfico da autora.

Certamente o livro teria outras notas: oxalá que o seu possuïdor as publique.

Naquela fôlha há uma dedicatória da autora ao visconde de Ouguela, datada de 21 de Março de 1878, e por baixo esta nota de Camilo: «Mandou-me o meu amigo Visconde de Ouguella este exemplar que a princeza lhe enviara; e eu mandei-lhe a elle o exemplar que a princeza me tinha remettido. Bom é saber-se que nós ambos tivemos quinhão na gloria dos Rodrigues Pereira e d'outros commensaes desta illustre senhora a quem desejo tanto juiso que faça eclipsar o talento. C. Cast.° Br. — S. M. de Seide 79. Jan.° 3.»

Foi esta nota escrita entre a estada de Madame em Portugal e a publicação do seu célebre livro, cujo prefácio é datado de 1 de Novembro daquele ano de 1879.

Assim se explica a benevolência da nota. Bem diferente seria ela se Camilo a tivesse escrito depois de conhecer o *Portugal a vôo de pássara*, consoante a sua tradução adequada ao sexo de quem produzira o volume. Do seu folheto *A Senhora*

Rattazzi, fez Camilo uma *nova edição mais incorrecta e augmentada;* se tivesse tido mais um ano e meses de vida, teria, talvez, modificado, em *novissima edição ainda mais incorrecta e augmentada*, o género do *oiseau*, pois teria chegado ao seu conhecimento certo processo que nos tribunais franceses foi julgado em 17 de Dezembro de 1891.

O escândalo de tal processo seria campo vasto para o sarcasmo camiliano.

A tragédia do primeiro de Junho de 1890 livrou a *velha pandega vadia* de mais algumas amabilidades de Camilo.

E, quanto ao ponto de que se trata, remeto o leitor curioso para o livro *A Vida Sexual*, do sr. Dr. Egas Monis, onde, na parte da patologia, o caso vem minuciosamente descrito.

Notas a um livro de Manuel Fernandes Vila Real

Intitula-se *Epitome Genealogico del Eminentissimo Cardenal Duque de Richelieu y Discursos Politicos sobre algunas acciones de su vida*, e foi impresso em Pamplona, em 1641.

Na guarda do exemplar escreveu Camilo: «Deste

livro colheram os inquisidores as *maximas* que cooperaram na accusação q̃. levou V.ª Real á fogueira. Essas *maximas* foram expungidas na 2.ª edição da obra».

No verso da mesma guarda pôs as suas iniciais e a nota: «Raro. 4500 rs.»

Mais abaixo escreveu: «Este exemplar tem o retrato de Richelieu q̃. m.tos exemplares não tem, e a arvore genealogica.» No frontispício anotou: «A Inquisição não mutilou neste exemplar as passagens q̃. Innocencio diz ter aspado em diversas pag. A 2.ª edição foi m.to expurgada. C. C. Br.»

Estas três notas aparecem, resumidas, no catálogo do leilão dos livros de Camilo, onde êste tem o n.º 333.

Nesse leilão foi o exemplar vendido por 2050 rs., conforme nota do comprador que suponho ter sido Jaime Monis. No leilão dos livros dêste professor, recentemente feito, foi comprado por 351$00, pelo sr. Joshua Benoliel.

No catálogo dêste leilão foram publicadas algumas das notas, muito alteradas e falsamente atribuídas, em parte, a Jaime Monis.

No frontispício, por baixo do nome do autor, há ainda esta nota: «Garrotado e queimado como judeu em Lx.ª em 1652». A propósito desta data, chamo a atenção do leitor para o que fica dito a pag. 191 dêste volume.

Na já referida guarda escreveu Camilo o seguinte: «Bayle e o Cavalheiro de Oliv.ª dizem em desa-

bono de V.ª Real; Mmd.e *(sic)* de Saintonge diz bem — Q.m m.s o accusou na Inquisisão, onde foi garrotado em 1652, foi o p.e Fr. Franc.º de S. Agost.º de Macedo — D. Fr.co M.el de Mello tambem é desfavoravel ao aut. (Apologos)».

Nas *Noites de Insomnia* (n.º 11) e nos *Narcoticos* (I, 77 e seg.), lugares que já citei a propósito das notas ao livro de Henriques Gomes, encontram-se referências a Mad. de Saint'Onge e ao padre Macedo, denunciante do hebreu.

Cita Camilo a opinião de D. Francisco Manuel sôbre o autor do livro.

É no *Hospital das Letras* que o escritor se refere ao *Politico Christiano, d'aquelle desventurado politico M. F. V. que não é digno de ser nomeado.*

Creio ser êste o ponto a que Camilo alude.

D. Francisco Manuel cita a 2.ª ed. do *Epitome Genealogico*, que saíu em 1642, também em Pamplona, com o título — *El Politico Christianissimo o Discursos Politicos sobre algunas aciones de la vida del em.mo sr. Cardenal Duque de Richelieu.*

Quanto a Bayle e ao Cavaleiro de Oliveira nada sei dizer sôbre os lugares em que se ocupam de Vila Real.

No interior do livro há apenas duas notas de Camilo.

A primeira é na carta-dedicatória do autor a Richelieu, onde êle fala de *un dichoso Reino, que*

despues de tantos años de opression á recobrado su natural Rey e señor.

Camilo anotou: «Portugal».

A segunda encontra-se na página que se segue ao retrato de Richelieu e em que há um soneto de António Henriques Gomes, o autor de *El Siglo Pitagorico.*

A seguir ao nome dele escreveu Camilo: «Hebreu.»

Nenhuma outra nota tem o exemplar que me foi cedido espontâneamente pelo sr. Benoliel logo que o adquiriu.

Ia já muito adiantada a impressão dêste volume, pelo que esta notícia teve de ficar para o fim, depois das relativas a livros de escritores estrangeiros.

APÊNDICE

Estava já quase completa a impressão dêste trabalho, quando o sr. António Belo cedeu ao editor, para no livro ser publicada, uma carta de Camilo.

Tam gentil como valiosa, a oferta não era de rejeitar.

Vai, por isso, a carta neste lugar, visto não ter vindo a tempo de entrar na primeira parte.

Foi ela dirigida ao Dr. António Augusto Ferreira de Melo que, por decreto de 22 de Agosto de 1870, foi agraciado com o título de Visconde de Moreira de Rei.

Em 1866 publicou êsse jurisconsulto, então advogado no Pôrto, um livro intitulado *Theoria do Direito Hypothecario e do Registro Predial.*

Em apêndice a essa obra, faz a historia do estabelecimento do registo predial na legislação portuguesa, atacando violentamente o Dr. António Aires de Gouveia que no ano anterior, de 5 de Março a 17 de Abril, fôra ministro da justiça num gabinete presidido pelo Marquês de Sá da Bandeira.

Principia o apêndice por um preâmbulo em que Ferreira de Melo se refere ao facto (vulgar já naquela época, e não fruta do tempo presente como, de boa ou de má fé, muitos agora dizem) de com

facilidade triunfarem e conquistarem os primeiros lugares na política e na administração indivíduos sem competência.

Nessas considerações preliminares critica o autor o fenómeno que exprime por esta fórmula — *basta um homem ser tolo para entre nós se experimentar logo como sabio!*

Não contente com essas e outras palavras, igualmente contundentes, transcreveu ainda, em refôrço da sua opinião, êste trecho com que abre o cap. IX do romance *A Queda d'um Anjo* que nesse ano de 66 fôra publicado em volume, depois de ter aparecido em folhetins no *Jornal do Commercio*: «O dr. Liborio de Meirelles, sujeito de trinta e dois annos, cara honesta, e posturas contemplativas, reunia os predicados que nos outros paizes ou passam despercebidos, ou são solemnisados pela irrisão publica; mas, em Portugal, taes predicados alçam o homem ao cume da escala politica, e dão-lhe escolta de absurdos propicios até onde o parvo laureado quer guindar-se.»

Como preparatório do ataque a Aires de Gouveia, não podia o autor escolher nada melhor do que a citação daquelas palavras de Camilo a respeito do Dr. Libório.

Era a melhor arma pela oportunidade, conhecida, como era, de todo o público letrado, a caricatura do Dr. António Aires no livro que tinha então aparecido.

O próprio Camilo achou que Ferreira de Melo

era *inexoravel*, como lhe diz na carta que lhe escreveu e que a amabilidade do sr. António Belo permitiu que agora se tornasse conhecida dos admiradores do Mestre. Era muito antiga a má vontade de Camilo a Aires de Gouveia, a quem ainda em 1872, quando êle já era bispo eleito do Algarve, chamava depreciativamente o *snr. padre Antonio Ayres do Porto*, como se vê no *Carrasco de Victor Hugo José Alves*, pag. 90.

Os factos que determinaram essa malquerença estão minuciosamente historiados no cap. II do *Camillo desconhecido*, do sr. Dr. António Cabral, livro indispensável a quem pretenda estudar a vida e a obra do escritor.

Na carta cita Camilo um verso de Garrett *(Dona Branca*, canto III), aplicando-o a Aires de Gouveia.

Mais tarde, em 1879, na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, (I, 131), fechou o seu artigo a respeito do sr. Dr. Sérgio de Castro, reproduzido depois no folheto *Os Criticos do Cancioneiro Alegre*, por êste modo:

«Mas o melhor de tudo, sr. Sergio, é a receita de Garrett:

Em paz e ás moscas.»

Como se vê, tinha uma certa predilecção pelo verso garretiano, para o *receitar* aos adversários.

Aparecem também na carta os *pinhaes* que *gemem*, de que já falava no *Amor de Salvação* (1864)

a pag. 41: «A casa, onde vivo, rodeam-na pinhaes gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas.»

E no mesmo livro, pag. 11-12: «Nem já a rama dos pinhaes rumorejava aquelle seu saudoso sonido...»

Segue agora a carta, que já não é sem tempo.

* * *

Meu caro F. de Mello

Li ja o appendice. Magnifico!

Você é inexoravel. Eu, verd.^{e} verd.^{e}, esqueci a besta no monturo, e disse-lhe como o Tolentino:

Vai misero cavallo lasarento...

Parodiemos:

Vai misero Gouvea fedorento...

Não fazemos nada. Aquelle Achilles, graças ao rebitado da ferradura, nem pelo calcanhar é vulneravel.

Deixemol-o

Em paz e ás moscas, q̃ assim vai o mundo

Disia o Garrett, q̃. era intendido de javardos.

Eu por aqui ficarei todo o inverno a estudar. Quadra-me isto. Os pinhaes gemem d'aqui a dias, e eu intendo-os. Sou esperto!

Escreva m.^{to}, mande-me tudo q̃. for seu, e mande-me no que for seu como a

amigo m.^{to} sincero

Seide 26
de Agt.º de 1866.

Camillo Cast.º Br.

ADITAMENTOS

Pag. 152

No seu livro *Entre Nós*, a pag. 72-73, refere-se Silva Pinto ao exemplar do *Romanceiro* e publica a nota que Camilo escreveu na fotografia de Inácio Pizarro.

Pag. 165

Camilo nunca chegou, creio, a tratar desenvolvidamente de José Daniel, talvez por não ter tido o tempo e a pachorra de que fala na nota.

Todavia, algumas vezes se referiu ao *inofensivo choramingas.* Lembro-me agora dos *Echos Humoristicos do Minho* (I, 4) em que, falando do *humor*, chama ao de José Daniel — *humor de pús fétido.*

Pag. 169

No romance *A Via-Sacra (Seroens*, III, 19) fala Camilo dos versos de Castilho, *feitos a uma secular de Vairão.*

Como se vê, é êle proprio a contradizer-se, cha-

mando *secular* à mesma senhora que na nota diz ter sido *freira*.

Pag. 197

Como complemento da nota a respeito de Nunálvares, deve ler-se a primeira parte do cap. XIV do livro *Cavar em Ruinas*, onde Camilo, a propósito do poema de Rodrigues Lôbo, põe seus embargos à santidade do Condestável.

Pag. 210

Os dois versos de Filinto, marcados por Camilo a pag. 38 do *Vert-Vert*, foram também citados na polémica com Alexandre da Conceição (*Bohemia do Espirito*, 439).

Pag. 211

Também nas *Scenas da Foz* (pag. 100 da 2.ª ed.) há uma referência a Jorge Artur e ao seu epitáfio que, na opinião de Camilo, *não diz nada*.

Pag. 217

Em outro lugar, ainda, Camilo, se ocupa conjuntamente de Espronceda e Musset. E' no *Coração Cabeça e Estomago*, cap. III da primeira parte.

EMENDAS

Pag. 61, linha 10 — Jantei

» 80, » 28 — prox.ª

» 134, » 25 — coração

» 143, » 13 — já

» 170, » 9 — nome próprio,

» 245, » 18 — mesma

» 256, » 18 — sont constitués

» », » 30 — Chefs

ÍNDICE

APÊNDICE

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES

RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 59 E 61, LISBOA